Signum Salomonis

(Estudo de Etnografia comparativa)

Non pude mais escreuer, Por na teer mais descuberto.

G. DE RESENDE, Miscellania, est. 311.

.. sirva o pouco que disse .. de abrir caminho aos curiosos, a que procurem aventajarse neste estudo.

> D. Rodrigo da Cunha, Historia eccles. de Lisboa, fis. 17.

Sumário

Palavras prévias: fórmas e nomes gerais; divisão do presente trabalho.—I, Pentalfa & hexalfa. Antiguidade d'essas figuras. O seu uso nos Gregos. Transmissão aos Semitas, aos Indios, aos Romanos, e a outros povos (medievais e modernos). O pentalfa e o hexalfa em Portugal. Documentos arqueologicos e literarios. Nomenclatura. Magia, religião, e arte. Vida prática e recreativa.—II, Sino-saimão dobrado. Seu uso no continente português, e nos Açores. Na Hespanha medieval.—Conclusão. Origem astrologica do pentalfa. Pentalfa, hexalfa, e outras figuras geometricas. O pentalfa tem entre nós origem judaica.—Apendice.—I, Nómina contra endemoninhados.—II, Nó de Salomão.—III, Moeda com o pentalfa.—IV, Frontispicio do «Livro de S. Cypriano».—Estampas, e respectivas explicações. Origem das gravuras.

O signum Salomonis, propagado desde longinquas eras por grande parte da superficie do globo, goza de grande vitalidade nos costumes e crenças de todo o Portugal, e toma, quer entre nós, quer lá fora, várias fórmas, que vão figuradas com os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Ás fórmas representadas nas figs. 1, 2 (a fig. 2 é apenas a fig. 1, ás avéssas) e 3, que são respectivamente um pentalfa ou pentagono regular estrelado («estrela de cinco pontas») , e um hexalfa («estrela de seis

¹ Pentalfa, de πέντα «cinco», e ἄρα, nome da primeira letra do alfabeto,—significa «cinco alfas», por causa do aspecto da figura: é palavra usada por varios eruditos, por exemplo: Chr. A. Lobeck, Aglaophamus sive de theologiae mysticae Graecorum causis, 1829, p. 1346; Minervini, Novelle dilucidazioni sopra un antico chiodo magico, 1846, p. 23; Le Blant & Renan, in Revue Archéolog., st., 345; Teixeira de Aragão, Moedas de Portugal, r., 147; Head, Historia nummo-

pontas»)⁴, dá o nosso povo o nome generico de sino-sàimão; ás fórmas representadas nas figs. 4, 5 (mera variante da anterior), 6, 7, ou a algumas d'elas, chama sino-sàimão dobrado. Concomitantemente com a primeira denominação ha outras, por igual populares, como veremos depois. O povo denomina tambem, mas de maneira muito impropria, sino-sàimão a esfera armilar que se vê em certas moedas portuguesas dos secs. XVIII e XIX².

Vou aqui juntar uns apontamentos que concorram para maior conhecimento da historia d'estes curiosos simbolos astrologico-magicos. Desejava tratar em tres capitulos seguidos as tres fórmas; contudo, se quando temos diante de nós representações graficas d'elas, é visivel a distinção, nem sempre acontece o mesmo quando só temos textos em que de modo geral se diz apenas signum Salomonis: muitas vezes não sabemos se tal designação se refere ao pentalfa ou ao hexalfa. Por isso farei apenas dois capitulos: um acêrca do pentalfa & hexalfa, o outro acêrca do sino-sàimão dobrado. A materia ficará assim menos nitidamente exposta, porém talvez com maior exactidão. Por falta de documentos, serei obrigado a dar grandes saltos cronologicos e geograficos.—No fim juntarei um apendice, com materias que não pude tratar ou desenvolver no corpo do meu trabalho.

Ι

Pentalfa & hexalfa

Ainda que, como adiante direi, suponho que o pentalfa antecedeu na Historia o hexalfa, temos d'este, contudo, pela Arqueologia notícia mais antiga do que d'aquele: pelo menos Boyd Dakwins inclue o hexalfa, fig. 8, entre desenhos que decoram objectos da Britania e da Irlanda pertencentes á idade do bronze³. No que toca porém a textos

rum, p. 465 (pentagon or pentalpha). Os eruditos dizem além d'isso: pentagrama (melhor seria dizer pentagramo = gr. πεντάγραμων); tambem são d'eles as expressões pentágono, poligono estrelado. Os ingleses dizem pentacle (vid. o Dicionario de Webster). Nos livros de Magia lê-se estrela de Mercurio, por exemplo nos Secrets merveilleux de la magie naturelle et cabalistique du Petit Albert, trad. do lat., Lião de França 1791, p. 147. Adiante encontraremos designações paralelas.

¹ Hexalfa, de εξ «seis» e άλφα. Sinónimos: hexagrama (hexagramo), etc.

² Vid. O Arch. Port., x, 171.

³ Early man in Britain, Londres 1880, p. 378. Cf. tambem Matériaux pour l'hist. primit. et natur. de l'homme, 11, 501-502 (noticia bibliografica do opusculo de G. de Mortillet., Le signe de la croix avant le christian., Paris 1866).

literarios, o pentalfa sobrepuja em ancianidade o seu rival. No n.º 19 das Obras de Luciano, § 5, p. 205 da edição greco-latina de F. Didot, Paris 1840, diz-se que Pitagoras (sec. vi a. C.) mandava aos discipulos que no princípio das cartas traçassem um πεντάγραμμον, a que eles chamavam «saude»: ὑγείεια πρὸς αὐτῶν ὡνομάζατο ι. Era pois o «pentagrama» ou pentalfa, nos Gregos, um sinal de bom agouro e de profilaxia contra doenças.

O mesmo pentalfa aparece como tipo monetario, e como simbolo, em várias moedas antigas: de Pitane (sec. IV a. C.), na Misia, em conexão com Asclepio ou Esculapio, deus da saude, fig. 92; de Rodes (sec. IV a II a. C.) 3. Na Numismatique d'Alexandre le Grand de L. Müller, Copenhague 1855 4, figura várias vezes o hexalfa, que o A. chama inexatamente «pentagone» 5; Müller diz que esse simbolo representa aqui cidades da Tracia meridional, moedas de Alexandre Magno. Na mesma obra se fala do verdadeiro pentalfa em tetradracmos de Filipe III, tambem da Tracia meridional 6. Os Gregos antigos e outros povos costumavam gravar com um ponteiro nas suas moedas inscrições amorosas, nomes de divindades, etc., -graffiti- (algumas d'estas moedas eram postas nos templos): vid. Lenormant em um artigo da Revue Numismatique, nova serie, t. xv, 1874-1877, p. 325, no qual se lê: «un didrachme de Tarente au Cabinet de Berlin offre le dessin d'un pentagramme à la pointe» 7. E noutro lugar: «La même figure, à laquelle on attribuait une valeur talismanique, a été tracée au revers de deux tétradrachmes ptolémaïques de l'atelier de Racotis [= Alexandria], avec des monogrammes secondaires différents sur l'un et sur l'autre» 8. Em moedas autonomas de Nuceria (Brutii, na Italia), de legendas gregas, aparece um cavalo que tem por

¹ Este texto tem sido já muitas vezes citado pelos eruditos que se ocupam de Magia.

² Vid.: Wroth & Poole, Greek coins of Mysia (publicação do Museu Britanico), Londres 1892, est. xxxiv, e pp. 171-172; Head, Historia numorum, 1. ed., pp. 464 e 465.

³ Vid. Head, Greek coins of Caria, Cos, Rhodes, etc. (publicação do Museu Britanico), Londres 1897, p. 242.

⁴ Consta de dois volumes, um de texto, outro de estampas.

⁵ Vid. nas estampas, p. xxvii, o n.º 62. A p. xxxiv figura o pentalfa a par com o hexalfa.

⁶ Vid. no texto e nas estampas os n.º 341, 357, 377, 379.

⁷ P. 343.

⁸ P. 343.

baixo um pentalfa 1, fig. 10; estas moedas (de cobre) são do sec. IV-III a. C. 2. Outra moeda, de Teanum (na Campania), tem o mesmo simbolo 3, fig. 11: deve ser de cêrca do sec. III a C. 4. Tambem o pentalfa se vê como simbolo, sobre um lião, em uma moeda de Velia (Lucania), fig. 125. O ilustre Professor Ateniense, o S. IV. G. Polítes, lembra-me mais as seguintes moedas gregas, mencionadas em obras que não pude compulsar, por não as haver em Lisboa: da ilha de Leucada (com o pentalfa como tipo); de Tarso, na Cilicia (com o pentalfa como simbolo); e lembra-me além d'isso tesseras de Atenas (idem) 6.

Se das moedas nos voltamos para outros monumentos da antiguidade, encontramos o pentalfa pintado duas vezes em um vaso grego, ou greco-etrusco, de Cerveteri, outr'ora *Caere*, na Etruria, hoje no Museu Capitolino de Roma, figs. 13 e 14⁷, e encontramo-lo em um tumulo de Marissa, com inscrição grega, da epoca helenistica ⁸.

Dos Gregos, onde o pentalfa e o hexalfa ainda disfrutariam maiores vantagens do que as que se pantenteiam nos citados esparsos do-

¹ Vid. Mionnet, Description des médaill. antiq. (1822-1847), t. 1, p. 123, n.º 246.—Na secção das moedas dos «Populi et urbes et reges» do Gabinete Numismatico da nossa Biblioteca Nacional ha um exemplar com o pentalfa bem claro: é o que represento na figura do texto.

² Head, Hist. numorum, p. 89.

³ Mionnet, Descr. des méd., 1, 125, n.º 265. — No nosso Gabinete Numismatico ha tambem um exemplar: é o que represento no texto.

⁴ Cf. Head, p. 36, que a não cita porém.

⁵ Cf. Rasche, Lexicon univ. rei numariae, vol. vi, col. 827, s. v. «pentagonon». A moeda tem: ΥΕΛΗΤΩΝ, isto é, «dos Velienses».

⁶ Relacionei-me com o S.ºº Polítes em Atenas, em 1905, por ocasião de um congresso arqueologico a que aí assisti. Tendo-me ele mostrado em bibliotecas públicas varios codices em que se via traçado o signum Salomonis, pedi-lhe me désse extractos dos respectivos textos, o que ele fez depois por carta, e levou a sua amabilidade a acrescentar-lhes notícias sobre o mesmo signum, colhidas, umas na tradição oral grega, outras em livros impressos. D'estas ultimas eu já possuia algumas, pois havia muito que pensava em publicar o trabalho que hoje dou a lume. Com relação ás que eu não possuia, e cujo conhecimento devo ao S.ºº Polítes, bem como com relação ás notícias manuscritas e ás orais, terei o cuidado de, como acima comecei a fazer, citar no decurso do presente trabalho o nome do meu generoso informador.

⁷ Vid. um artigo de R. Förster nos Annali dell' Istituto, Roma 1869, p. 157, e a estampa nos Monumenti dell' Istituto, t. 1x, tab. 1v (Devo esta indicação ao S.º Professor Polítes). As figuras extraio-as dos citados Monumenti.

⁸ Vid. Palestine Exploration Fund, de Thiersch-Pettérs, «Prainted tembs at the Necropolis of Marissa, de ed. Londres (esta obra não a conheço directamente: regulo-me por uma informação que me deram).

cumentos, passaram eles por vias directas ou indirectas, que pela Historia conhecemos de modo geral, para os Semitas (Hebreus e Arabes), para os Indios, para os Romanos, e por fim para varios povos da Europa medieval e moderna, d'onde depois tornaram a emigrar para longe (America, etc.). O principal veículo de transmissão na antiguidade deverá buscar-se nos Judeus, que, pela sua infiltração entre Gregos e Romanos, estavam em excelentes condições para isso: Alexandria primeiro, Roma e Bizancio depois, desempenhariam aqui papeis importantes. No sec. VII p. C. aparecem, por assim dizer, os Arabes na Historia, e eles estendem-se em seguida por grande parte da Asia, pelo Norte da Africa, e por parte da Europa ocidental e meridional, e em todas essas regiões viveram em contacto com os Judeus, de quem podem ter recebido os simbolos de que me ocupo. Pelos Judeus ou pelos Arabes, e não, de certo, imediatamente pelos Gregos, se transmitiram estes simbolos aos Indios. O pentalfa e o hexalfa associaram-se nos Semitas aos nomes e lendas de David e Salomão, que por sua sabedoria e gloria exerceram, sobretudo o último, poderosa influencia nas tradições judaicas e maometanas: e assim associados os encontramos muitas vezes fóra dos circulos originarios.

Desde epocas distantes que o pentalfa e o hexalfa, e correlativas lendas salomonicas, existem nos Judeus. O nosso Valle de Moura, sec. XVII, fala da «raiz de Salomão», quae ad nares daemoniaci applicata Daemonem extrahebat et effugebat, quaque exorcistae Iudaeorum utebantur¹. Esta superstição é mencionada noutras antiquadas obras, por exemplo nos Otia imperialia de G. de Tilbury (sec. XIII)², e provém do historiador Josefo (sec. I)³: a raiz estava inclusa em um anel. Neste anel imaginaram os crentes um sêlo, que a maior parte das vezes é o pentalfa⁴.

O hexalfa aparece, no sec. III da nossa era, em um tumulo judaico de Tarento; e o pentalfa na antiga sinagoga de Tell Hum, e em um manuscrito judaico do sec. xI; Carlos IV prescreveu para os Judeus de Praga em 1354 uma bandeira com o «escudo de

¹ De incantationibus seu ensalmis, Evora 1620, p. 27. Discute as virtudes da raiz a p. 195.

² Vid. a ed. de F. Liebrecht, Hannover 1856, pp. 8-9, e a anotação 12 que este erudito lhe apõe a p. 77.

³ Antiguidades judaicas (ed. de Didot, 1845), liv. vIII, cap. II, § 5.

⁴ A respeito do anel & sêlo de Salomão, cf. Rev. des trad. pop., vII, 377 sgs.

David» ou hexalfa, e o «sêlo de Salomão» ou pentalfa 1. Com data de 1299 existe na Biblioteca Nacional de Lisboa uma rica Biblia hebraica iluminada, de procedencia hespanhola (moçarabica?), onde em uma das páginas se pintaram as armas de Castela & Lião dentro de dois hexalfas: o castelo, simbolo do primeiro reino, em um, e o lião, simbolo do segundo, no outro: figs. 15 e 16. O hexalfa constitue um «simbolo falante» em selos judaicos, dos secs. xiv-xv, cujo proprietario se chamava «Salomão»: vid. um exemplo na fig. 172. Na Revue Numismatique, 1892, pp. 240 e 245, trata-se de amuletos, igualmente judaicos, com o pentalfa, os quais porém não ascendem além do sec. xvi; e no vol. de 1894, p. 247, trata-se de uma medalha da mesma procedencia, existente na Biblioteca Nacional de Paris, com o «sceau de Salomon», talvez do sec. xvi ou xvii (vid. p. 241). O sêlo comunal de Kremsier (Austria) e o de Beuthen (Alemanha) têm o hexalfa, como consta das figs. 18 (1690) e 19 (actualidade) 3.00 hexalfa está gravado em uma sepultura judaica de Bordeus, de 1731, fig. 204, onde ele, como «escudo de David», creio que alude emblematicamente ao nome do falecido, - Moises David Lameiro. Uma associação judaica moderna, destinada á plantação de oliveiras na Palestina, tem nos diplomas dos seus membros o hexalfa, quer como emblema principal, ligado com o lião de Judá e seis estrelas, fig. 21, quer como emblema secundario em cada um dos lados, fig. 225. Alguns Judeus, como os pitagoricos, escrevem o pentalfa no começo das cartas; os da Berberia usam-no como sinal nas mesas, etc.; as mulheres judias fazem o mesmo sinal no vestuario das crianças 6. Segundo me informa o meu

¹ The Jewish Encyclopedia, vIII, 251-252. Acêrca do anel e sêlo de Salomão, vid. a mesma Enciclopedia, xI, 442, e tambem Reinaud, Monumens arabes du Duc de Blacas, I, 165-166; II, 52-55. (D'esta bela obra ha um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa, que para ela comprei em Paris, chez Maisonneuve).

² A. Blanchet, Études de Numismatique, 1, 127. Diz ele que o hexalfa foi preferido pelos Judeus ao pentalfa, por causa do seu aspecto simetrico; mas, como vamos vendo, os Judeus usam bastante o pentalfa.—Este A. cita a p. 128 muitas obras que não posso aproveitar, por não as haver em Lisboa.

³ Extraídas de Jewish Encyclopedia, x1, est. 2.º, figs. 38 e 41. No segundo sêlo o hexalfa está seguro pelas garras dianteiras do lião de Judá, posto de pé.

⁴ G. Cirot, Recherches sur les juifs espagn. et portug. de Bordeaux, Bordeus 1909, p. 124.

⁵ Os desenhos são extraídos de um diploma que o S. or D. or Alfredo Bensaude me comunicou.

⁶ Aubrey, Remains of gentilisme and julaisme (sec. xvn), publicados por J. Britten, Londres 1881, p. 51.

colega Alfredo Apell, o hexalfa é também conhecido dos Judeus da Russia, e tem entre eles o já indicado nome de escudo de David.

Quanto aos Arabes, aduzirei em primeiro lugar duas estelas funerarias que em 1909 vi no Museu Arabico do Cairo, pertencentes ao sec. VIII-IX, uma d'elas com um simples pentalfa por debaixo da inscrição, a outra com tres hexalfas nas mesmas condições, e assim dispostos: figs. 23 e 24⁴. No referido Museu, bem como no de Alexandria, existem varios discos de vidro, que se julga serem do sec. VIII, e haverem servido de padrões de peso: cada um tem numa das faces um hexalfa ou uma inscrição, estando lisa a outra face; na fig. 25 copio um do Museu Etnologico Português, que o S.ºr Aly Bey Bahgat, Conservador do Museu Arabico do Cairo, obteve particularmente e me ofereceu, e que aparecêra nas ruinas do Cairo antigo².

Tanto o pentalfa como o hexalfa constituem tipos e simbolos de moedas mahometanas da idade-media e de epocas posteriores até a actualidade. Na fig. 26 represento o anverso de uma moeda de prata do sec. XII ou começos do XIII, que examinei no Museu Arqueologico de Madrid (exemplar unico)3, e na fig. 27 uma das faces de uma de cobre, tambem medieval, que adquiri em Beja em 1916, e pertence hoje ao Museu Etnologico 4. A moeda do sec. XII, descrita no n.º 1770 das Monedas de Vives, que cito em nota, tem um hexalfa, como o proprio autor me disse em Madrid. Na obra de W. H. Valentine, intitulada The modern copper coins, que porém só conheço por umas páginas soltas, citam-se várias moedas de Tripoli, dos sultões Mustafa III (sec. xvIII), Abdul Hamid (idem), e Mahmud II (sec. xIX), com o hexalfa, figs. 28 a 33, e o mesmo sinal se vê em muitas moedas modernas de prata e de cobre, de Marrocos, etc., que vêm ter a cada passo ás mãos dos coleccionadores portugueses, e de que ha igualmente exemplares no Museu Etnologico: vid. figs. 34 a 375. O emblema salomonico figura nas moedas arabicas, diz A. Blanchet, desde os

¹ Medida da 1.º estela; 0^{m} ,56 \times 0^{m} ,41.

² Em Luxor comprei um disco analogo, porém não tem hexalfa, só tem inscrição.

³ O reverso é anepigrafo. Esta moeda é um «meio quirate ». Cf. A. Vives, Monedas de las dinast. arábigo-españ., Madrid 1893, p. 338, n.º 2006.

⁴ Ofereceu-m'a o S. Francisco Pedro Galinoti. A outra face da moeda tem letras arabicas, porém nenhum emblema.

⁵ Cf. outros exemplos in France-Maroc (revue mensuelle), Paris-Rabat, n.º 2, 1818, pp. 37-38 («haçanis» de Mulay El Hassan e de Mulay Abd El Aziz).— A moeda desenhada na fig. 37 (de bronze) foi cunhada em Paris no ano de 1330 da hégira.

primeiros califas até os ultimos imperadores de Marrocos, e substitue o nome de cada monarca, Soleiman⁴; é este um facto analogo ao já observado por M. Reinaud, tanto a respeito das moedas, como dos selos², e tambem comparavel a outro que vimos a cima, p. 208.

Das moedas de cobre de Marrocos, «feluzes», fazem as mulheres portuguesas amuletos, que colocam ao pescoço das crianças: fig. 383. Tambem na Argelia as citadas moedas marroquinas servem de amuletos, como me informa o S.ºr P. Sébillot. O ter falado de amuletos leva-me naturalmente a mencionar outros objectos de uso, em que se vê o hexalfa, e são: uma joia de senhora, talvez do sec. xvIII, que vi no Museu Arabico do Cairo; um anel de metal que vi em casa de um antiquario de Luxor (o hexalfa estava na pedra da pala ou centro do anel); um disco de faiança antiga, pintada de azul, que comprei no Alto-Egito para o Museu Etnologico, e que represento na fig. 39; um caco do mesmo Museu, de barro branco, aparecido em Faro, e dado como arabico por Estacio da Veiga, caco em que se desenhou um pentalfa, quando o barro ainda estava fresco, fig. 40; finalmente um objecto, fig. 41, que se vê desenhado num bilhete postal em que se pinta a loja de um negociante de curiosidades, de Tunis. Nos seus Monumens arabes du Duc de Blacas descreve Reinaud várias pedras preciosas em que se vê gravado um hexalfa ou um pentalfa4, e a proposito d'eles faz judiciosas considerações, algumas das quais cito no decurso d'este trabalho.

Lembrarei em seguida algumas superstições modernas. Os Muçulmanos livram-se do mau olhado, pintando o pentalfa nas casas⁵, e os do Norte da Africa fazem uso d'ele em quadros e fórmulas mágicas ⁶. O hexalfa, diz-me o S. ^{or} P. Sébillot, em carta, «est aussi fréquemment »dessiné sur les feuillets écrits cousus dans des sachets de peau que »portent pour ainsi dire tous les indigènes; parfois il est également »imprimé sur la face supérieure de l'enveloppe en peau». As mulheres da Libia usam como enfeite da cabeça discos de prata, de várias dimensões, chamados xelas pelos Arabes, nos quais discos está inscrito um hexalfa: vid. uma amostra nas figs. 42 e 43; estes discos,

¹ Études de Numismatique, 1, 128.

² Monumens arabes du Duc de Blacas, 11, 49-55.

³ Cf. O Arch. Port., x, 171, onde publiquei outros exemplares.

⁴ Vid. vol. 11, p. 52 sgs. e 240, e est. re 11.

⁵ Seligmann, Der böse Blick, 11, 254.

⁶ E. Doutté, Magie & Religion dans l'Afrique du Nord, Argel 1908, p. 1908, pp. 154-156. (Deste livro deu notícia o S. Pedro de Azevedo na Rev. Lusit., xiv, 309 sgs.).

no todo ou em parte, livram de mau olhado 1. Elworthy fala de uma especie de tambor, de caracter magico, usado em Tunis, no qual se vê pintado um hexalfa sobre os dois primeiros dedos de uma mão aberta, e ao lado do crescente; fig. 442. Desenho analogo temos na fig. 45, da Argelia3. Na fig. 46 vê-se uma tatuagem usada modernamente em Tunis 4. Quando estive no Egito, em 1909, observei que o pentalfa era lá muito querido dos Arabes, e até comprei para o Museu Etnologico dois amuletos ou chapas de prata em que ele se representa, cada um com sua inscrição religiosa: fig. 47 (na parte inferior da chapa ha cinco discos pendurados, a modo de medalhas, mas lisos); e fig. 485. O pentalfa chama-se khûtam Salaïman «anel de Salomão»: vê-se, por exemplo, figurado no tecido do fato. Indo eu a uma escola de instrução primaria em Luxor, tracei-o na pedra, e logo os rapazes disseram alto, e em côro, o nome 6. O S.or Aly Bey Bahgat informou-me de que no campo os feiticeiros traçam com versiculos do Alcorão em objectos de uso (por exemplo: pratos, cacos) o pentalfa, e dão isso aos doentes, dizendo a cada um: «amanhã de manha faze dissolver esta escritura, bebe-a em jejum, tres (ou sete) vezes, e curar-te-has de tal ou tal doença». A mesma narrativa ouvi a outras pessoas7. Sem ser propriamente como agente magico, mas como sinal, um professor de primeiras letras costumava desenha-lo com lapiz nas pernas dos discipulos, proibindo-os ao mesmo tempo de que entrassem na agua de um rio: se entrassem, a agua apagava-o, e ele ficava sabendo se os rapazes cumpriam ou não a ordem. Num prospecto que tenho presente do Third Report dos «Wellcome Research Laboratories» (Gordon Memorial College) de

¹ Bellucei, Parallèles ethnographiques, Perugia 1915, pp. 47, 48 e 50. Na fig. 42 ha um simulacro da mão de Fátema ou Fátema: cf. Bellucei, p. 47.

² The evil eye, Londres 1895, pp. 249-250.

³ Seligmann, Der böse Blick, 11, 19, e vid. p. 140.

⁴ Da revista londrina, intitulada Man, Setembro de 1905.

⁵ Acêrca de palavras magicas vid. o què adiante, p. 214 e nota 7, se diz das letras efesias. Cf. tambem: Rev. Lusitana, 11, 261; e The evil eye, Londres 1895, p. 389 sgs., onde seu autor, Elworthy, consagra um capítulo a «cabalistic writing, magical formulæ».

⁶ Como observarei adiante, ha por vezes confusão entre pentalfa e hexalfa Assim o S.ºº Doutté, na obra ha pouco citada, diz a p. 156 que a fórma hexagonal se châma entre Judeus e Mulçumanos khatêm Souleiman eselo de Salomão»; eu ouvi no Egito, como noto acima, dar o mesmo nome ou nome quasi igual (khâtam Salaman) ao pentalfa: e isto sem dúvida nenhuma.

⁷ Acêrca da erença no poder de Salomão, no Alcorão, sura xxi, v. 79, vid. Reinaud, Monumens arabes du Duc de Blaces, II, 162 ss. (Par's 1828).

Kartum, vem, a p. 22, um espécime das ilustrações de um artigo em que se trata de superstições do povo de Kordofan (Sul da Nubia, Mahometanos pretos), e entre essas ilustrações figura um «charm» com dois pentalfas: fig. 49⁴.

Dos Indios tenho pouco que referir. O hexalfa representa a conjunção de dois elementos, Siva ou o fogo, e Vixnu, ou a agoa; o pentalfa simboliza Siva, o destruidor (fogo), e Brahma, o criador, que tem cinco cabeças 2. O D. or Thomas Inman num seu opusculo sobre simbolismo publica o desenho que reproduzo na fig. 50, e que ele diz ser «an ancient Hindoo emblem, called Sri Jantra». Acrescenta: «The circle represents the world, in which the living exist; as male, »the triangle with the point upwards; and as female, the triangle with »the apex downwards; as distinct, vet united. These have a world » within themselves, in which the male is uppermost. In the central »circle the image to be worshipped is placed. When used, the figure »is placed on the ground, with Brahma to the east, and Laksmi to the »west. Then a relic of any saint, or image of Buddha, like a modern »Papal crucifix, is added and the shrine for worship is complete»3. Tambem o mesmo autor desenha na sua fig. 34.ª um pentalfa a que igualmente chama «a very ancient Hindoo emblem», cuja significação não pôde descobrir. Acrescenta: «it is used in calculation; it forms »the basis of some game, and it is a sign of vast import in sacti »worship»4.—O pentalfa figura na India em um feitico «to bring a fractious woman into your power»5, e na cura supersticiosa de uma picada de escorpião 6; trazido no braço (como tatuagem?) livra de

¹ A lenda do anel de Polícrates, que nos é conhecida por um passo de Heródoto, aplica-se a Salomão na tradição arabica: o Rei-Sabio perde o anel, que depois se encontra no estomago de um peixe. Tanto o sêlo como o anel figuram em contos populares muçulmanos. Vid. sobre estes assuntos: Jones, Finger-ring Lore, Londres 1898, pp. 91 e 503; Basset in Rev. des Trad. Pop., III, 365-368; F. M. Esteves Pereira, O anel de Policrates, Coimbra 1915 (separata do Boletim da 2.º cl. da Ac. das Sc., vol. IX).

² King, The Gnostics, Londres 1887, p. 388.

³ Th. Inman, Ancient pagan and modern christian symbolism, Londres-Liverpool 1869, p. 26.

⁴ Inman, ut supra, p. 27.

⁵ Vid. Panjab Notes & Queries, vol. π (1884), p. 5: pentalfa com varias letras e numeros, e no centro o nome da mulher de que se trata.

⁶ Vid. Panjab Notes & Queries, vol. III (1885), p. 205: «Draw this figure (penta!fa) in ink three times, at intervals of five minutes, over the wound, and the pain will disappear».

doenças e de desgostos ¹. O hexalfa temo-lo na porta de Agra(h), aindaque a edificação é trabalho arabico ².— Na nossa Biblioteca Nacional ha tres moedinhas de cobre em que se representa o pentalfa, figs. 51, 52 e 53, as quais suponho serem de Travancor.—É possivel que o signum Salomonis chegasse ainda mais longe, no Oriente; para o afirmar faltam-me porém notícias suficientes.

Tornando ás fontes helenicas, d'onde na maior parte fizemos derivar este estudo, podemos assentar que com o pentalfa que encontrámos em moedas gregas se deve relacionar o que aparece em moedas da Galia, e em moedas romanas do tempo da Republica. Nas moedas da Galia temos o pentalfa em várias circunstancias, e aí toma

a forma , que consta das figs. 54 e 553. Nas moedas romanas

temo-lo, por exemplo, na gens Acilia, na qual figurará como simbolo da saude, pois que esta familia pretendia ter introduzido a medicina em Roma 4: fig. 56. Acêrca de outras familias vid.: Rasche, Lexic. univ. rei numar., vi, s. v. «pentagonon»; Babelon, Monn. de la Républ., i, 25, 48, 409; e Grueber, Coins of the Roman Republic, Londres 1910, ii, 163, 213.

Pela data (La Tène I, ou 2.º do periodo da idade do ferro) poderei mencionar aqui dois fragmentos de vasos de barro da estação prèromana de Santa Olaia (Portugal), explorada com muito metodo pelo falecido D.º Santos Rocha, em cada um dos quais, depois da cozedura se gravou um pentalfa (graffito): vid. figs. 57 e 58, feitas sobre desenhos que o meu antigo aluno da Faculdade de Letras D.º Manuel Domingues Heleno Junior de proposito tomou, a meu pedido, no Museu da Figueira, onde os dois citados fragmentos estão sob os n.ºs 6820 e 8234. Santos Rocha especifica já o pentalfa ou pentagrama na memoria que consagrou às antiguidades de Santa

¹ Tuchmann, «La fascination», in Mélusine, IX, 127.

² King, ut supra, p. 388.

³ Vid. A. Blanchet, Monnaies Gauloises, Paris 1905, figs. 265 e 378. Cf.: Mélanges de Numismatique, 1, 171, e 391; e H. Gaidoz, Le dieu du soleil, Paris 1886, pp. 69-71.—Entre os meus apontamentos acho um em que se figura uma chapa com um hexalfa, e que tem ao lado a seguinte indicação: Bulliot, Sur Vémaillerie gauloise (Bibracte: fouilles), p. 4. Este apontamento foi tomado ha muito, e não me lembro do que é que particularmente significa.

⁴ Revue Numismatique, 1857, p. 189 (Cavedoni); Babelon, Monn. de la Républ. rom., 1, 101, e cf. p. 347.

Olaia 1. O Sr. Heleno desenhou mais um fragmento ceramico, nº 8109, que represento na fig. 59, onde parece se vê parte de um hexalfaz deve corresponder a um dos muitos sinais que Rocha insere nas est. XXVI e XXVII da sua memoria. Se Rocha não dissesse que «absolutamente nada com feição romana» 2 se encontrára no local de que provêm os fragmentos ceramicos em que se vê o pentalfa e o hexalfa (se o é), haveria grande tentação de estabelecer, não direi confronto, mas parentesco entre os graffiti dos barros de Santa Olaia e os dos fragmentos ceramicos de Numancia e Fiesole, de que adiante falarei3.

Fóra das moedas acima citadas, a epoca romana ministra-nos outros factos, e muito importantes, embora de origem diferente da das moedas, e menos antigos, pois os julgo provenientes de origem judaica, e judaico-crista.

Citarei primeiro tres textos. No Pseudo-Plinio (sec. IV), III, 15, prescreve-se que contra as febres quartãs se tracem num papel (que ainda não servisse) a palavras recede ab illo Gaio Seio, Solomon te sequitur, e que o doente o traga atado no braço direito ; Salomão no presente ensalmo figura pela força ou poder misterioso do seu nome, como outras entidades biblicas, Abraão, Isaac, Jacob, em ensalmos semelhantes . Descrevendo-se actos religiosos passados na Terra Santa, diz-se na Peregrinatio (sec. IV): stat diaconus, tenet anulum Salomonis . Num famoso prego magico, de bronze, em que ha letras efesias ?, lê-se uma invocação a Artemis ou «Diana», a qual

¹ Vid. «Estações pre-romanas da idade do ferro», in *Portugalia*, 11, 343. Ele tambem publica desenhos dos dois fragmentos na est. xxvii, n.º* 192-193.

² Loc. cit., p. 316; cf. p. 317.

³ A ceramica de Santa Olaia, a que os desenhos pertencem, é de tipo iberico. Segundo as últimas investigações dos arqueologos, a Grecia póde ter exercido, por importação, muita influência na origem da ceramica iberica dos secs. vi-v a. C. em diante (vid. Bosch Gimpera, El Problema de la cerámica ibérica, Madrid 1915, p. 63); não é porém de tão longe que virão os nossos grafiit.

Vid. Heim, Incantamenta magica, § 56 e 169. As palavras Gaius Seius parece que querem dizer «Fulano»: vid. eundem, § 56, n. 1.

⁵ Cf. Heim, ut supra, p. 522.

⁶ Silviae vel potius Aetheriae Peregrinatio ad loca sancta, ed. de W. Heraeus, Heidelberga 1908, p. 42.

⁷ Chamam-se letras efesias, em grego Έφίσια γράμματα, em latim Ephesiae litterae, certas palavras magicas e ininteligiveis, de origem antiquissima, que os Gregos, Egipcios e Romanos usavam escritas em amuletos, etc., contra diversos males. Ha uma colecção publicada por Wessely em 1886 num programa do Gimnasio Vienense de Francisco José, á qual Heim acrescenta outras, nos Incantamenta, p. 525 sgs. Vid. tambem o Dict. des antiq. de Daremberg & Saglio s. vv. «amuletum» (p. 255) e «Ephesia» (p. 639). E cf. supra, p. 211.

acaba assim: ter dico, ter incanto in signu Dei et signv Salomonis et signu Domna Artemix¹. No primeiro d'estes tres textos aparece apenas o nome de Salomão; no anulus do segundo, se nele havia uma figura, tanto póde subentender-se que ela era o pentalfa como o hexalfa; no terceiro porém é possivel que o signum seja o pentalfa, como Minervini suspeita².

Salomão, sabio como era³, e fabricador de ensalmos, como conta Josefo⁴, passou, entre Judeus e Cristãos, por feiticeiro e autor de varios livros em que havia preceitos magicos, a cujo complexo os cabalistas chamaram *Clavicula Salomonis*: d'ela se conhecem mnitos manuscritos, alguns d'eles já publicados ⁵. Num manuscrito de uma

dispersally out all the stage was two or water-stage washing in

conduction of the Alles of Period Margon and two described and

² Novelle dilucidazioni, já cit., p. 23.

Salomón, con ser tan sabio, lo engañaron las mujeres...

vid. A. M. Espinosa in Journal of American Folklore, xxvi, 112, n.º 609.

¹ Este prego foi estudado e publicado várias vezes. Tenho aqui presentes: um eruditissimo e raro opusculo de Minervini, Novelle dilucidazioni sopra un antico chiodo magico, Napoles 1846; Delectus inscriptionum Romanarum de C. Zell, Heidelberga 1850, p. 61, n.º 420; Anleitung der römisch. Inschrift., p. 164; a conhecida dissertação de Iahn, Der böse Blick bei den Alten (1855); Exempla inscript. Latinar. de Wilmanns, t., 11 (Berlim 1873), n.º 2751; Incantamenta magica de Heim, § 236. Na minha transcrição sigo a lição de Heim. Na lição de Minervini ha de antes de Domna.—Quanto á data do prego, não estão de acôrdo os arqueologos: será ele do sec. v ou 17 da era cristã (Minervini, p. 4).

³ A este proposito diz uma graciosa cantiga mexicana:

⁴ Antiguidades judaicas (já cit.), liv. viii, cp. ii, § 5. Ha quem suponha interpolado este texto, mas a Enciclopedia Judaica, xi, 446, dá-o como genuino, e cita outros documentos historicos.

b Vid.: The Jewish Enciclop., xi, 446., Roux de Lincy, Le livre des proverbes, t. 1, p. viii e n. 1, e p. ix-xi; Minervini, Novelle dilucidaz., já citadas acima, pp. 21-22; E. Lévi, Hist. de la Magie, Paris 1892, p. 109; Maury, La Magie et l'Astrolog., 4.º ed., p. 224. Na Biblioteca de Oxford ha um manuscrito da Clavicula, doado a ela no sec. xvii: vid. Aubrey, Remains of gentil., já cit., p. 51. Um manuscrito do Museu Britanico foi publicado em Londres em 1889 por Mac Gregor Mathers com o titulo de The Key of Solomon: vid. Mod. Language Notes, xxii, 248. O lexicologo Bluteau diz que viu «em Paris hum livro manuscrito, »cheyo de sinos circulares, pentagonos, hexagonos, rhombos, e rhomboides, fal-samente attribuido a Salomão; o titulo do dito livro dizia: Clavicula de Salomão» (vid. Vocabul. port. e lat., s. v. «sino-çamão»). A Clavicula tambem foi conhecida em Portugal: fala-se nela no processo inquisitorial do P.º Antonio de Gouvea, alquimista do sec. xvi: Clavycola de Salamão (e Arte de Salamão); vid. P. de Azevedo in Archivo Hist. Port., III, 195. (Creio ter outra nota portuguesa, porém não a encontro agora).

Clavicula Salomonis, ou Solomoniké, existente em Atenas, diz-se que o selo de Salomão é um pentagrama com inscrições magicasi¹; o mesmo selo é tambem designado na Solomoniké com o nome de «anel da arte (δακτύλιος τῆς τέχνης,), que o mágico usaria nas suas encantações, e noutras praticas importantes, anel cuja pala devia ter o pentagrama com doze nomes escritos dentro ou em volta2. Entre as obras atribuidas falsamente a Salomão ha uma com o titulo de Liber pentaculorum, de que fala Trithemio (de Tréveris, secs. xv--xvi)3. Rossi cita uma lamina de bronze, furada, em que se proclama a eficacia do sigillum Salomonix (sic), de mistura com o nome de Cristo4. Esta lamina é de algum modo comparavel ás medalhas bizantinas, aparecidas em tumulos, nas quais se figura Salomão a cavalo, o Anjo Arlaf, os Reis Magos, astros, legendas gregas, S. Miguel, S. Gabriel, etc., medalhas a que se dava o nome de selo de Salomão, isto é, σφραγίς Σολομῶνος, e que se relacionam com ideias gnosticas5. O gnosticismo, que formava uma das seitas religiosas

¹ Codex da Biblioteca Nacional de Atenas, n.º 1265, do sec. xv ou xvi, fl. 33.º; codex do Archivo da Soc. Hist. e Etnologica de Atenas, do sec. xviii, fl. 32.º— Esta notícia e a que se lhe segue devo-as ao S.º Polítes, a quem já me referi supra.

² Cod. n.º 1265, fl. 16.ª; da Soc. Hist., fl. 12.ª Eis outros preceitos tirados da Solomoniké: Para a preparação dos amuletos, o magico que convoca os espiritos terá consigo um amuleto em que haja um pentagrama inscrito num circulo e traçado em um pergaminho feito da pele de um veado ainda não nascido (ms. da Soc. Hist., f.º 17 b). Para o descobrimento de um tesouro, o magico deve ter um cirio em que esteja traçado um pentagrama; a criança que o acompanha deve ter outro pentagrama, a modo de amuleto (ms. da Bibl. Nac. de Atenas, f. 26.ª).

³ Apud Minervini, Novel. diluc., já cit., pp. 23-24.—Com quanto antiquada, convem aqui lembrar a seguinte obra, que trata dos livros de Salomão: De rebus Salomonis regis, por Juan de Pineda, Sevilhano e Jesuita, Lião de França 1609, p. 156 sgs., isto é, liv. III, cap. 29 (consultei o exemplar da Academia das Sciencias de Lisboa). As incantationes, clavicula e anulus ha referencias no § 7. O A. fala, já se vê, como catolico, e suspeita da autenticidade do que diz Josefo. Mas para o meu intuito o que me importa são as superstições, e a extensão d'estas, e não se o texto de Josefo é puro ou impuro. Cf. supra, p. 215, nota 4.

⁴ In Bullettino di Arch. cristiana, vii (1869), 59-64.

⁵ Acêrca de medalhas bizantinas com ideas gnosticas vid.: Schlumberger, in Mélanges d'archéolog. byzant., 1895, 1.* serie, 117 sgs.; Sorlin-Dorgny, in Rev. des études grecq., iv, 1891, p. 287; Babelon, in Bullet. de la Soc. des Antiq. de France, 1897, p. 190; Bullet. de corresp. hellén., xvii, 1893, p. 638. (Consultei algumas d'estas obras em Atenas em 1905, no Museu Numismatico). Vid. tambem: Babelon, Traité des mon. gr. et rom., i, 689, onde menciona as referidas obras, e cita por exemplo medalhas com legendas como: CΦΡΑΓΙC COΛΟΜΟΥΝΟΣ ΒΟΗΘΙ ΙΩΑΝΝΟΥ «selo de Salomão, socorre João»; e Heim, Incantamenta magica Graeca Latina,

que existiam nos primeiros tempos da era actual¹, parece ter penetrado no cristianismo, do sec. 1 para o 11²; compunha-se de um mixto de crenças de multipla origem (pagã, etc.), e infiltrou-se em Bizancio. Supõe-se que os gnosticos escolheram como um dos seus simbolos o pentalfa, pois Montfaucon traz varios abraxas ³ com o pentalfa, os quais lhes atribue⁴. Alguns d'estes abraxas tinham já sido publicados por Abraham Gorle ou Gorlée ⁵ na Dactyliotheca «seu annulorum sigillarium apud priscos tam Graecos quam Romanos usus..» (1601)⁶, e d'ele reproduzo nas figs. 60 a 62 tres desenhos

Leipzig 1892, §§ 61 e 62, que remete para Schlumberger, in Rev. des études grecq., v (1892), 73 sgs., artigo intitulado: «Amulettes Byzantins anciens destinés à combattre les maléfices et maladies».—Nos citados Mélanges, 1, 1895, Schlumberger não indica à data das medalhas, mas o sabio Director do Museu Numismatico de Atenas, o S. or Svoronos, disse-me em conversação que talvez sejam do sec. vi da era atual.

1 A palavra deriva de γνωστικεί «sabedores»,—de γνῶσις «acção de conhecer», «sciencia», no nosso caso «conhecimento de Deus».

2 Vid. Enciclopadie de Pauly, s. v. «Gnosis (Gnostici)».

3 A palavra «abraxas» tem sido variamente explicada. Uns vêem nela ἀδραξάς, ou ἀδρασάξ, cujas letras perfazem o numero «365», que representava 365 manifestações da divindade. Depois a palavra passou a significar não só uma pedra ou amuleto que a tivesse gravada, mas qualquer outra pedra que contivesse simbolos gnosticos. Vid. Dict. génér., s.v. «abraxas». Outros supõem que a palavra será desfiguração de uma benção hebraica (o que parece mais provavel): vid. Hubert, in Dict. des Antiq., s.v. «magia», p. 1505. Cf. o mesmo, no cit. Dict. des Antiq., s.vv. «abraxas» e «gemma».—No 4.º compartimento egipcio do Museu Britanico ha muitas pedras gnosticas (gnostic gems), com sentenças magicas, figuras de deuses, de demonios, de animais, etc.: cf. A guide to the exhibition galleries, Londres 1912, p. 48. Entre essas pedras preciosas vi tambem um «pantheistic god Abrasax», com cabeça de galo, pernas terminadas em serpentes, etc.—Acêrca de documentos gnosticos na Hespanha (inscrições, etc.), vid. M. Macias, Epigrafia romana de Astorga, Orense 1903, pp. 41-44, 113-116 e 141 sgs.

⁴ L'antiquité expliquée, t. 11 (= vol. 4.º), est. 169, em frente da p. 374, e est. 160. Cf. tambem: Reinaud, Monumens arabes du Duc de Blacas, já cit., 11, 241 e nota 4; Loiseleur, La doctrine secrète des Templiers, 1872, pp. 130; e King,

The Gnostics, p. 423.

⁵ O nome está em latim: Abrahamus Gorlaeus. Este A. é de Amsterdão.

6 Devo o conhecimento d'esta obra ao S. Polites. Sirvo-me de um exemplar da ed. de 1695 (Leiden), 2 tomos, com explicações de Gronovio, que existe na biblioteca da nossa Academia, onde tambem encontrei uma edição francesa, mais breve, com o titulo de Cabinet des pierres antiques gravées . . tirées du Cabinet de Gorlée et autres célèbres cabinets de l'Europe, Paris 1778, igualmente de dois tomos. Da edição latina conheço outro exemplar, Leiden 1707, que consultei em Roma.

de pedras ou gemas que têm o pentalfa¹: n.º 192, pt. 1, anel em cuja pala se vê o pentagono inscrito na rosca formada por uma serpente que morde a cauda²; n.º 429, pt. 11, ectypum (gema, que tem gravados varios simbolos, como estrelas, etc., e entre eles o pentalfa duas vezes); n.º 459, tambem da pt. 11, heliotropium outra gema ou pedra preciosa, em que se vê gravado um pentalfa acompanhado de letras desconhecidas. Do último desenho diz o anotador Gronovio, sob o n.º 192 da pt. 1., que o extrain cex Chifletii 3 Abraxicis, tabul. xxv», e acrescenta que as letras, segundo alguns eruditos, significam ὑγιείαν 4.

Eis outros testemunhos arqueologicos, quer do hexalfa, quer do pentalfa, na epoca romana (e cristã). Duruy reproduz na sua Histoire des Romains, 1879-1889, um mosaico de Constantina, em que se representa aquele, como ornato, com Neptuno e Anfitrite⁵, e no Dict. des antiquités de Rich dá-se o desenho de uma tabula marmorea de jogo, da era crista, achada em Roma em excavações, na qual aparece o mesmo sinal sotoposto a uma cruz: vid. fig. 636. Numa tegula de Praeneste, hoje em Roma, vê-se a fig. 64: isto é, um pentalfa inscrito num circulo, havendo letras nos angulos externos, as quais significarão M(arci) Sici(ni) 7. Numa tegula de Valmonte, tambem na Italia, vê-se a fig. 658. Em 1912 examinei no Museu de Fiesole um fragmento de vaso romano, de barro preto, achado naquela cidade, o qual tinha um graffito que representava um pentalfa: copi-o com a maior exactidão que pude, no tamanho e na fórma, fig. 66: Nas excavações arqueologicas de Numancia (Hespanha) apareceram analogamente fragmentos ceramicos (arretinos) da epoca romana com o pentalfa inciso neles, fig. 679. De uma sepultura dos primeiros tempos do Cristia-

appe profitance of a starting as the course only of the system and a land of the course of the cours

¹ No texto diz-se, por equivoco, hexagonum em vez de pentagonum.

² Uma serpente que morde a cauda é bem conhecido simbolo do curso da eternidade (curso do sol e do tempo). Cf. Cumont, in *Rev. Arch.*, 1902. τ, 3 e 5; eundem, *Mithras*, π, 208, e fig. 36, e τ, 80; Toutain, *Les cultes païens*, π, 127; Elworthy, *The evil eye*, p. 311 (simbolo de perpetua união).

³ Isto é, «de Chiflet».

Cf. o que escrevi supra, p. 205.

⁵ Vol. III (ed. de Paris), entre pp. 358 e 359.

⁶ Ob. cit., s. v. «abacus».

⁷ Corpus Inser. Lat., xiv, 4091-72

⁸ Corpus Inscr. Lat., xiv, 4091-so. Remete-se ai o leitor para as Notizie degli scavi, 1883, p. 88.

⁹ Mélida, Excavaciones de Numancia, Madrid 1898, p. 68.

nismo copio a fig. 68, publicada pelo P.º Systo 1. Tambem Fabretti menciona a existencia do pentalfa em uma inscrição cristã, datada de 4572. Nas Catacumbas, ad clivum Cucumeris, consta-me que ha um graffito que representa o pentalfa, porém não posso dar mais informações. O nosso proprio país oferece dois exemplos antigos do pentalfa: um tijolo de Alcobaça e uma tegula de Vilar-Seco, ambos da epoca romana ou visigotica, têm gravado, cada um, seu pentalfa 3; o tijolo de Alcobaça vai copiado na fig. 69, extraida do vol. I d-O Arch. Port., citado em nota. Numa lapide trilingue, isto é, com inscrições em hebreu, latim e grego, a qual apareceu em Tortosa, e deve datar do sec. vi, representa-se, no começo da 1.ª linha hebraica (á esquerda), um pentalfa, e no fim da 1.ª linha latina, debaixo da inscrição hebraica, outro pentalfa, a par com um candelabro: fig. 70. Este monumento foi estudado em 1860 por Le Blant & Renan, que dizem: «L'étoile à cinq pointes, qui rappelle le pentalpha de Pytha-»goras, est sans doute purement ornementale. Le chandelier à sept »branches est souvent gravé, on le sait, sur les épitaphes hébraïques » des premiers siècles de notre ère» 4. Vid. tambem Hübner, Inscr. Hisp. Christ., n.º 186, que diz: «pentalpha ornamenti tantum locum » obtinere putat; candelabrum contra solemne est in titulis Iudaeorum». E quanto á data: «Saeculi visa est tam Le Blant quam mihi sexti »fere exeuntis, ut sit vetustior quam persecutiones contra Iudaeos a »Recaredo (a. 586) coeptas et deinde per saeculum septimum repe-»titas».—É curioso que, ao passo que Le Blant & Renan, por um lado, e Hübner, pelo outro, assinalam a importancia do candelabro, não atribuam nenhuma ao pentalfa! Pois eu creio que a presença d'este simbolo num tumulo judaico de Hespanha tem muitissima importancia para a nossa Etnografia, como adiante veremos.

Não em sepulturas, nem em ceramica, mas como tema simplesmente escultural, cita o Prof. E. A. Stückelberg exemplos do pentalfa em Spálatro, na Dalmacia, e em Como na Italia: um dos pentalfas (Como e Spálatro) é simples, o outro (Spálatro) vai copiado na fig. 715.

Com os ultimos documentos estamos já na idade-media, da qual

¹ Notiones Archaeologiae Christianae, II, II, 10.

² Tom. x, p. 486: apud Revue Archéolog., 1860, 11, 345-350.

³ Vid. O Arch. Port., 1, 104 (artigo de V. Natividade), e 111, 86 (artigo de D.º Santos Rocha). Os dois autores dos artigos atribuem as peças á epoca romana. Todavia não sería impossível que pertencessem antes á visigotica.

⁴ In Revue Arch., 11, 345-350.

⁵ Vid. Longobardische Plastik, 2.ª ed., Kempten-Munich, 1909, pp. 18 e 55-

é preciso dizer mais algumas palavras. Iremos seguindo os tempos até á actualidade. Para não fugir totalmente da ordem cronologica, terei de falar de certos países mais de uma vez. Deixo Portugal para o fim, pelas razões que depois darei.

Além do que fica exposto, a importancia do pentalfa medieval deduz-se de muitos outros factos. Num codice da Biblioteca de S. Galo (Suiça), do sec. IX, contem-se um ensalmo ad morbum omnium pecurum (sic), com várias palavras magicas traçadas entre uma estrela e um pentalfa, e entremeadas de cruzes, assim: * chavit rauto + ad qui bany + de p̄ corte ut maxime retor ★1. Num codice, sec. XIII, das Cantigas galegas de Afonso X, «o Sabio», ha uma bela iluminura que acompanha a cantiga n.º cxxv, e aí se vê duas vezes o pentalfa como manifestação de crença supersticiosa hespanhola, porque se trata de um clerigo nigromante². Crenca semelhante se nos revela em uma pedra (gem) magica, talvez pertencente á idademédia, ou que pelo menos é anterior ao sec. xvII, citada por King 3. A operações mágicas medievais poderá associar-se aqui um passo de um conto de Lytton, que foi traduzido por Gonçalves Viana: diz-se no conto que em uma folha de pergaminho cestavam inscritas em duplo sino-saimdo umas palavras em latim» 4.

Emparelhados com verdadeiras superstições, como as que ficam mencionadas, ha casos em que nem sempre poderá decidir-se com certeza se o pentalfa e o hexalfa figuram com intuito sobrenatural ou só incidentemente, pela grande aceitação que tinham ou tiveram nos espiritos, ainda que isto mostra ipso facto o valor dos mesmos. Assim, aparece o pentalfa ou o hexalfa em assinaturas de reis de Navarra dos secs. x e xI, figs. 72 e 73 5, como sinal de notarios dos secs. xII e XIII, figs. 73 bis e 74 6, e em moedas de muitas partes da Europa: França, Dinamarca, Goslar, Braunschweig (ou Brunswick), Pomerania, do secs. XI a XIII. Ás moedas dinamarquesas e alemãs refere-se Frie-

¹ Heim, Incantamenta (já cit.), pp. 563-564.

² Vid. Cantigas de Santa Maria, ed. da Academia Hespanhola, t. 1 (1889) p. 187, estampa; e cf p. 76.

³ The Gnostics, Londres 1887, estampa H, n.º 5, e p. 442.

⁴ Vid. o meu artigo intitulado «Gonçalves Viana» no Boletim da 2.º cl. da Academia das Sciencias, x, 619, n. 3.

⁵ Colección de firmas de Muñoz y Rivero, Madrid 1887, cuaderno 1.º

⁶ Vid. Guigue, De l'origine de la signature et de son emploi au moyen âge, Paris 1863, est. 18.^a, n.^o 6, e est. 19.^a, n.^o 1 (Devo o conhecimento e comunicação d'esta obra ao S.^{or} Pedro de Azevedo).

densburg num artigo ¹. Quanto ás francesas, especificarei as de alguns senhores de Déols, dos secs. XI e XII, nas quais o pentalfa alterna com o hexalfa ²: vid. fig. 76, extraida da obra D'Avant, que cito em nota ³, e fig. 76, cópia de um exemplar do Museu Etnologico, que comprei em Paris ⁴. Em ambas estas moedas vemos a cruz associada aos dois simbolos. Magia & arte, ou religião & fantasia, dão assim as mãos uma á outra! No Museu Arqueologico de Madrid, sala IV, n.º 1012, examinei uma chapa metalica, de cinturão, de que ofereço ao leitor um esbôço na fig. 77 (altura uns 0^m,045; largura uns 0^m,03), que parece visigotica, embora esteja junta com cousas arabicas: no centro d'ela vê-se um hexalfa, com pontos ou circulozinhos inclusos. O S. or D. Antonio Vives deu-me conhecimento de outra chapa semelhante, de prata, em mau estado: vid. um esbôço na fig. 78; porém esta foi achada com uma moeda do sec. XII (em Malhorca).

Temos o pentalfa ou o hexalfa com caracter industrial, tambem na idade media, quando insculpidos em cantarias que fazem parte de paredes de mosteiros, catedrais, igrejas várias, na Inglaterra⁵, na Escocia⁶, na Hespanha⁷, etc.⁸; e temos o hexalfa, por exemplo, como

¹ «Die Symbolik der Mittelaltermunzen», trad. ingl. no Numismatik Circular, Set.-Out. de 1914, col. 573. Todavia Friedensburg confunde o pentagrama com o fylfot. Esta ultima palavra é sinonima de suástica ou cruz gamada: vid.: Goblet d'Alviella, La migration des symboles, Paris 1891, pp 49-50; e Elworthy, The evil eye, Londres 1895, p. 289.

² D'Avant, Monn. féodal. de France, t. 1, Paris 1858, est. Lx, n.º 20-21, est. xli, n.º 2-19, e est. xlii, n.º 19.

³ Vid. o n.º 8 da est. xli. O anverso diz: radvlevs + dom. O reverso: dvx milice.

⁴ O anverso diz: Radulfus. O reverso: Dedolis.—Este Radulfus é um dos senhores de nome «Raoul». Cf. D'Avant, ob. cit., est. xxx, n.º 9 (texto p. 273, n.º 1946).

⁵ Abadias de Furness ("early english" periodo) e Malmsbury: vid. Godwin, "Marks discoverable on the stones of various buildings erected in the middle ages" in *Archaeologia* (revista), vol. xxx, p. 114, est. vii.

⁶ Vid.: Daniel Wilson, Prehistoric Annals of Scottland, 1863, p. 446, onde com o pentalfa se desenham outros mason-marks; e P. Chalmers, «On the use of mason-marks in Scotland», in Archieologia, vol. xxxiv, p. 33 sgs., est. III e iv.

⁷ Lampérez y Romea, Hist. de la arquitect. crist. españ. en la ed. med., t. 1, Madrid 1903, est. 1, taboa em que reproduz varios sinais. Romea ora dá o pentalfa como sinal magico, ora com o valor de «cinco» (por causa das cinco pontas); ao hexalfa chama tambem signo numerico, e «macrocosmos, ó sello de Salomón» (vid a cit. estampa, e tambem pp. 48-49).

⁸ O autor dos Remains of Gentilisme, já citado, diz a p. 426 que ha um penta-

marca de canteiro, na igreja de Santa Radegundes, em Poitiers . Não já propriamente da idade-media, mas de 1494, é o pentalfa que figura na marca d'ágoa do papel de um livro impresso em Çaragoça, e ora existente no Museu Etnologico: fig. 79². Igual caracter industrial apresenta o hexalfa no sec. xvi em uma carta de jogar, talvez de Catalunha ou Aragão, fig. 80³, e em um azulejo de Cuenca, fig. 81⁴. Um pintor leonês (França), do sec. xv, chamado Bernardo Salomon, faz figurar o pentalfa depois do seu nome, como «simbolo falante»⁵.

Tanto nas assinaturas e moedas como nas cantarias e noutras marcas o pentalfa ou o hexalfa têm feição distintiva e individual. A mesma encontramos para o pentalfa em um incunabulo de 1483 (Veneza), onde significa posse⁶, e em emblemas de cavaleiros hes-

grama na abadia de Westminster, onde lhe atribue poder magico; mas será tambem simples marca de canteiro? O S.or D.or Polítes informa-me que o mesmo sinal «forme aussi quelquefois l'ornement central du dallage de certaines églises [da Grecial, comme dans la cathédrale d'Athènes, dans l'église de Megalo Spiléon, etc.». Faço a mesma interrogação. - As marcas ou siglas dos edificios medievais crê-se que foram gravadas nas pedras pelos canteiros para se saber que trabalho cada um executava. Algumas d'elas são tradicionais, e ascendem já á antiguidade. Vid. sobre isto King, The Gnostics (já cit.), p. 385 sgs; collecção de marcas: ibid., p. 386. A uniformidade de tais siglas explica-se por serem na idade-media feitas as obras de certa importancia por obreiros que estavam organizados de modo especial, e comunicavam de uns países com outros. A respeito da Franca, Inglaterra e Alemanha, a Historia conhece os obreiros pelo nome de franco-mações; na Hespanha parece que não houve propriamente franco-mações, e houve apenas certas corporações gremiarias, que duraram até o sec. xvi: vid. Lampérez y Romea, ut supra, I, 41-44. O documento mais antigo e mais genuino acêrca dos mações ou construtores da Inglaterra (e refiro-me a este país, por tambem citar exemplos d'ele no texto) é do sec. xin. O «mediæval guild of masons» não era sociedade secreta, era analogo a outras corporações, de carpinteiros, alfaiates. Vid. King, ut supra, p. 385.

¹ Vid. Godwin in Archaeologia, t. 111, est. 1x («Marks discoverable on the stones of various buildings erected in the middle ages»).

² Intitula-se: Cöpendio de la Salud humana. Cf. Hist. do Museu Etnologico, p. 270, onde por engano se imprimiu «1914» em vez de «1494».

³ Vid. Janér, «Naipes y cartas de jugar», in Museo Españ. de Antigüed., 111, 59.

⁴ Vid. E. A. Barber, Spanish Majolica in the collect. of the Hispanic Soc. of Amer., New-York 1915, est. 37.

⁵ A. Blanchet, Études de Numismat., 1, 182, n. 2.—Acima, p. 208, indiquei factos paralelos a este.

6 Perdi a nota respectiva, e não posso indicar o titulo do livro, nem onde o vi. O dono era estrangeiro.

panhois que entraram em torneios cantados no Cancionero General de 1557 (Anvers — Antuerpia) ¹.

Aos fins da idade-média, ou começos do sec. xvi, pertence uma oração grega (de Creta) que se recitava para se obter boa pesca, e na qual oração se figura um peixe com um hexagrama, que encerra outro incluso, estando por baixo de tudo um pentagrama: fig. 82². No sec. xvi o pentagrama serviu de marca ao impressor Joannes Soter, em Colonia, fig. 83³ (talvez por causa do apelido Soter = σωτίρ «salutar», e «salvador»), e a muitos canteiros em Hespanha⁴. Do mesmo seculo é, como creio, a 1.ª edição do Enchiridion Leonis Papae (1525), livro apocrifo, mas de caracter magico: a Biblioteca da Ajuda possue uma edição de Roma, 1800, que consultei: a obra contém ensalmos, orações, fórmulas supersticiosas, palavras hebraicas, nomes proprios e o desenho do pentagrama, com outros desenhos igualmente talismanicos⁵. Na antiga Biblioteca Imperial (hoje Na-

¹ Fls. 217 e 217 v («Fray Iñigo de Mendoça a vn signo de Salomon», e «El Conde de Tendilla sacó en bordados vn medio signo de Salomon»). Consultei o exemplar da nossa Biblioteca Nacional.

² Vid. F. Pradel, Griechische und suditalienische Gebete, Beschwörungen und Rezepte des Mittelalters, Giessen 1907, p. 15 e nota á l. 6.

³ Vid. Inventaire des marques d'imprimeurs, 3.º fasciculo, 1888, p. 8. Este desenho lembra um pouco o que figurei sob os n.ºs 62 e 64.

⁴ Vid. Lampérez y Romea, *Hist. de la arquit.* (já cit.), taboa das marcas: sec. xiv a xvi, catedral de Lérida e S. Juan de los Reyes (Toledo).

⁵ Aí se diz que alguns dos elementos da obra provém da Cabala (p. 1). De uma edição francesa do Enchiridion, de 1813, se dá desenvolvida noticia na Wallonia, 1, 145 sgs. A este livro magico é paralelo o Grémoire du pape Honorius avec un recueil des plus grands secrets, Roma (indicação ficticia) 1670; vid. tambem Le Grand Grimoire avec la grande clavicula de Salomon et la magie noire ou les forces infernales du grand Agrippa, etc.: é a edição mais ampla; ha outra de 1702. Vid. Brunet, Manuel du libraire. A palavra francesa grimoire (ou grémoire) é variante dialectal de grammaire, isto é, «gramatica latina», por conter cousas que o povo não entendia: cf. Dict. génér. de la l. fr., s. v. agrimoire». Á mesma classe pertence o famoso Alberto Magno, e bem assim o já citado Petit Albert com os Secrets merveilleux de la magie naturelle et cabalistique (tradução do latim), Lião de França 1791. A respeito de Agrippa, Alberto Magno e de outros muitos magos ou supostos magos, vid. Tuchmann in Mélusine, rv, 396 sgs. e 415 sgs. Entra na mesma categoria o nosso Livro de S. Cipriano. Acêrca d'este último vid. as minhas Tradições pop. de Portugal, pp. 305-306, e Adolfo Coelho in Revista Lusitana, 1, 166 sgs. - Os livros magicos modernos e os medievais relacionam-se com os da antiguidade (papiros magicos e outros). Dos livros magicos antigos trata H. Hubert no Dict. des antiq., s. v. «Magia». Cf. tambem Cumont in Revue de l'instr. publiq. en Belgique, xLVII (1904), 1 sgs., onde discute um trabalho de A. Dietrich, Eine Mithrasliturgie, publicado em Leipzig em 1903

cional) de Paris ha um manuscrito com um desenho de uns brincos de orelhas, do sec. xvi, de fórma de hexagrama, fig. 844.

Não falta quem suponha a moderna maconaria relacionada com os franco-mações da idade-média, de que falei supra, p. 221, e nota 42; más, segundo diz King, os franco-mações modernos devem o nome á casual coincidencia de ter sido primitivamente o seu estabelecimento no «Common Hall of London Guild of the Freemasons»: a primeira reunião d'eles celebrou-se em 1646. A Maçonaria adaptou a um intuito especial outra sociedade então florescente, «The Rosicrucian» 3. Ora do sec. xvi-xvii ha um manuscrito, Diary of Hosea Lux, com pinturas relacionadas com essa sociedade ou seita religiosa (rosacruz), que é de origem protestante, - pinturas analogas ás que figuram como simbolos dos Templarios 4, e entre elas tambem o selo de Salomão 5. — Em 1612, nos Veterum sophorum sigilla e Trithemii manuscripto eruta, e em 1630, no Trimum magicum sive secretorum opus, imprimiu-se um antigo tratado cabalistico intitulado Imagines seu sigilla Salomonis, porém não posso adiantar mais, porque não li o tratado, e só o conheço pelas breves indicações dadas na Revue Archéologique, 3.ª serie, t. XIX (1892), p. 56 (a Tritemio, ou Trithemio, me referi supra, p. 216). Acerca de uma obra italiana de 1644. satirica, em que se figura um hexagrama, vid. adiante, p. 232.

Do sec. XVIII possuimos um trecho poetico, muito conhecido, e muitas vezes lembrado dos etnografos, o qual se lê na 1.ª parte do Faust de Goethe, v. 1040 sgs. (continuação do dialogo travado entre Mefistofeles e Fausto, quando aquele, tendo ido ao gabinete do famoso Mago, quer sair):

Meph. Gesteh' ich's nur! Dass ich hinausspaziere, Verbietet mir ein kleines Hinderniss, Der Drudenfuss anf eurer Schwelle.

Faust. Das Pentagramma macht dir Pein?

Ei, sage mir, du Sohn der Hölle,

Wenn das dich bannst, wie kamst du denn herein?

Wie ward ein solcher Geist betrogen?

¹ Vid. Magasin Pittoresque, ano 22.º (1854), p. 24.

² Vid. sobre isto o resumo que faz Borges Grainha na Hist. da maçonaria em Portugal, Lisboa 1912, pp. 9-14.

³ King, The Gnostics, p. 392.

⁴ A ordem dos Templarios foi extinta no sec. xiv (G. Barros, Hist. da administr., 1, 381), porém as suas tradições não desapareceram com a extinção.

⁵ King, The Gnostics (já cit.), pp. 396-400.

Meph. Beschaut es recht! es ist nicht gut gezogen;
Der eine Winkel, der nach aussen zu,
Ist, wie du siehst, ein wenig offen¹.

O pentalfa chama-se em alemão *Drudenfuss*, isto é, «pé de Drude», como quem dissesse em português «pé de Bruxa»². A popularidade que o Poeta deixa entrever, continúa hoje na Alemanha. O *Drudenfuss* livra de bruxedo, e pintam-no freqüentemente nas portas, nos leitos etc., contra isso e contra o pesadêlo. No Sul fazem-no de um pavio bento. Quem tem sezões, e as quer evitar, escreve com gis certa fórmula dentro de um *Drudenfuss*³.—Não como superstição, mas como

Goethes Faust, ed. do Dr. Ludw. Wilh. Hasper, Gotha 1888, cap., r. Para comodidade do leitor, aqui lhe dou a tradução de Agostinho d'Ornelas:

Mephistopheles:

É mister confessá-lo, um embaraço A partida me veda, a garatuja Alli no limiar.

Fausto:

O pentagramma Afflige-te? Ora dize, infernal ente, Como podeste entrar, se te elle expulsa? Espirito, qual tu, deixa enganar-se?

Mephistopheles:

Repara que não foi bem desenhado: O angulo, que p'ra fora se dirige, Um pouco aberto está, como vêr podes...

Fausto, Lisboa 1867, pp. 73-74.—O citado anotador alemão Hasper diz em nota á sua edição: «a fôrça que o pentalfa tem de arredar os maus espiritos cessa de actuar d'aquele lado em que a ponta do pentalfa está falhada: por isso faz depois Mefistofeles roer por um rato a ponta voltada para dentro».

² Nota Wuttke: «der volkstümliche Name für das Pentagramma und den sechsspitzigen (manchmal auch siebenspitzigen, Östreich) Stern ist Druden-, Truden- oder Mahrfuss, weil die Hexen und Alpe (Druden) solche Füsse d. h. Vogelfüsse haben (.. die Fussspur einer Gans, mit den vier Zehen und dem Ballen bildet ungefähr ein Pentagramm). Vid. Der deutsche Volksaberglaube, 3.* ed., pp. 181-182.

³ Sobre estes e outros casos vid.: Grimm, Deutsche Mythologie, t. III, «Aberglaube», n.º 644 (extr. de um jornal de 1787) e 812 («varia»); Simrock, Hdb. der deutsche Mytholog., Bona 1874, p. 477; Carl Meyer, Der Aberglaube des Mittelalters

mero emblema, á semelhança de outros que já vimos acima, está o sino-saimão representado em uma medalhinha moderna, ou senha, de uma sociedade alemã do Brasil, fig. 85, segundo um exemplar que obtive para o Museu Etnologico⁴. Á mesma categoria pertence a fig. 86, que encontrei em um prospecto de uma revista de higiene e terapeutica de Estugarda, onde o pentalfa entra evidentemente em memoria de Pitagoras (cf. supra, p. 205). Seligmann fala de um pentagrama gigantesco que se figurou no pavimento de uma das mais concorridas ruas de Hamburgo²: terá aqui significação magica, ou quis apenas obter-se efeito artístico? É um caso analogo ao de Westminster: vid. supra, p. 221, n. 8. Diz Friedensburg que o hexalfa aparece com freqüencia como insignia de hospedarias do Sul da Alemanha³, e se vê figurado na Alemanha Oriental em objectos relacionados com bebidas (copos, etc.)⁴.

De outros países germanicos e da Suiça romande conheço, de tempos modernos, unicamente o que se segue. Num papel, proveniente de Lörrach (Grā-ducado de Baden), espécie de nómina, em que se lê um ensalmo contra maus espiritos, figuram tres pentasator gramas debaixo das célebres letras mágicas que transcrevo arepo ao lado⁵, e ao pé de várias iniciais ⁶. Na Austria tem o pentenet talfa a fórma representada na fig. 87 ⁷. Nos Alpes Noricos, no opera Tirol e na Suíça aleinã, os montanheses, por causa dos espectos e Kobolde (plural) ou «Trasgos», desenham-no nos berços: com esse preservativo as crianças não emmagrecem ⁸. No cantão de Argovia encontrou-se um Thaler de chumbo que tem no reverso um pentalfa em cujo centro se mostra o disco radioso do sol:

etc., Basileia 1884, p. 257; Wuttke, Der deutsche Volksabergl., 3.ª ed., §§ 246, 419, 420, 509 etc.; Tuchmann in Mélusine, 1x, 127 (este A. diz que tambem na Alemanha se usa a expressão Drachenfuss, porém não a encontro em mais parte alguma). Acêrca da etimologia de Drude vid. Kluge, Etymologisches Wörterbuch, 3.ª ed., p. 56.

¹ Ofereceu-m'o em Albufeira, em 1917, o S. er Joaquim José de Sousa.

² Der böse Blick, 11, 294.

³ In Monthly Numismatic Circular, xII (1914), 573. Ele lembra que talvez o hexalfa represente a estrela dos Magos que eram olhados como patronos dos viajantes e peregrinos.

⁴ Ut supra. Da razão d'isto, falo adiante, p. 240, n. 1.

⁵ Acêrca d'esta formula mágica vid. o artigo que se segue adiante.

⁶ Vid. Archives Suisses des tradit. pop., xm, 152 (artigo de Hoffmann-Krayer).

⁷ Tuchmann, in Mélusine, 1x, 127.

⁸ Dr. Ploss, Das Kind in Brauch. u. Sitte der Völker, 1 (Leipzig 1884), pp. 115 e 122.

este objecto serviu certamente de amuleto, pois que está provido de um furo de suspensão: fig. 881. Em superstições populares do Pays--d'Enhaut (Haute-Gruyère) figura le sceau de Salomon e le miroir de Salomon («propre à toute divination»)2. A fig. 89 reproduz um desenho que estava feito em tiras de papel aparecidas no 1.º quartel do sec. XIX em Wattenwil, num saco onde havia varios objectos de feiticaria e outras tiras com o conhecido jogo de palavras sator ROTAS, etc., de que já falei supra, p. 226; a referida figura deve representar mais ou menos um Drudenfuss3. Num manuscrito suico. tambem do sec. XIX, de receitas mágicas, intitulado L'art de la magie noire pour se garantir des coups de bâles, representa-se um hexalfa, com letras e sinais dentro d'ele 4. - Num jornal dinamarques encontrei a seguinte marca de mercearia, ou Varemaerke, fig. 90, onde se diz que Alfa corresponde ao «primeiro», porque é esse um dos sentidos do alfa grego (propriamente: a'), e porque na figura temos cinco alfas (o produto de que se aqui trata é a margarina, isto é, Alfa Margarine).

Informa-me o S. or Prof. Kaarle Krohn, em bilhete postal de 8 de Novembro de 1907, que na Finlandia o pentalfa, cujo nome finlandês é viisikanta «cinco pés», tem vários usos supersticiosos: o caçador desenha-o na bala com que atira, ou no chão, quer diante do covil onde o urso dorme, quer diante de si, com o calcanhar, quando o urso o ataca; o pescador desenha-o na taboa extrema da rede-de-arrastar. Tambem o pentalfa figura em um conto popular da Estonia, publicado por Andrejanoff, Lettische Mürchen, Leipzig (Reclam), que o S. or J. Runeberg, de Helsingfors, fez o favor de me comunicar em bilhete postal de 23 de Maio de 1904: ha um Vampiro que entra em várias casas, excepto em uma em cuja porta, na soleira, está um pentalfa (como no Faust, vid. supra, p. 225): por fim prega-se um pentalfa no caixão do Vampiro (que estava enterrado, mas aparecia cá fóra todas as noites), e força-se assim o espectro a ficar quieto no tumulo.

Do Norte e Centro da Europa voltemo-nos para o Sul e Ocidente (Grecia, Italia, França, Hespanha).

¹ Vid. Archives Suisses (já cit.), rv, 327-328. O S. Prof. Stückelberg envioume um desenho: é d'este, combinado com o que vem nas Archives, que se tirou o que serviu para a fig. 88.

² Lambelet in Archives Suisses (já cit.), xII, 105, e 123-124.

³ Vid. «Aberglauben im Kanton Bern» nas Archives Suisses des tradit. pop., xxi, pp. 49, 50, e nota 1.

⁴ Vid. Revue Anthropologique, xxvi (1916), 360.

O uso dos amuletos em que se figura o pentagrama está muito espalhado nos Gregos modernos: de ordinario o pentagrama vem acompanhado de outros emblemas, e raras vezes sòzinho. Os individuos que trazem um amuleto com pentalfa julgam ter «cabeça de ferro», isto é, estar σιδεροχέφαλοι, ficando livres de qualquer doença. Na ilha de Rodes as mulheres trazem consigo amuletos triangulares de prata nos quais se vê gravado o pentagrama. A mesma figura, traçada num papel, é trazida pelas pessoas que se julgam victimas de influencia mágica. Em certas localidades colocam uma espécie de pentagrama de cera na boca dos mortos, quando os levam ás costas. Noutras partes põem no peito dos cadaveres um pedaço de barro em que está gravado um pentagrama. Quando alguem tem erisipela ou uma parotidite, julga eficaz contra isso colocar sobre a região erisipelada ou na face um papel em que se traçou um pentagrama; tambem contra as febres se faz o seguinte: queima-se um semelhante papel e dão-se a beber ao doente as cinzas 1. O pentagrama figura em pedras funerarias, e igualmente o traçam na porta de uma casa construida de novo: isto sem dúvida, para afastar o mal. Se pelo contrário se quer danificar a propriedade de um inimigo, traça-se-lhe o pentagrama na arvore do jardim, e esta séca. Estas superstições do povo grego emanaram das instruções contidas nos livros magicos gregos, como a Solomonikė, de que falei acima, p. 215-216, e os Iatrosóphia ou manuais (manuscritos) de medicina popular2, livros que certamente ascendem aos papiros magicos da antiguidade3.

Pelo que toca á Italia, apesar de muito supersticiosa, e muito rica de amuletos, poucas noticias tenho a respeito do signum Salomonis, que talvez não goze lá de geral aceitação. O pentalfa acho-o em Veneza, numa benção curativa, citada por Bernoni⁴, e sei que faz parte do conhecido amuleto panteo chamado cimaruta (Italia meridional)⁵, como se pantenteia de um desenho que o S. or Prof. Hoff-

¹ Cf. Pradel, Griechische und sudital. Gebete (já cit.), pp. 128-129.

² Neles se indicam receitas magicas e se dão instruções para a manipulação de amuletos, prescrevendo-se muitas vezes que se tracem um, dois ou mais pentagramas nos amuletos. Vid. Polítes na revista grega *Pandora*, 1867, t. xvII, e os ἰπτροσύφια publicados por É. Legrand na *Bibliotecu grega vulgar*, t. II.

³ Cf. supra, p. 223, n. 5.—Tudo o que aqui digo acêrca dos Gregos modernos, assim como o que digo na nota antecedente, o devo ao S.^{ar} Polítes, que m'o comunicou em carta.

⁴ Credenze popol. veneziane, Veneza 1874, p. 43.

⁵ Acêrca da cimaruta vid.: Elwortly, The evil eye, Londres 1895, p. 345 etc.; e Seligmann, Der böse Blick, 1, 296, 297.

mann-Krayer, de Basileia, fez o favor de me enviar: fig. 91. O hexalfa ocupa uma das faces de uma medalha religiosa que vi em 1909 no museu particular do S. or Prof. Belucci, em Perugia, fig. 92, e constitue o ornamento central de um pratinho de faiança moderno, que possuo, comprado por mim em Roma, fig. 93.

Em semelhante escassez de informações me vejo com relação á França e Hespanha.

Em França aparece o pentalfa como ornato de um battoir à linge, fig. 94⁴, e enfeita a parte inferior da vestimenta de um padre ou santo bretão, que como que se afasta de um altar, na postura de quem acaba de dizer missa: fig. 95². O hexalfa vi-o gravado em objectos de madeira de Alverne, no Museu do Trocadero, fig. 96; no mesmo Museu vi entre varios objectos antigos, de atavio corporal, de Saboia e do Delfinado, dois ornatos metalicos em que um hexagono tem engastada uma pedra vermelha no centro: na fig. 97 dou o desenho de um dos ornatos (diametro, plus minus, 0^m,045). Nem o pentalfa nem o hexalfa são porém conhecidos em França, como amuletos, segundo me informaram os S. ors P. Sébillot e A. de Mortillet, ambos eles possuidores de coleções de amuletos.

Quanto á Hespanha, quer o S.ºr Hildeburgh, de Londres, a quem consultei, por se ter ocupado de amuletos hespanhois, quer muitas pessoas de Castela, Andaluzia, etc., interrogadas por mim sobre isto, me disseram que não sabiam de nenhum amuleto relacionado com o pentalfa³; contudo este é conhecido na Galiza, onde o denominam salamón. Em Arbo, povoação só separada de Portugal pelo rio Minho, diz-se que quando alguem vai de noite por um caminho. e lhe aparece o Diabo como uma pantarma⁴, risca un salamón no chão, mete-se dentro, e fica livre do Espirito Maligno. Em Orense também se diz que onde está un salamón não entra o Diabo⁵.

¹ Dalinowicz, L'art rustique français (sem paginação).

² Paul Sébillot, in Rev. des Trad. Pop., III, 315.

³ O proprio R. Salillas, La Fascinación en España, Madrid 1905, apesar de ter enumerado muitos amuletos contra o mau olhado, pp. 71-91, não especifica o sino-saimão; apenas fala, de modo geral, de «asteriscos» e de «amuletos astrologicos», e de certo o não inclue neles.

⁴ Forma local de pantasma «fantasma». Nesta região galega o s antes de m e de outras consoantes sonoras muda-se em r: ouvi a Galegos, por exemplo, duar mans (duas m.), dour meses (dous m.); factos semelhantes se observam no concelho de Melgaço, que fica fronteiro (dir-mc = diz-me, far-me = faz-me, etc.). A palavra galega pantasma ou pantarma tem paralelos noutros falares de Hespanha, e igualmente em Portugal.

⁵ Informei-me d'isto em 1918, conversando com varios Galegos.

Sem que eu possa indicar com exactidão datas ou locais, de origem, terminarei lembrando que entre os emblemas da moderna maçonaria (cf. supra, p. 224) se conta o pentalfa, o qual «se coloca no fundo do vestibulo do Templo: esta figura é o emblema da paz, do bom acolhimento, e da amizade fraternal» 1. Por outro lado, tanto o pentalfa como o hexalfa os vejo relacionados com ideias teosoficas: pelo menos o segundo figura como emblema da capa de um livro recente sobre o assunto 2, e o primeiro ao pé da assinatura de E. de Guaita numa carta reproduzida a p. 88 do mesmo livro. Dizem-me que quando se começa uma sessão de espiritismo, a pessoa que vai fazer a evocação traça com o dedo sobre a mesa um sino-saimão, para que ele afaste os espiritos maus; em seguida reza certas orações. São superstições civilizadas!

Após esta resenha historico-geografica, que se estende da antiguidade aos tempos modernos, e das mais afastadas paragens até á Hespanha, é tempo de me ocupar de Portugal. Deixei para uma secção especial a nossa terra, por ser a respeito d'ela que eu possuo naturalmente mais noticias, e por ser o sino-saimão português o principal e vero objecto do presente estudo.

O pentalfa é aqui conhecido, ao que parece, desde a epoca de La Tène, segundo mostrei acima. Tambem o vimos na epoca romana ou visigotica, e em um caco que será do tempo dos Arabes; vimo-lo igualmente, e sem dúvida, em uma moeda arabica aparecida em Beja, e que aí de certo correu, pois várias antigualhas da mesma epoca aparecem d'onde em onde naquela cidade, por exemplo, candeias de barro e lapides com inscrições, além de outras moedas. Do hexalfa é que creio não ha em Portugal documentos tão arcaicos; os mais antigos que conheco pertencem já á epoca portuguesa propria. De facto o hexalfa não é entre nós, no continente, emblema genuinamente popular: figura, em verdadé, aqui e acolá, a par com o pentalfa, mas por confusão com ele, e sob influência mais ou menos culta, ou sob influência estrangeira. Esta última é devida, nos tempos modernos, sobretudo aos feluzes de Marrocos, que, por terem figurado em uma das faces um hexalfa, são, conforme já disse, aproveitados pelas mulheres como amuletos infantis. O lídimo e autentico sino-saimão é o pentalfa, mau grado a confusão que com o hexalfa se dá tambem

¹ Vid. Diccionario univ. portuguez, publicado por Fernandes Costa, vol. vi (Lisboa 1884), p. 464.

² A Teosofia, por João Antunes, Lisboa 1915.

ás vezes na literatura. Nos Açores o hexalfa goza porém de certa vitalidade, e creio que maior que o pentalfa.

O mais antigo testemunho grafico que conheço do pentalfa na epoca portuguesa propria é do sec. XII, e o do hexalfa é do sec. XIV: o que adiante provarei. Testemunhos literarios do sino-saimão, com esta designação vaga, existem pelo menos, do sec. XVI⁴. Por exemplo, no Auto das Fadas, representado perante El-Rei D. Manuel I, em 1511², faz Gil Vicente dizer a uma feiticeira:

Ando pelos adros nua, Sem companhia nenhūa, Senão um sino-samão, Metido n'hum coração De gato preto, e não al,

no vol. III das Obras, p. 943. Na Comedia Aulegrafa Lisboa 1619, põe Jorge Ferreira as seguintes palavras na bôca d Dinardo, que responde a Filelfo: «Tendes agoas de Matematico, falareys por carateres, dahi vireys ao sino-samão» 4. Do sec. xviii posso citar dois autores: Belmiro Transtagano, já aproveitado por A. T. Pires nos Amuletos Alemtejanos, Elvas 1904, p. 105; e Monte Carmelo, que no Compendio de Ortografia, Lisboa 1767, p. 685, dá signo-salmam como plebeismo em vez de signo-samam. Do sec. XIX aduzo outros dois autores: F. Evaristo Leoni, Genio da lingua portuguesa 6; e

Depois que abrazo a myrrha em cinco lumes, Sobre o sino-samão descrito as canhas...

¹ No Cancioneiro da Vaticana, n.º 1025, ha uma obscura poesia em que, na edição diplomatica de Monaci, p. 354, se lê «e fisus sou mão», palavras que o S.º Theophilo Braga transcreveu afoitamente por «e sinus saimãos» na sua edição d'aquele Cancioneiro, p. 194, e ás quais tornou a dar o mesmo sentido n-O Povo Português, n, 92; mas tal interpretação é mais que incerta! Á ininteligibilidade dos versos acresce que na epoca a que eles pertencem a palavra que hoje se diz sino-saimão terminava em -om, e não podia pois formar o plural em -ãos. Bem sei que isto são coisas de gramatica, e que o S.º Theofilo Braga, apesar de ser autor de uma, zomba dos gramaticos (vid. Obras de C. Falcão, ed. da Renascença, p. 187): mas sem alicerces não podem levantar-se edificios solidos.

² É esta a data determinada pelo S. er Braamcamp Freire na Revista de Historia, v., 128-129.

³ Ed. de 1834 (Hamburgo). — Estes versos já foram citados por mim em 1882 na Rev. da Soc. de Instr. do Porto, n, 397.

⁴ Acto III, sec. 2.ª, fl. 91.

⁵ Versos do Idylio Magico (= Almanach das Musas, p. 69):

⁶ No t. 1 (1858), p. 51, diz: «signo samão, signum Salomonis, cifra ou sello de Salamão, especie de talisman, a que o vulgo attribue differentes virtudes».

Camilo, Bruxa de Monte Cordova, 2.ª ed., p. 1694.—Estes textos tanto podem referir-se ao pentalfa como ao hexalfa, posto que seja mais provavel referirem-se ao primeiro. Designadamente com o nome de sino de Salomão e de sino-çamão ou samão nos falam do hexalfa Vicente Nogueira (sec. xvII), numa carta, em que o desenha, e o lexicografo Bluteau (sec. xvIII). Aquele está referindo-se a uma lista de livros proibidos pelo Papa, e acrescenta: o divorcio celeste, numero 5, notado com o sino de Salomão, , não ly nunca» ; o Divorcio, como digo na nota 2, não era livro nacional, mas citei a frase, por causa do nome que Vicente Nogueira dava ao hexalfa. Bluteau confunde-se um pouco, pois escreve: «sino çamão ou sino-samão. Caracter supersticioso. Consta de dous triangulos atravessados, e embibidos hum no outro, que formão hũa figura quasi triangular (sic)», e logo em seguida menciona superstições que, como veremos, o nosso povo refere ao pentalfa 3.

Além da expressão sino-saimão, que é a usual (Beira, Algarve, etc.), encerra o nosso lexico popular muitas outras, que variam com as localidades, as quais, como acima notei, se aplicam tambem ao hexalfa. Eis uma lista das que me ocorrem: sim-saimão 4, cinco-saimão 5, sino-selamão 6, sino-de-sanselamom (sanselamõ) 7, san-selimão 8, sanselimom (sanselemom, sonselamom), sanselimõu 10, sino-saimanco 11, sino-samanco 12, sino-salamonde 13, cinco-salmão 14, san-simõu 15, e já acima vimos sino-

¹ Uma mulher diz para um fadre: «.. noutro [braço] tenho um Santo Solimão, que livra de feitiços e maus olhados». A 1.º ed. é de 1867.

² Vid.: Boletim de Bibliogr. Portug., 11, 26; e Archivo Hist. Portug., 1, 334.— O Divorcio (ou Divortio) celeste é uma satira italiana do sec. xv11, dirigida contra a Igreja Romana; ha edd. de 1644, 1649 e 1696: vid. Brunet, Manuel du libraire, 11, 774, e 1v, 327. Como a carta de Vicente Nogueira é datada de 20 de Janeiro de 1646, vê-se que ele se referia á 1.º d'aquelas edições.

³ Vocabulario Portug. e Lat., s. v. «sino çamão» (t. vii, p. 659).

⁴ Assim ouvi no concelho de Obidos a varias pessoas, velhas e novas.

⁵ Corrente na Extremadura (Obidos, Caldas da Rainha, etc.).

⁶ Assim ouvi nos Arcos de Valdevez.

⁷ Assim ouvi no concelho de Melgaço.

⁸ Usa-se no Norte, algures.

⁹ Assim ouvi no Alto-Minho, a par de outras fórmas.

¹⁰ Assim ouvi em Guifões (Bouças) e em Viana do Castelo.

¹¹ Assim ouvi no Alandroal.

¹² Assim ouvi tambem no Alandroal.

¹³ Assim ouvi em Paredes de Coura.

¹⁴ Assim ouvi em 1894 na Cova de Lavos.

¹⁵ Assim ouvi em Viana do Castelo, a par de sanselimõu.

-salmam, sino-sàmão, e santo Solimão. O etimo de todas estas palavras é sino, e Salimão, Salamão, isto é, sino de Salimão, sino de Salamão. A fórma Salamão é ainda corrente no povo do Alemtejo¹; ela figura tambem no frontispicio de uma obra da primeira metade do sec. XVIII², e vem no Diccionario de Morais, s. v., nos Sermões do P.º A. Vieira³, e em Castilho (por graça)⁴; no sec. XV apresenta-se com a fórma (ortografica) Salamam⁵; com a terminação -on = om (Salamon, Salomon, etc.) temo-la em varios documentos latinos do sec. X e XI⁶. No sec. XIV ou XV: Salamom?. A fórma Salimão não a encontrei ainda, independente; deve ter-se formado do cruzamento de Salamão, ou Salomão, com Solimão, palavra conhecidamente arabiga.

Aqui sino, fórma semi-popular, está por signum, no sentido de «sinete», «sêlo», pois se atribuiu a Salomão, como vimos acima, um anel magico, provido de um sinete, que outra cousa não é o pentalfa. Em sino de Salamão e sino de Salimão, caiu a preposição de, como é corrente em compostos d'estes s; de Salamão ou (Salamom) e Salimão ou (Salimom) passou-se respectivamente para saamão (saamom), e sâimão (saimom) pela quéda normal do -l- intervocalico s. Na fórma popular sim-saimão temos mera sincope de o (por sino ser proclítico), e sucessiva transformação do n em ressonancia nasal; em sanselimão, sanselamom, sanselimõu, e sanselmõu temos adjunção de san-, por etimologia popular, como em Santanás, por Satanás; em cinco-saimão substituiu-se sino por cinco, tambem por etimologia popular, visto haver

Bem dizia Salamão que todas as femeas são da pelle de Barzabu,

no Médico à fôrça, Lisboa 1869, acto 1, sc. 1.ª

¹ Vid. Rev. Lusitana, IV, 215.

² Elixir do Universo.. oferecido a Salamaõ, Lisboa Ocidental, s. d. (mas a impressão fez-se por 1735): vid. Bibliografia de Manuel dos Santos, n.º 1, de 1918, p. 50, onde se reproduz o frontispicio.

³ Parte vi, 1680, pp. 357 e 358.

⁴ Eis os versos;

⁵ No Archivo Hist. Port., 11, 184; e no Cancioneiro Geral de G. de Rèsende, 1 (ed. de Estugarda), 50

⁶ Vid. o Onomastico de Cortesão, que os cita.

⁷ Num ms. da Biblioteca Nacional (cod. 199), cap. 1x.

⁸ Vid. as minhas Lições de Philologia Port., p. 345.

⁹ A sàmão, que pressupõe saamão, já me referi na Rev. Lusit., 11, 37. A S.ºº D. Carolina Michaëlis explicou saimão e saamão como faço acima: vid. Studien z. hisp. Wortdeutung, p. 114, porém na Rev. Lusit., 1v, 186, prefere admitir salmão, explicando ai por al, o que a mim, salvo o devido respeito, me não parece justo. Vid. tambem Cornu, Gram. der port. Sprache, 2.º ed., nota ao § 255.

na figura cinco angulos ou «pontas»; em sino-saimanco e -samanco, bem como em san-simou e sino-salamonde, temos outra vez influencia da etimologia popular, que nos dois primeiros casos substituiu -mão por -manco, no terceiro substituiu «Salomão» por «Simão», e no quarto se regulou pelo nome do Abade de Salamonde, autor de uma Cartilha de doutrina cristă, que teve outr'ora muita voga; em selamão, selamom e selamou, por salamão, houve dissimilação vocalica; em salmam, -salmão e -selmõu poderemos ver fórmas divergentes de saimão, isto é, representantes de *Sal(i)mão. A expressão camiliana Santo Solimão penso ser só do romancista. Literariamente póde dizer-se, e diz-se, signo de Salomão, e já mostrei que Monte Carmelo preconiza signo-sàmão. Esta riqueza de fórmas prova a popularidade do pentalfa: o povo, por um modo ou por outro, esforçou-se por adaptar aos seus habitos gloticos o signo e o nome do Rei da Judeia 1.

Para maior clareza, e poisque posso fazer a distinção, vou estudar em separado o pentalfa ou sino-saimão propriamente dito, e o

Quando Selamão morren, Corpo deu à sepultura :

a Dentro da caveira nasceu Uma arbe de grande altura. Casa rica tem fartura, Quem doba tem seu sarilho

versos de que possuo uma variante, acompanhada de uma lenda, da Mexilhoeira Grande (a ideia de nascer de uma sepultura uma arvore, vv. 3 e 4, com quanto aqui seja zombeteira, tem funda raiz nas crenças do povo: cf. Tradições popul. de Portugal, p. 125). Salomão tornou-se tambem na nossa lingoa o tipo da sabedoria: (ef. supra, p. 215) «é um Salamão, isto é, mui sabio» (Morais, Dica., s. v. «salamão»); a um heroi de um seu romance chama Camilo «o Salomão da terra», por ser muito lido (A quéda de um anjo, 4.º ed., p. 17); «Salamão era um homem muito saibo» (assim ouvi em Beja). Assim como Sansão quer dizer «força», Salamão quer dizer «sabedoria» (Algarve). Vid. tambem «Conceito popular de Salomão» ém A. T. Pires, Cantos popul. port., IV, 378-379 .- No sec. XVI escreveu Baltasar Dias o Auto delrey Salamam, que foi publicado em Evora em 1612, e outra vez em Lisboa em 1613. — Devo acrescentar que ao epiteto saibo ou sabio, junto pelo povo à palavra Salomão, liga este ideia mais complexa do que a de «sabedoria», isto é, liga tambem certa ideia de «magia», porque, por exemplo no Minho, diz-se que sabios e sabias são pessoas que adivinham. Tambem no Minho ouvi falar de um padre sabio da Galiza, que lia exorcismos.

¹ Salomão é conhecido do nosso povo noutras circunstancias, por exemplo: numa lenda publicada pelo S.º Adolfo Coclho na sua Revista d'Ethnologia, p. 207 («O saibo Salomão»); noutra (diversa), que me contaram em 1917 no Algôz (Algarve); e num anfiguri que ouvi no mesmo ano a uma mulher de Cernache (Condeixa), e que começa assim:

hexalfa; ao que acrescentarei um paragrafo com a menção de alguns factos menos determinados.

a) Sino-saimão propriamente dito:

De modo geral, o sino-saimão livra de quebranto (causado por mau olhado)¹, de bruxedo ou bruxaria², de feitiçaria («para as feiticeiras não molestarem as crianças»)³, de acção do Diabo⁴, e de qualquer «coisa ruim», determinada ou indeterminada⁵. Certas pessoas têm as linhas ou pregas da palma da mão dispostas de modo que, segundo a concepção popular, se assemelham a um sino-saimão: tais pessoas podem andar por toda a parte, de noite, e de dia, que não entra nada (isto é, coisa má) com elas⁶.

Como amuleto, o sino-saimão é fabricado de várias substancias: osso, madeira, chumbo, prata, ouro; e póde ser simples, inscrito num aro, desenhado numa chapa, ou estar agrupado intimamente com-

¹ D. Maria Peregrina in Rev. Lusit., vi, 131-132; Consiglieri Pedroso, Contribuiç. para uma Mytholog., v, «Superstições» (1881), n.º 314, tambem citado por Ad. Coelho no «Quebranto» in Rev. de sc. nat. e soc., ni, 120, e aproveitado, sem citação, por Th. Braga n-O Povo portuguez, ni, 105. Vid. mais: A. Th. Pires, Amuletos Alemtejanos, Elvas 1904, p. 9; Rocha Peixoto, A tatuagem em Portugal, Porto 1892, p. 25. Identica observação vimos acima na Bruxa de Camilo. E eu tambem assim tenho ouvido, por exemplo, no Cadaval e ontras localidades.

² Pires, op. cit., p. 9; A. Teixeira Bastos, A tatuagem nos criminosos, Porto 1903, estampa sem número; Mendes Correia, Os criminosos portugueses, 2.º ed. (Coimbra 1914), p. 283. O mesmo tenho ouvido tambem em várias partes, por exemplo no Alentejo (Alandroal) e no Algarve (Alportel, Cabanas da Conceição).

³ Assim ouvi, por exemplo, no Alandroal. Cf. supra, Camilo, Bruxa de Monte Cordova; e Bluteau, Vocab. port. e lat., s. v. «sino çamão ou sino-samão», ainda que ele tem em mente o hexagrama. «O sino de sanselimom é bom contra o feitiço», dizem no concelho de Melgaço.

⁴ Vid. os meus Amuletos pop. portug., § 4 (extr. da Rev. da Soc. de Instr. do Porto, 11, 397), e o que digo adiante a respeito de «encomendar as almas». No Alto-Minho supõem que o sanselemom serve tambem «para arrenegar o Pecado». Na Guarda crê-se que o sino-saimão evita que entre com a gente o Diabo ou qualquer coisa má.

⁵ Por exemplo, livra de «cães ruins» (danados) em Obidos; e em Baião de almas penadas e de maus encontros. Vid. tambem o meu Estudo Ethnographico, Porto 1881, p. 41, e A tatuagem de R. Peixoto, p. 25. «Livra de coisa má», dizem no concelho de Melgaço, onde ele é muito conhecido. Muita gente diz apenas: «é bom ter isto». Acêrca da dôr sciatica vid. adiante.

⁶ Ouvi isto no concelho de Melgaço a várias pessoas. Na vila falei, em 1918, com uma feiticeira ou adivinhadeira, chamada Caiadora, que me mostrou, muito orgulhosa, a palma da mão, porque efectivamente as linhas assemelhavam-se a um pentalfa. Esta mulher é muito conhecida na localidade, e d'ela fala, por exemplo, o Jornal de Melgaço de 7 de Setembro de 1918 (n.º 1:222, ano xxv)

mais amuletos, de modo que forme corpo com eles (ao que chamo amuleto panteo). Vid. as figs. 98 a 113, quatro d'elas já publicadas n-O Arch. Port., v, 288-2891. Tanto quanto tenho observado, o sino-saimão é trazido quasi sempre, senão de modo exclusivo, por crianças, e anda frequentemente ligado com outros amuletos, ao conjunto dos quais dão no Sul o nome de arrelicas e arreliques, palavras que provém de reliquias. Na fig. 114 (tamanho natural) copia-se um desenho que o S. or D. or Alfredo Bensaude teve a bondade de fazer e de me dar, tirado de um antigo amuleto infantil de ouro, talvez do sec. xviii, usado em Ponta Delgada (Açores) por uma familia, ha quatro gerações: o pentalfa é cantonado externamente por orificios redondos (representação das cinco chagas de Cristo²), e tem na área pentagonal uma flor de lis, que suponho mero ornato ou emblema de familia. Este amuleto possue pois caracter um tanto artistico e de fantasia. Analogos de certo modo a eles são dois amuletos-medalhas de que vou falar, ambos metalicos: fig. 115 (anverso e reverso); fig. 116 (só o reverso). O primeiro foi-me comunicado pelo S.ºr D.ºr Artur Lamas, e formou-se pela combinação de uma medalha religiosa da Senhora da Conceição com um amuleto de tipo pánteo que mencionei acima (fig. 106): quem fabricou este amuleto-medalha gravou por êrro salmonis (isto é, «do salmão»!) em vez de Salomonis. O outro amuleto-medalha pertence ao Museu Etnologico: o anverso (que não se reproduz aqui) tem, no campo, uma gruta onde uma devota está de joelhos perante a Virgem, e na orla: N. Senhora de Lourdes.

Além de servir de amuleto, o sino-saimão tem muitas aplicações, como vamos ver especificadamente.

Usa-se em operações magicas. Se uma pessoa, o que acontece principalmente entre namorados, dá a outra um comestivel (maçã, bôlo, etc.) «que se suspeita que tem feitiço», esta risca por fóra com a ponta de uma navalha o «quadro do sanselamom», e parte o comestivel: se ele está cujo por dentro, isto é, enfeiticado, deita-o ao lume; se está limpo, póde comê-lo³. As adivinhadeiras desenham com o dedo em cinza uma figura a que chamam sino-saimão, e fazem girar pendente sobre ela uma peneira⁴.

⁴ Com excepção do amuleto n.º 113, que se copiou de um anúncio, todos os outros pertencem ao Museu Etnologico: são de osso, prata e chumbo.

² Cf. adiante as figuras que representam o sino-saimão em tatuagens.

³ Ouvi no concelho de Melgaço a uma velha; mas a outras pessoas ouvi que o comestivel se deve partir em cruz.

⁴ Vid. o que escrevi n-O Arch. Port., 1x, 144.

O sino-saimão, traçado no chão, goza de virtudes sobrenaturais. «Dizem alguns que pela estrada em que estiver .. não poderão passar feras, nem animais nocivos» 1.—Dameia-noite para a uma hora as Bruxas vão para as encruzilhadas, onde fazem um sino-saimão, dentro do qual se metem (Vila Real de Trás-os-Montes)2. A pessoa que no S. João, á meia-noite, tiver de apanhar a semente da feitelha, mete-se debaixo de um sino-saimão, para o Diabo a não empècer 3. ... Em Baião, quem quer encomendar as almas sobe de noite, na quaresma, sózinho, a um outeiro, risca na terra um sino-saimão, «deita-lhe a benção de Deus» (em nome de Deus Padre, do Filho e do Espirito Santo, amen!), coloca-se lá dentro, e diz em voz alta, por tres vezes: pela alma de Fulano e mais Sicrano, pater-noster! para quem ouvir, rezar. A pessoa não sái de lá sem acabar a encomendação, porque o Diabo anda em roda a fazer-lhe tarrêtas (isto é, «tregeitos»), para que ela tema, e não continue; depois de acabar, sái porém incolume. Ouvi a mesma superstição, pouco mais ou menos, em Mesão-Frio; quem me informou, acrescentou que o Diabo não póde ver o sino-saimão, por este ser feito de cruzes. Em Monte-Real (Leiria) voga uma superstição semelhante 4: vai uma pessoa a um sitio ermo, em 4.º ou 6.º feira, faz um sino-saimão em volta de uma arvore, prèviamente escolhida, sobe acima d'esta, e com voz funebre entoa um cantico religioso pelas almas, o que se denomina «aumentar as almas» (isto é, «ementar»). Crê-se de modo geral no Alto-Minho que quando uma pessoa se vê «atormentada» por qualquer mal, deve riscar «um quadro do sanselamom no chão», e meter-se dentro, para se defender; o mal foge logo.

Não traçado no chão, mas desenhado com uma faca de ferro, em brasa (chamada faca de fogo), na anca de uma bêsta muar que tenha

¹ Bluteau, Vocabulario, s. v. «sino-çamão». A notícia de Bluteau foi aproveitada no Almanach de lembranças de 1875, p. 272, onde se juntam outras; Pires refere-se a este Almanach na Rev. Lusit., 1x, 118. O mesmo Almanach publica um sino-saimão de fantasia, formado de compasso, tira-linhas, regoa, lapizeira, com uma estrela no centro, a qual lança raios para todos os lados.

² Tradições pop. de Portugal, § 330-d (p. 307).

³ Trad. pop. de Portugal, § 239-d (p. 110). Já depois que publiquei esta obra, ouvi a mesma superstição noutras partes do Minho. A semente do feto tem muita serventia, por exemplo: quando uma rapariga não quer bem a um rapaz, ele atira-lhe com a semente, e ela «fica logo tola...».

⁴ Foi-me relatada pelo meu antigo aluno universitario, ja mencionado acima, D. ^{or} Manoel Domingues Heleno Junior.

dôr sciatica, alivia-a d'esta dôr t.—Quem empedra um forno de cal, e o deixa pronto para começar a cozer, grava no barro que constitue o pano do forno, sobre a bôca d'este, um sino-saimão ou uma cruz, «para que o fôrno não abata, e funcione bem» (Obidos)².

A idade-média ministra-nos no Comentario do Apocalipse de Lorvão, códice da Torre do Tombo, que data de 11893, os desenhos ou sinais que reproduzo nas figs. 118 a 123, e se vêem no comêço de um capitulo onde se trata da expositio de muliere sedente super bestiam. A mulher tem um calis na mão esquerda, e o chrisma, ou monograma de Christo, na mão direita. Os sinais são: o sino-saimão simples, ou pentalfa, duas vezes; o sino-saimão dobrado; uma estrela de sete raios; uma espécie de S; e uma espécie de X: e não ha duvida que pelo menos ao sino-saimão, quer simples, quer dobrado, ligou o desenhador significação magica, pois no comentario, a que eles servem de ilustração, se fala de várias superstições, de ensalmos, de amuletos, e de karacteres, quod SIGNUM SALOMONIS rustici dicunt⁴. Comquanto este Comentario não tenha origem portuguesa, mas asturiana, e apenas o copiasse certo Egeas, que ao certo não sabemos se tambem é nosso conterraneo⁵, não hesitei em o mencionar aqui, já por haver pertencido ao convento de Lorvão, já porque, fosse qual fosse a origem das ilustrações, tanto das presentes como de outras, elas estão de acôrdo com costumes nacionais.

^{↑ 1} Ouvi no Alandroal.—Adiante veremos outros exemplos, mas desprovidos de caracter supersticioso.

² Informei-me d'isto em 1918, ao pé de um forno de cal. Nessa ocasião o forno não tinha o sino-saimão, mas uma cruz: vid. um esquema na fig. 117. Substitua-se pois mentalmente a cruz pelo pentalfa. O pano, quando se quer extrair a cal, desmancha-se.

³ Cf.: O Archivo da Torre do Tombo por P. de Azevedo & A. Baião, Lisboa 1905, p. 73 (onde se cita um passo de Herculano); e A Arte Portuguesa, 1, 135.

⁴ Estes sinais são até certo ponto comparaveis aos que ilustram uma das Cantigas de Afonso o Sabio, a que me referi supra, p. 220, cantiga em que se fala de um clerigo nigromante.—Mais notarei que o sinal de fórma de S tem conhecidamente caracter magico: vid. Religiões da Lusitania, 111, 586, e 587, nota 4. O sinal de fórma de X póde apenas ser um S cruzado com outro; todavia é comparavel, de algum modo, a um sinal gravado em uma pedra protohistorica da Citania de Briteiros: vid. ob. cit., 111, 73. A estrela é natural que ande associada a simbolos magicos, que em grande parte são ao mesmo tempo astrologicos.—Do sino-saimão dobrado trato adiante.

⁵ O autor do Comentario é o monge Beato, de Liébana, como se diz na subscrição. Faleceu em 798: vid. Gröber, in *Grundriss der roman. Philol.*, vol. п-1, p. 123.

Num codice da Biblioteca Nacional de Lisboa, que contém cópia de papeis do sec. xv, feita no sec. xvIII, ha uma curiosa nómina contra os endemoninhados, na qual se desenham cruzes a par de pentalfas. O texto é longo, e vem acompanhado de explicações rituais: por tanto não transcrevo nada d'isso aqui, o que interromperia muito a minha exposição, mas publicarei tudo no fim, como apendicé.

Gravado, esculpido ou pintado em objectos de uso, em cabeceiras ou tampas de sepulturas, e em lugar conspicuo de certos edificios, e bem assim esboçado no corpo humano como tatuagem, dá protecção magica a esses objectos, sepulturas e edificios, e ás pessoas que o recebem na pele,—e constitue aí tambem, em parte, elemento decorativo.

Os objectos em que assim figura o sino-saimão são multiplos, nem eu poderia enumerá-los todos. Do sino-saimão gravado em jugos e cangas já falei em 1881 no meu Estudo Ethnographico, onde desenhei bastantes, e de então para cá muitos mais tenho encontrado por todo o Portugal (os aldeões do Minho dizem de modo geral: que com ele não empece aos bois coisa má; noutras partes, por exemplo, em Obidos, afirma-se declaradamente que o sino-saimão evita que «o Diabo entre com os bois»; no Cadaval e em Oliveira de Azemeis supõe-se que é por causa das Bruxas). Nos jugos e cangas do Minho e da Beira Ocidental (Feira, Oliveira de Azemeis) o sino-saimão aparece entre ornatos graciosos e curiosos; nas cangas de outras regiões, por exemplo, Mafra e Leiria, ele aparece solitario, ou apenas acompanhado de desenhos lineares muito simples. O sino-saimão ora figura na frente das cangas ou jugos, ora na parte posterior, como por vezes observei nos que de diferentes regiões do Norte e Sul do Douro se vêem abundamente nas ruas do Porto. Na fig. 124 reproduzo uma canga que se vê gravada nos Elementos de historia da arte de J. Ribeiro Christino, IV, 110, fig. 5994. - Aqui em Lisboa todos os dias se encontravam d'antes na rua vendedores ambulantes acompanhados de burros, que levavam no dorso cangalhas (especie de alforge de madeira, ou caixas duplas, com comestiveis: hortalica, fruta, etc.), nas faces das quais se viam por vezes pintados sinos-saimões, quer em

¹ Desejava dar aqui algumas gravuras originais de cangas e jugos do Porto: não me foi porém possivel obter fotografias, apesar de ter recorrido com insistencia a pessoas amigas, e a dois fotografos.—Agradeço ao S.º Ribeiro Christino a permissão que me deu de reproduzir o seu desenho, e ao Sr. Julio Aillaud, a quem a gravura hoje pertence, o emprestimo d'esta.

todas as faces, quer só em uma, quer um sino-saimão avulso, quer inscrito em um aro, quer acompanhado de uma cruz, quer de um coração asseteado: vid. figs. 125 a 128, copiadas nas ruas de Lisboa ha anos (hoje encontram-se já raramente estes emblemas). A fig. 129 representa mais quatro sinos-saimões acompanhados de cruzes, dois das faces dianteiras de umas cangalhas, dois das faces traseiras. Pintado de branco, o sino-saimão figura não raramente na proa de barcos do rio Lima. Tambêm se vê pintado em barcos do Sado.

Em certos artefactos populares, de caracter artístico, o sino-saimão é companheiro habitual de outros ornatos ou simbolos: em ganchos de meia, em reclamos venatorios, em cornas (por exemplo, inscrito num circulo, e acompanhado de outros pentalfas, na fig. 130: corna de Valpaços), em polvorinhos. N-O Arch. Port., XVII, est. II, entre pp. 288 e 289, publiquei uma pintadeira com um: reproduzo-a na fig. 131. A fig. 132, feita pelo meu saudoso colega Gabriel Pereira, mostra-nos um rude cocho de Evora, de cortica, igualmente com dois no exterior1. No concelho de Obidos vi em 1918 uma celha de pau, destinada a dar a ração de favas aos bois, a qual tinha numa das asas o sino-saimão: fig. 1332. De rocas alcobacences com sinos-saimões fala Vieira Natividade na Portugalia, II, 643-645, onde publica alguns; de rocas barrosas, nas mesmas circunstancias, falo eu n-O Arch. Port., XXII, 28. Em 1908 encontrei em Mertola o ermitão de S. Romão que andava a pedir esmolas para o santo, e trazia, como é costume, uma especie de maquineta portatil de lata, com a imagem dentro; a maquineta tinha por ornato, picado na lata, uma cruz, em cujo pedestal se via um sino-saimão: fig. 134. Na serra das Alturas (Barroso) os chapeus de palha são por vezes enfeitados com faixas de chita pespontadas com varios ornatos, e entre eles o sino-saimão (a par com o coração e a cruz)3.

Com os trajos se relaciona a tatuagem. Por tanto, depois de ter falado do chapeu, posso naturalmente falar d'esta. A tatuagem tem sido estudada como assunto etnografico, médico e criminologico: repetidamente aparece nela o sino-saimão (ou sòzinho ou com outros emblemas), já porque ele se presta muito a ser desenhado, já por causa da significação que de ordinario se lhe liga. Vid. os trabalhos (alguns

¹ Sendo o cocho, como é, destinado para por ele se beber agoa, compreende-se que o pentalfa evite que com esta uma pessoa ingira «coisa má».

² À razão é analoga á que proponho na nota anterior.

³ Rocha Peixoto, in Portugalia, 11, 378 e 379.

já acima citados) de Rocha Peixoto 1, Tomas Pires 2, Teixeira Bastos 3, Joaquim Fontes 4, Mendes Correia 5. Pela minha parte, remeto o leitor para o que escrevi nos Ensaios Ethnographicos, III, 359-361 (a proposito do livro de Teixeira Bastos), para a bibliografia que aí indiquei a pp. 361-362, para a Historia do Museu Etnologico, p. 216, e est. XXIII (pp. 138-140), e para O Arch. Port., XXII, 156. Nas notas que conservo ineditas estão, pelo menos, vinte e um exemplos do sino-saimão em tatuagens. Aqui reproduzo os principais tipos: figs. 135 a 140 (com o pentalfa concorrem outros emblemas e iniciais de nomes: entre os emblemas vemos as cinco-chagas de Cristo, o coração, a cruz sôbre uma peanha, e um crucifixo). Ha localidades. como Baião, onde usam muito a tatuagem; aí ás vezes até se tatuam as mulheres. Se em certas localidades os tatuados não ligam maior inportancia ao sino-saimão, considerando-o pura brincadeira, ornato ou curiosidade, noutras atribuem-lhe as virtudes gerais que já vimos ele tem («não entra nada com a gente, de noite, nem Bruxas, nem o Demonio»), e póde pois ele andar associado á cruz. Tanto o trazem do lado esquerdo como do direito, embora seja mais eficaz do lado esquerdo (no braço, na mão, etc.)6.

Protector do individuo, e dos objectos de que ele se utiliza, ou que pousam no pescoço e no dorso de animais que lhe fazem serviço, tambem naturalmente protege a cama em que se dorme, a casa de habitação, ou qualquer edificio em que se permaneça. Estive uma vez (1918) numa abegoaria do concelho de Obidos, e observei que na cabeceira da tarimba, em que o abegão dormia, estava talhado um sinosaimão. Em 1894 vi na Cova de Lavos uma casa que tinha o sinosaimão pintado em quasi tedas as portas: a dona, segundo me informaram, era muito supersticiosa. Em Guifões (arredores de Leça da Palmeira) vi noutra ocasião um sanselimõu (assim se pronuncía lá) feito de tinta branca, em uma porta, e por cima d'ele pregada uma ferradura de sete buracos, vid. fig. 141; na mesma porta estavam pregadas mais duas ferraduras, mas sós. Não ha dúvida que em am-

¹ A tatuagem, est. IV, 15.

² Amuletos alemtejanos, p. 9, nota 2.

³ A tatuagem nos criminosos, est. ix, xi, xv, xxii, xxix, etc.

⁴ Contribuições ao estudo da tatuagem, Lisboa s. d., est. v-14 (na parte anterior do ante-braço direito), est. ix-23 (peito, e parte posterior do ante-braço direito).

⁵ Criminosos portugueses, p. 279.

⁶ A tatuagem chama-se, conforme os sitios, erisma, sinais, marcas.—O mais que eu aqui poderia dizer sobre tatuagem fica para a Etnografia Portuguesa.

bos estes casos o pentalfa desempenhava o seu papel profilatico: quanto á Cova de Lavos, ressalta isso do caracter da dona da casa; quanto a Guifões, ressalta da associação com a ferradura, que tem, pregada em portas, emprêgo supersticioso bem conhecido 1. No Museu de Faro existe uma pedra de 0^m,79 de comprimento, e de 0^m,16 de largura minima, a qual tem esculpidas duas cruzes-de-Cristo (uma acima da outra), e gravado superiormente a ambas um sino-saimão, fig. 142. O Conego Bôto atribuia grande antiguidade a esta pedra, todavia as cruzes-de-Cristo mostram a sem-razão d'isso; e o sino-saimão é ainda mais moderno que elas, foi acrescentado, e tanto é assim, que ele está gravado, como disse, e não esculpido. Esta pedra encontrou-se na cidade, em antigos alicerces, e parece faria parte de um peitoril de janela, ou de uma soleira de porta (mais provavelmente de peitoril),no que me confirmou um pedreiro a quem consultei. Temos de certo no pentalfa de Faro um caso analogo aos de Guifões e da Cova de Lavos². É curioso que tambem no Museu de Guimarães exista uma pedra que se parece com a de Faro, de 1^m,54 de comprimento, e de O^m,29 de largura; tem tres desenhos: uma cruz em baixo, um suástica flamejante ao meio, e um pentalfa em cima, este, como me parece, mais moderno que os restantes emblemas: fig. 143. Ignoro as circunstancias do achado, com quanto eu me incline a crer que a pedra pertencesse igualmente a edificio. Eis outros empregos do pentalfa, cuja explicação póde caber aqui: ele está gravado numa pedra do chão, á entrada de uma das portas do castelo de Linhares (Beira-Baixa), á direita, -como observei em 1910 (sino-saimão simples); e igualmente num penedo do castelo de Piconha, proximo de Tourém (Montalegre), hoje em territorio hespanhol, outr'ora em territorio português: fig. 1443.

Admite-se sem custo que o sino-saimão proteja edificios profanos. Protegerá ele também edificios religiosos, apesar de estes já por si serem baluartes fortissimos contra as armas de Satanás? Do que não

¹ Cf. o que escrevi na Hist. do Mus. Etnolog., p. 206, n. 6, e na Lusa, 1, 81.

No Concelho d'Elvas de Victorino d'Almada, t. 1, Elvas 1888, lê-se a p. 497 a seguinte nota, redigida por Tomás Pires: «No revestimento de cantaria do Arco, da praça, proximo á janela da repartição das contribuições indirectas municipaes, está insculpido numa pedra o signo-sàmão». Que espécie de pedra será? A mesma pergunta faço a respeito da que se desenhou n-O Arch. Port., 1, 260.

³ Informação do S.º Major F. Braga Barreiros.—A existencia do castelo de Piconha ascende, pelo menos, ao reinado de D. Sancho I: vid. G. Barros, *Hist. da admin.*, 11, 134.

ha dúvida é de que o sino-saimão figura em alguns de tais edificios: em cima de um arco ogival do convento da Graça, em Loulé, em lugar de honra, pousado numa cruz ou flor, fig. 145; sobre a porta da igreja de Santa Maria dos Olivais, em Tomar, bem como em pedras avulsas da torre da mesma igreja, figs. 146 a 149⁴; no claustro de D. Denis, em Alcobaça, alternadamente com cruzes, rosas, efc.².

O ver-se o sino-saimão gravado em sepulturas provoca o mesmo reparo que já fiz a respeito das igrejas, pois que os cemiterios são lugares sagrados. Todavia, se quanto ás igrejas poderá supor-se que o pentalfa constitue aí ás vezes mero ornato, creio que nas sepulturas desempenha sempre funções superstíciosas, como dos seguintes exemplos se concluirá. Temos em primeiro lugar cabeceiras, talvez dos fins da idade-média, em que ele se esculpiu: figs. 151 a 155, dos Museus de Faro e Beja, e do Museu Etnologico; fig. 156, de Santa Margarida do Sado 3. Á mesma classe pertence provavelmente uma pedra que com outras cobria um sarcofago achado em 1914 em um desatêrro da igreja do Salvador, em Santarem 4: fig. 157, a qual ostenta de um lado o pentalfa, fig. 158, e do lado oposto uma eruz, fig. 159. É vulgar estarem as cabeceiras sepulcrais d'esta especie esculpidas dos dois lados, na parte superior ou redonda: cf. Hist. do Museu Etnolog., p. 66; e O Arch. Port., XXII, 108-109. Em segundo lugar, temos tres tampas de sepultura propriamente ditas, ou campas: num lagar da abadia de Canidelo (Vila do Conde), de 1560, onde o Rev. do Sousa Maia, Abade da frèguesia, m'a mostrou: fig. 160 (as letras querem

¹ Haverá relação entre a abundancia de pentalfas em Tomar e a antiga ordem dos Templarios, que aí tinha a sua séde? Acêrca dos Templarios, vid. supra, p. 224.

² Tenho nota de pentalfas em pedras de outras igrejas, como de uma antiga de Favaios, e da igreja velha de Aveiras de Cima, porém não posso dizer que espécie de pedras são. A de Favaios tinha a fórma que consta da fig. 150. Informa-me o S.º Fernando Barreiros, Major de Infantaria 11, de que numa das faces do pedestal de uma cruz, nas traseiras da igreja da Misericordia, em Montalegre, se vê gravado um sino-saimão. Gravura casual ou propositada? — No seu livro, tão rico de factos como de ideias, intitulado The evil eye, Londres 1895, explica Elworthy como instrumentos de defesa contra maleficios (mau othado, etc.) as esculturas grutescas que adornam as igrejas medievais, por exemplo as das torres de Notre Dame de Paris. Era natural supor que os ataques dos maus espiritos se dirigissem especialmente contra edificios e pessoas destinadas a cultivar e fortificar ideias de bondade e virtude. Pp. 229-232.

³ Cf. O Arch Port., xix, 314.

⁴ Informação e esboços do Sr. or Abreu e Oliveira.

dizer.. de Francisco Piriz, e deve faltar antes a palavra sepultura) i; na capela do Mosteiro ou Mosteirinho, de Penalva do Castelo: vid. a fig. 161, que extráio de um apontamento que lá tomei em 1896; no pavimento da igreja matriz de Evora-Monte, vid. a fig. 162, feita por um desenho que me foi mandado pelo S.º António Maria do Carmo, autor do opusculo Apontamentos para a monografia de Evora Monte, 1.ª ed., Montemór-o-Novo 1916, onde a p. 14 se refere ao signum Salomonis (este está inscrito num circulo que encima uma coluna posta sobre uma peanha; o conjunto tem aparência de custódia). Em todos estes exemplos o pentalfa ocupa posição conspicua: a magia ajuda a religião! Assim como d'antes se julgava que por o Diabo poder atormentar os cadaveres, era bom sepultar estes proximo das igrejas, ou dentro d'elas, ou ao pé de mortos venerandos², que admira que com intuito semelhante se figurasse um sinosaimão numa sepultura?

Passo agora a mencionar casos em que o pentalfa aparece mais rigorosamente como enfeite, ou em que tem significações diversas das que resultam do seu caracter proprio e originario.

Iniciarei a serie com a reprodução de um documento respeitavel por seu caracter e data: uma das vinhetas do codice, do sec. XIII ou XIV, em que se lêem as poesias que constituem o Cancioneiro da Ajuda. Nesta vinheta, correspondente ao fol. 59 (=88), representase um grupo de tres personagens que são: um trovador (á esquerda do observador), um jogral (á direita), uma dançarina, que toca castanhetas (entre os dois, no campo): ora o jogral dedilha um salterio, em cuja parte central (no tampo) está figurado um sino-saimão cantonado de pontos, e com outro ponto ao meio³. Vid. fig. 163⁴. Provavelmente o sino-saimão é aí ornato, ou emblema, embora não talvez de todo destituido de caracter magico.

A par com servir de ornato, serve o pentalfa de sinal individual em assinaturas, em firmas de notarios ou tabeliães, e em marcas de canteiros, de oleiros, de pescadores, de doceiros, e de donos de animais.

¹ A esta sepultura anda anexa uma lenda etiologica, em que figura um sino-saimão traçado no chão, dentro do qual certo padre devia colocar-se.

² Vid., por exemplo: Gama Barros, Hist. da administração, 1, 527, e 11, 275, n. 2; Revue Archéolog., 1894, p. 149; Analecta Bollandiana, xxvIII, 166 sgs.

³ Á Senhora D. Carolina Michaëlis escapou a menção do sino-saimão quando descreveu as vinhetas na sua magnifica edição do Cancioneiro: vid. t. 11, p. 160, onde indica outros pormenores, que por brevidade omito.

⁴ Este desenho foi feito pelo S. Carlos Augusto Ferreira, a pedido do D. Jordão de Freitas, Conservador da Biblioteca da Ajuda.

Do pentalfa usado em assinaturas de pessoas que não sabem escrever ou usado por elas com a assinatura como sinal proprio, analogo ao dos notarios, possuo dezenas de exemplos, dos secs. xv, xvi, XVII e XVIII. Não vale a pena reproduzi-los todos. Já me referi a isto, pela primeira vez, em 1882, nos Amuletos popul. port. (extr. da Rev. da Soc. de Inst., II. 397-398); o meu querido amigo Tomás Pires, hoje falecido, citou em 1888 exemplos de Elvas*, e mandou-me reproduções (sec. xvi). Colhi exemplos do sec. xv em actas da Camara Municipal de Vila do Conde: sinó-saimão simples. Numa acta de 1511 vê-se um sino-saimão encimado de uma cruz: fig. 164. De 1580, do Livro de vereações da Camara de Elvas, mandou-me Pires um analogo ao que reproduzo na fig. 166 (com cruz inclusa no pentalfa). De 1582-1583 publiquei um de Guimarães n-O Arch., XII, 104. Do sec. XVII ofereço ao leitor dois exemplos nas figs. 165 e 166: um, de 1689, diz do fiador Domingos Neto, e copiei-o do Livro d'arrematações da vila de Albufeira; o outro, de 1695, colhi-o em papeis paroquiais do Algôz (Algarve), e repete-se em 1704, com o mesmo nome, fig. 167. Num livro de contas da capela de Val d'Aguiar, na paroquia de Miranda do Douro, vi, com data de 1645, estas assinaturas: De Salvador Martins, e De Pedro Martins?. Do sec. xvIII (1706) temos a fig. 168, que transcrevo de um livro da Misericordia de Monchique (o nome é: João Duarte Furtado). Posteriores ao sec. XVIII não conheço exemplos, mas é provavel que haja alguns ainda da primeira metade do sec. xix. Vê-se que se «assinava de sino-saimão», como se assinava de cruz. Nos mesmos livros em que copiei os pentalfas havia tambem, e naturalmente, muitas assinaturas de cruz; estas continuaram a usar-se longo tempo depois. O uso do pentalfa é aqui pararelo ao que acima mostrei que existia na Hespanha na idade-media.

Do pentalfa como sinal de tabelião ou notario tenho os seguintes exemplos do sec. XIII e XIV, colhidos por mim em pergaminhos da Torre do Tombo, onde devem encontrar-se muitos mais, não só d'estes seculos, mas de outros:

de 1245 (fig. 169), caixa 83, maço 1.º, de. 36. O texto diz: Martinus Andree notui testis. Este documento trata de uma doação de

¹ Vid. Concelho d'Elvas de V. d'Almada, t. 1, p. 497, n. 5.

² É curioso que hoje em Miranda do Douro não se conheça o sino-saimão: pelo menos as várias pessoas que consultei não me souberam falar d'ele.

^{3 «}Martinho, filho de André».

terras na foz do Dueza, ubi intrat i Scyra et ubi intrat aqua de Castello Venegas in Dueza;

de 1259 (fig. 170), c. 84, m. 1.º, dc. 10: escritura de uma herdade de Torres Vedras;

outro da mesma data (fig. 171), c. 84, m. 1.º, dc. 63. O tabelião diz antes: signi meŭ aposui ĝ tale est;

de 1260 (fig. 172), c. 84, m. 1.º, dc. 26. Pergaminho de Alcobaça ;

de 1270 (fig. 173). A nota que tenho a respeito d'ele é incompleta, diz apenas: «cod. do Cabido da Sé de Lamego. 1270, n.º 29»;

de 1271 (fig. 174), c. 85, m. 1.°, dc. 17. Da Sé de Lamego²;

de 1272 (fig. 175), c. 85, m. 1.º, dc. 69. Tabelião público de Torres Vedras;

de 1279 (fig. 176), c. 86, m. 1.º, dc. 33. Tabelião de Aguiar de Sousa;

de 1286 (fig. 177), c. 87, m. 1.º, dc. 20. Tabelião Stephanus Johanis de Aguiar de Sousa³;

de 1299 (fig. 178), c. 88, m. 2.°, dc. 3. Tabelião Stephanus Johnis, de Refoios (Minho);

de 1304 (fig. 179), c. 95, m. 1.º, dc. 5. Tabelião de Aguiar de Sousa 4.

N-O Arch. Port., XIX, 87, publiquei um muito bonito, do sec. XVI, e aqui o reproduzo, para ficar junto com os antecedentes (fig. 179 bis).

As noticias que alcancei acêrca de marcas ou siglas de canteiros são poucas e da idade-media: da sacristia da capela de S. Domingos de Queimada (Lamego)⁵, do Paço de Sintra ou Cintra⁶, do Castelo de Estremoz⁷, e de uma porta das muralhas de Trancoso⁸. No opusculo de Possidonio da Silva, intitulado Mémoire sur la signific. des

¹ É possivel que este sinal e os dois anteriores, ou pelo menos este e o ante-penultimo, sejam de um mesmo tabelião. Não posso agora verificar, porque isso me roubaria tempo. Eu fiz os extractos por diversas vezes.

² O tabelião deve ser o mesmo do sinal anterior.

³ Deve ser o mesmo do sinal anterior.

⁴ Deve ser o mesmo tabelião a quem pertence o sinal que tem o n.º 176.

⁵ Vid. Raczynski, Les Arts en Portugal, Paris 1846, diante da p. 333.

⁶ Vid. Conde de Sabugosa, O Paço de Cintra, Lisboa 1903, p. 210.

⁷ Vid. Luis Chaves, in O Arch. Port., xxII, 229.

⁸ Porta d'El-Rei, debaixo do arco principal, á direita de quem entra. Aí o observei em 1918. É um pentalfa, e não um hexalfa, como inexactamente se figura no Almanach-Anuario de Trancoso, 11 (1916), 62, obra, porém, que a muitos respeitos é importante.

signes gravés sur les anc. mon. du Portugal, Lisboa 1868, não aparece nenhuma vez o pentalfa; nas pedras que tenho examinado ou copiado em diferentes partes de Portugal, encontrei-o só uma vez (Trancoso). Vê-se que, com quanto apareça, não será vulgar.

Igualmente não o é nas marcas de oleiro: só sei de dois exemplos, ambos em vasilhas de barro que vi ha anos no Alandroal. Uma das vasilhas era um atestador (talha de barro, pequena, que leva de 10 a 20 almudes²): tinha a marca que vai copiada na fig. 180; este atestador fora provavelmente fabricado em Campo-Maior, com outros do sec. xviii, assim designados. A outra vasilha é um pote: tinha o desenho que vai na fig. 181. Tanto no pote como no atestador as marcas haviam sido feitas quando o barro estava ainda fresco.

Dos pescadores posso dar várias informações. Em 1895, estando na Póvoa de Varzim, copiei muitas marcas que os pescadores pòveiros gravaram, como registo, em móveis da sacristia da igreja matriz e da Misericordia, e na porta da capela da Senhora do Destêrro: vid. O Arch. Port. XXII, 155. Umas vezes é o sino-saimão simples, outras acompanhado de traços: fig. 182. Um pescador disse-me que de estarem gravadas as marcas assim em local sagrado resultava pesca-

¹ As siglas que se vêem gravadas nos nossos edificios antigos têm origem semelhante á das dos edificios de Hespanha e d'outros pontos da Europa que citei a p. 221. Ainda que entre nós, anteriormente ao sec. xiv, não ha documentos com vestigios seguros da existencia de corporações de artes & oficios (G. Barros, Hist. da Adm., 1, 517), devia porém havê-las, porque isso estava «na indoles dos costumes da idade media, em que predominava a distinção das classes» (G. Barros, oc. cit., ibid.), e concorda com o que acontecia em Hespanha, país a que então lsempre estivemos achegados no que importa a cousas d'arte. - Um vestigio d'essas associações estará acaso, como nota o S.ºr Romea, na obra ha pouco citada, Hist. de l'Arquit. (vid. 1, 44), no uso que os pedreiros galégos e portugueses fazem de girias especiais. Efectivamente os pedreiros do Alto-Minho vão em grupos trabalhar para diferentes partes do país, por exemplo, para a Extremadura. Não são eles, porém, os unicos que usam de giria. Já em 1882 no meu opusculo O Dialecto Mirandês, pp. 8 (-9), nota 4, me referi á giria dos pedreiros e de outras classes. Em 1893 e 1914 colhi no Cadaval muitos termos de giria, ou latim, da bôca de pedreiros de Soutelo e Afife (Viana do Castelo), que lá andavam a trabalhar: o que tudo conservo inedito. A giria dos cardadores de Minde (Extremadura) é tambem curiosa, e tenho d'ela igualmente espécimes. Da giria, pelo lado glotologico, tratou em 1892 o D.ºr Adolfo Coelho nOs Ciganos de Portugal, onde cita trabalhos de outros investigadores. Depois de 1892 só sei, que me lembre, de: A giria portuguesa de A. Bessa, 1901; Giria de crianças deliquentes do D. Mendes Correia (opusc., s. d.); Os criminosos do mesmo A., 1914, p. 244; e de alguns artigos aparecidos em jornais.

² A talha propriamente dita leva de 40 a 100 almudes.

rem mais peixe. Não sei se a crença é geral ⁴. Nos pescadores de Buarcos ² o sino-saimão «tem largo emprêgo nas cortiçadas dos aparelhos de pesca, associado a outros signaes para se reconhecer de quem são os aparelhos onde figuram » ³.—Em Almada vi uma vez um sinal do saco, de cortiça, de uma rede de pesca, o qual vai desenhado na fig. 183: media 0^m,17 de diametro longitudinal, e 0^m,10 de diametro tranverso; numa das faces tinha gravado, como consta do desenho, um sino-saimão e uma cruz, ao que ouvi chamar «marca do dono».—Todas estas marcas lembram as dos canteiros.

Modernissimo é o pentalfa num doceiro, como marca dos rebuçados de «Marin» (Lisboa): fig. 184.

As marcas dos animais, como todas as outras, são muito variadas: e podem fazer-se com ferro em brasa, com tesoura, ou pintando a pele. Nas marcas usadas no concelho de Obidos, feitas com ferro em brasa, ou com tesoura na ocasião da tosquia, quando o animal é ovelhum, figuram por vezes sinos-saimões, bem como estrelas, monogramas, etc. Na fig. 185, publica-se o desenho do ferro que marca os animais (bois e cavalos), as mantas dos pastores, etc., da casa dos S. ors Barões de Almeirim, em Pombalinho (o pentalfa está encimado de uma coroa de barão) 4.

E por aqui me fico a respeito do pentalfa em marcas, embora en com certeza não esgotasse o assunto, pois o povo faz largo emprêgo d'elas, em numerosas circunstanciasal, ém das indicadas.

Para remate do que eu tencionei relatar do pentalfa português,

⁴ Posteriormente ás minhas observações, que ficaram ineditas até 1917, em que apareceram n*O Archeologo*, tratou do assunto o S.^{or} Candido Landolt, *Folk-Lore Varzino*, Póvoa 1915, pp. 133-135, e o D.^{or} Pires de Lima na *Lusa*, t. 1, pp. 115-117: ambos eles publicam tambem marcas, e entre elas o pentalfa.

² Goltz de Carvalho, in Portugalia, 1, 347.

³ Já antes de 1895, isto é, em 1890 (como vejo de um apontamento meu d'então, que encontrei agora), eu havia copiado na Póvoa as mesmas marcas de que falo acima, e que, com outras que tambem copiei, correspondem ás das cortigadas.

⁴ Ao S. ⁶⁷ Braamcamp Freire, que pertence á familia, agradeço o ter-me obtido o desenho.—Nas Memorias de la Soc. Españ. de Hist. Nat., x (1916), 278, cita o S. ⁶⁸ E. Frankowski um exemplo analogo, de Lisboa.—O costume de marcar os animais veio-nos fmediatamente dos Romanos. Diz Vergilio, Gegor., 1, 263, referindo-se ao lavrador que, por causa do mau tempo, não póde ir para os campos e tem de se dedicar em casa a algumas ocupações: pecori signum. impressit. O mesmo costume existia tambem nos Gregos: vid. Dict. des antiq., s. v. «equus», t. 11, 1.º pt., p. 800. Ibidem se representam algumas marcas (nome do cavalo ou do dono, emblemas varios, etc.; ha um epitafio da era cristã em que se representa um cavalo marcado com o nome de Cristo): figs. 2756 a 2758, e s. v. «circus», t. 1, 2.º pt., figs. 1520, 1532 e 1536, etc.

e deixando de parte usos modernos, sem nenhuma importancia, como o adoptar-se o pentalfa em estamparias de tecidos, em marcações acidentais, etc. 1, considerarei ainda dois casos curiosos, em que ele aparece por causa da sua fórma geometrica.

Temos na fig. 186 o brasão d'armas de Viana do Alentejo: nele se nos mostra o sino-saimão repetido². Não me parece facil dizer a origem: lembro-me se nos sinos-saimões quiseram representar duas estrelas estilizadas e reduzidas a emblemas muito conhecidos do povo, (pois que várias vezes se figuram astros em brasões de vilas e cidades)³, ou se eles não passam de monogramas amaneirados de V(iana) (de a par de) A(lvito), que assim a vila se chamou d'antes⁴. Na úl-

tima hipotese, cada monograma seria , estando completado por pontos o que falta para se formar um pentalfa:

Tambem o sino-saimão figura num jôgo, por causa da fórma. Ha anos veio á minha posse um papel antigo (obtive-o em Angorês, Beira) no qual estava desenhado o que se vê na fig. 187. Quem m'o ofereceu, disse-me que era um jôgo, porém não soube explicar mais nada. A explicação achei-a depois no folio 93 v do codice B $\frac{9}{37}$ ant. (= 589 da numeração moderna) da secção de manuscritos da nossa Biblioteca Nacional, codice do sec. xvII, onde se lê o seguinte:

«Curiosidade.—P.ª semetere 9. pedras em hü signo samao, q nao será possivel fazer-se sem saber o chiste segt.

A Decima seguinte se escreverá á roda deste signo samão cada verso em seu lado.

A fig. a do signo samão he a prezente.

O que se hade pedir he, que hao de meter 9. pedras dentro, de sorte q de 10. angulos q tem fiquem cheos 9. E se fará contando de 1 the 3. como no jogo do Alguerue. Aduertindo q



Decima

haode começar a contar em ponto vazio e acabar noutro tal, onde se

¹ Por exemplo, em uma pipa, como vi ao pé do Porto, em 1918.

² Apud Vilhena Barbosa, Cidades e vilas com brasões, 111, entre pp. 126 e 127.

³ Vid., por exemplo, Vilhena Barbosa, ob. cit., t. 1, pp. 4, 56, 116, 143.

⁴ Pinho Leal, Portugal ant. e mod., x, 322. — Creio que a designação de do Alentejo não é muito velha.

assente a pedra, ainda que o do meyo tenha pedra: Dizendo 1. 2. 3. e pór a pedra, q socederá cahir ou onde se cruzad os riscos, ou nas pontas, athe encher o n.º dos 9. e ficará sempre hu lugar vazio. E isto nunca se poderá conseguir se nad se souber a regra g.¹ A qual he: sempre se terá sentido no ponto em q comecey a contar e se procurará encher com pedra; e assi se encherad os 9. pontos e meterad as 9. pedras ao justo, sem topar com a difficuldade de achar o lugar do 3.º ponto occupado e cheo, ou o pr.º ou ainda nad achar 3. pontos q contar¹.

O pentalfa tem tal estimação entre nós, e acode tão naturalmente ao espirito de quem por distracção faz um desenho, que ás vezes o traça um garoto numa parede², o grava um soldado numa guarita³, o rabisca o dono de um livro nas folhas-de-guarda e espaços brancos d'este⁴, etc.—Acêrea do pentalfa em uma moeda atribuida a D. Afonso Henriques, vid. o «Apendice», III.

b) Hexalfa português:

No tumulo de D. Inês de Castro (sec. XIV), que está na igreja do mosteiro de Alcobaça, ha uma figura humana esculpida, que parece

¹ O jogo do alguerue de que acima se fala é o mesmo que o do alguergue de que falam respectivamente J. Cardoso (sec. xvi), A. Barbosa (sec. xvii), Bluteau (sec. xviii) nos seus dicionarios: vid. Diec. da Acad. s. v. «alguergue». O que não posso dizer é se em alguerue temos um lapso por alguergue, ou uma forma viva (= alguerve).—Posteriormente à composição tipografica da notícia transcrita acima, encontrei outra versão com leves diferenças, na Biblioteca da Universidade de Coimbra, tambem do sec. xvii, em um volume miscelaneo que tem o n.º 346. Em vez da figura do pentalfa tem porém a do hexalfa (provavelmente por ser mais facil de desenhar, e por confusão do escriba).—O D.ºº Joaquim Fontes disse-me possuir um papel com um desenho semelhante à fig. 187.

² Por exemplo, viam-se ha tempos, em Lisboa, alguns pintados, num muro ao pé do Campo Grande, e outros gravados numa parede da Rua das Amoreiras.

³ O S. Luis Chaves, Conservador interino do Museu Etnologico, informa-me de que no interior de uma guarita do Quartel de artilharia de Quèluz se abriu um com uma navalha, o qual mede de altura uns 8 centimetros.

⁴ Possuo, por exemplo, um Compendio de muitos e varios remedios de Çurgia, de Gonçalo Rodrigues, Lisboa 1671, que tem, nessas circunstancias, o sino-saimão dez ou onze vezes, feito, como probatio pennae, por mão inexperiente; e possuo um volume dos Sermões do P.º Vieira (o iv, Lisboa 1685), onde, igualmente como probatio pennae, se vê o sino-saimão na parte interior da capa. Isto acontece tambem numa das folhas-de-guarda das Annotaçõens ao genero e preteritos da Arte Nova, Coimbra 1676, exemplar da Academia das Sciencias, que encontrei em um alfabarrista (S.º José dos Santos), e que este generosamente enviou para a biblioteca då mesma Academia: o pentalfa figura aí umas oito ou nove vezes, a par com outras figuras de caracter popular, o sol, a lua, um coração antropomorfizado e provído de uma chave, etc., tudo feito no sec. xviii, ao que parece (pelo menos os pentalfas, o sol e a lua).

tocar um instrumento, no qual o artista gravou uma sigla, e um sino-saimão, como se vê do esbôço representado na fig. 188. Julgo ambos estes sinais marcas do escultor do monumento (pelo menos a sigla), ainda que é curiosa a coincidencia com a fig. 163⁴.

Tambem na igreja paroquial de Duas-Igrejas (Miranda do Douro) se pintou duplamente um hexalfa, não sei com que intuito, numa parede, á esquerda de quem entra pela porta principal: vid. fig. 189. Está aí associado á cruz².

Passando de coisas religiosas a profanas, encontramos o hexalfa gravado em um «cornicho» (amuleto), que uma pessoa me mostro u ha muitos anos em Lisboa: fig. 190. Fóra d'isto, e do uso dos feluzes marroquinos (vid. supra, fig. 38), não sei de mais caso nenhum em que o hexalfa sirva de amuleto em Portugal: ainda assim, no primeiro caso ele está adaptado ao cornicho, e em posição secundaria, e no segundo figura por confusão com o pentalfa 3.

Assim como nas «cangalhas» da hortaliça se pinta o pentalfa (vid. supra fig. 125), tambem por vezes se pinta o hexalfa, do que tenho nos meus apontamentos dois exemplos de Lisboa: num o hexalfa está sòzinho, no outro tem uma cruz inscrita dentro, como para lhe aumentar a virtude, fig. 191. O hexalfa aparece ás vezes nos jugos dos bois, mas muitissimo menos que o pentalfa⁴.

A esta raridade do hexalfa nas cangalhas corresponde raridade analoga na tatuagem, onde porém vimos que o pentalfa gozava de muito aprêço. Dos AA. citados acima, p. 241, só Rocha Peixoto menciona um caso de hexalfa, A tatuagem em Portugal, est. VII, n.º 16, aqui reproduzido na fig. 192, onde, como noutras circunstancias, se anexou ao hexalfa uma cruz (embora grosseira). Por mim, colhi tambem um unico exemplo, e de fóra do continente, como adiante digo.

¹ No livro de Vieira Natividade, intitulado *Inez de Castro e Pedro o Cru*, Lisboa 1910, não acho notícia do sino-saimão.

² Já me referi a isto nos Estudos de Philologia Mirandesa, 1, 57.

³ No Folclore da Figueira, coordenado por Cardoso Martha & Augusto Pinto falam os AA., no t. 11 (Espòsende 1912), p. 83, de um amuleto, chamado sino-saimão ou san-selimão, o qual consiste, segundo eles, em um aro de prata, ou de outra substancia, com dois triangulos equilateros inscritos, em sentidos opostos. Suponho haver equívoco. Nunca observei amuleto algum assim, no continente. Os AA. querem de certo referir-se àquele que represento na fig. 101: o que aí se vê é um pentalfa, e não um hexalfa.

⁴ Cf. Estudo Ethnographico, p. 42.

Não menos raro é o hexalfa na ornamentação de objectos manufacturados por pastores. Entre muitas cornas que tenho visto, sei apenas de uma em que aparece aquele sinal: pertence ao Museu Etnologico, para onde eu a trouxe de Ponte-de-Sôr; está belamente ornamentada, mas o hexalfa foi desenhado separadamente da ornamentação, e é muito irregular: fig. 193.—Eis outro objecto doméstico em que aparece o hexalfa: é uma pintadeira metalica, antiga, especie de sinete de marcar bolos, de fórma de umbela invertida: o hexalfa está na parte média e externa (pala ou centro do sinete; o cabo d'este tem um orificio de suspensão, que dá á pintadeira aspecto de berloque de cadeia de relogio, ainda que demasiado grande), figs. 194 e 195⁴.

Como marca de barco (cf. supra, pp. 240 e 248), reproduzo na fig. 196 um desenho que tomei na Póvoa de Varzim em 1890: mais uma vez o hexalfa com a cruz! E aqui ha duas, cada uma de sua fórma (o circulo que fica entre as duas cruzes ignoro o que significa, talvez uma hostia).

De marca ou sinal serve igualmente o hexalfa a um notario apostolico de Lisboa do sec. xvi: vid. fig. 197, extraida de um documento da Torre do Tombo, caixa 84, maço 1, n.º 39. Entre tantos documentos que tenho visto com sinais de notarios, é este o unico que contém o hexalfa: isso, o estar associado á cruz, e o ser usado por um funcionario eclesiastico bem mostram o caracter excepcional do emblema.

Por simples curiosidade, lembrarei que numas luminarias que em Lisboa se fizeram ha alguns anos com gaz, se via no Chiado uma casa em que as luzes estavam dispostas a modo de hexalfa: fig. 198,—disposição meramente geometrica e acidental.

Se o hexalfa goza de deminuta vida no povo do continente, não acontece isso nos Açores. Pelo menos o S. or D. or Mendonça Dias, de Vila Franca do Campo, informa-me de que se usa muito no arqui-

pelago um amuleto de fórma de hexalfa, feito de oiro, prata, cobre, etc.: o povo chama-lhe *senhor san-saimão*. Por outro lado leio num livro do S.ºr D.ºr Leite de Athaide, publicado recentissimamente, que o

⁴ Esta pintadeira pertence ao D.ºr Artur Lamas, que m'a comunicou e permitiu publicar.

hexalfa tem nos Açores tambem o nome de são-selimão, e afugenta influencias diabolicas, maleficios, mau olhado, e acção do tanglomango, e tanto protege as pessoas como os animais: figura gravado em jugos de bois, e em certas peças de alfaia agraria, e serve de tatuagem (verde) no braço e peito de adultos . No mesmo livro o S. or Athaide publica a figura do cabo de um sacho, onde se representa o hexalfa marcado com pregos amarelos . Acrescentarei o seguinte caso, que é um a que aludi, 251. Quando eu freqüentava como estudante a Escola Medica do Porto, apareceu exposto no teatro anatomico, para dissecção, o cadaver de um individuo de Angra do Heroismo, tatuado: a tatuagem ocupava os dois braços e ante-braços, e era muito variada (figuras de mulher, um ramo, uma ancora, uma cruz, uma inicial, etc.), vendo-se tambem aí um hexalfa, que tinha junto a ele cinco pontos, representantes das cinco chagas de Cristo.

No Brasil, para onde grande parte das tradições populares que lá existem foi de Portugal, dizem que é bom, para evitar que as Bruxas e as Carochas ataquem as crianças, traçar um hexalfa no quarto em que estas dormem³.

c) Pentalfa ou hexalfa.

Da fórma ou figura do sino-saimão resulta o servir ele de denominação metaforica de uma planta herbacea: sêlo de Salomão, — o Polygonatum officinale dos botanicos 4; mas esta denominação não é essencialmente portuguesa, porque se encontra noutros idiomas: sceau de Salomon 5 e signet de Salomon 6 em francês, sêllo de Salomón em hespanhol e em galego 7; ela data verosimilmente da idade-média. Aqui sêlo é sinonimo de sino(-saimão). O motivo da denominação é dificil de determinar: os povos da Europa Ocidental descobriram semelhança

¹ Etnografia Artistica (S. Miguel, Açores), Ponta Delgada, 1918, pp. 48-50.

² P. 49. Não a reproduzo, porque o hexalfa é pouco explicito.

³ D. F. A. Pereira da Costa, Folk-lore Pernambucano, Rio de Janeiro 1909, pp. 69-70.

⁴ Pereira Coutinho, *Flora de Portugal*, Paris-Rio-Lisboa 1913, p. 138.— Ao mesmo S. or agradeço algumas indicações particulares que me deu acêrca da anatomia da planta, além das que vêm na sua magistral obra.

⁵ Diet. Génér. de la lang. fr. de Hatzfeld, Darmesteter, & Thomas, s. voce.

⁶ Amato Lusitano, In Dioscoridis libros quinque, Veneza 1553, p. 375-376 (liv. rv, 6).

⁷ Valladares Nuñez, Dicc. gall.-cast., s. voce.

entre qualquer das fórmas do sino-saimão e certa parte da planta, raiz, folhas, ou cicatrizes dos ramos, como aos Alemães aconteceu, quando compararam o pentalfa com a pata ou pegada da entidade mitica que eles chamam Drude¹.

O que vou referir, prende-se só externa e acidentalmente com tudo quanto fica dito, quer aqui acima, quer nos §§ precedentes.

Na lingoagem familiar, quando se emprega uma palavra que com frequencia se usa junta a outra, esta adiciona-se àquela por gracejo, è por tanto em sentido diferente: diz-se, por exemplo: que par de França! com referencia a duas pessoas que caminham a par. Temos aqui um fenomeno de associação de ideias, resultante de homofonia verbal: do que nasceu uma especie de trocadilho. Ora no antigo calão academico de Coimbra dá-se o nome de sino-saimão (provavelmente subentendendo-se o pentalfa, mas tambem podendo subentender-se o hexalfa), a um copo de bôca larga, que vai estreitando para o fundo, e que leva meia-canada². Claro está que o copo se denominou primeiramente, por metafora, sino, isto é, «copo de bôca de sino» (entendendo-se «sino de torre»)³, e que depois se lhe associou saimão, por se supor, ou querer fazer supor, que a primeira palavra de sino-saimão era a mesma que sino (de torre). Eis o grau mais humilde a que o pentalfa ou o hexalfa podiam descer na espiral da fantasia humana!

¹ Talvez a raiz de Salomão, de que falei supra, pertença ao Polygonatum. Tendo eu lembrado isto ao S. Pereira Coutinho, ele não o julgou botanicamente impossível, «pois que (disse-me em carta), como os rhizomas vivem subterraneos, e teem mais ou menos o aspecto de raizes, recebem de ordinario esta ultima denominação na lingoagem vulgar». Já os Gregos se haviam impressionado com as nodosidades ou joelhos do rhizoma da planta de que falo no texto, e por isso chamaram a esta πολυγόνατον, que quer dizer «de muitos joelhos», «de muitos nós»: d'onde o latim polygonatum.—Reinaud, ob. cit. (Monumens arabes etc.), 11, 55, e nota, falando da planta (muguet) chamada secau de Salomon, diz que ela «porte la trace d'un jet» que se comparou, sem motivo, com o hexalfa.

² Vid. Os Serões, vi, 164.

³ Efectivamente na giria usual sino grande significa «copo de litro»: vid. A giria portuguesa, Lisboa 1901, p. 289, por A. Bessa, que dá esta expressão como do Porto. Pela minha parte encontrei no Hercules preto, romance de Augusto Aragão (isto é, Augusto Carlos Teixeira de Aragão), Lisboa 1846, p. 150, o seguinte: (numa tasca) «na cabeceira presidia o mestre-esfola, abraçado com o sino grande».— Metafora analoga temos nós em «calças de bôca de sino», que se alargam em baixo, o que corresponde em certo modo ao francês jupe-cloche. Diz Dauzat, Philosophie du langage, Paris 1912, p. 96: «Quand les coutouriers parisiens ont lancé la jupe-cloche, ils ne se doutaient certainement pas que le bas-latin avait donné le nom de cloche à un costume féminin, et que l'argot es-

II

Sino-saimão dobrado

O sino-saimão dobrado, que é menos popular que o pentalfa, porém mais que o hexalfa, tem tres fórmas principais, que constam das figs. 4, 5, 6 e 7: as mais vulgares são as das figs. 4 e 5. Vou enumerar os casos que conheço da aplicação d'este sinal, casos que coincidem, na mór parte, com os da aplicação do pentalfa e hexalfa.

O mais antigo exemplo que posso citar está numa assinatura de um documento da Torre do Tombo, do ano de 882, talvez da primeira pessoa que assina: fig. 1994. Depois temo-lo, no sec. XII, no Apocalipse de Lorvão associado ao pentalfa, como já vimos nas figs. 118-123, e no sec. XIII, como sinal publico de tabelião, fig. 2002. Em 1501 aparece como marca de canteiro no mosteiro de Belem, fig. 201: vid. Signes gravés sur les anc. mon. du Portugal de Possidonio da Silva, Lisboa 1868, est. XLII: este exemplo não é perfeitamente igual a nenhum dos tipos que encabeçam o presente artigo, mas aproxima-se do tipo 4.º, e até se identifica com ele, se unirmos por pontos os vertices dos angulos internos, isto é, se prolongarmos dentro os lados dos mesmos angulos: 2023.

pagnol du xvir siècle appelait la jupe campana (cloche)». Os dicionarios hespanhois ainda dão como da giria actual ou germania a palavra campana no sentido de «saya ó basquiña». Tambem nas modas portuguesas havia ha poucos anos a saia de sino. Como o estudo de uma palavra póde fazer-se quasi indefinidamente, porque a lingoagem domina tudo o que existe, acrescentarei que no Museu Etnologico existe uma campainha metalica que representa uma mulher bem trajada: a saia, que é o caso de que se aqui trata, figura a parte sonora, ou campanular propriamente dita; o tronco, cabeça e membros superiores servem de cabo. Assim como se comparou a um sino uma saia, tambem se comparou a uma saia um sino minimo, que outra cousa não é uma campainha,—e foi-se ainda mais longe, porque se materializou a metafora! Para terminar, lembrarei que nuns versos teatrais, Adelaides e Cartolinhas, Lisboa 1916, folheto de cordel (tirado de uma peça de E. Schwalbach), diz o Adelaide á Cartolinha: «Da cinturinha para baixo || D'uma campainha tens o aspecto».

¹ Colecção especial, caixa 78, n.º 1. Nos Portugaliae Monumenta Hist., Dip. et Ch., corresponde ao n.º 9. O desenho foi copiado do proprio original.

² De um documento da Torre do Tombo, de 1283: caixa 86.ª, maço 2, doc.
24. O tabelião chama-se Miguel Heañs (=Eannes), de Obidos. O sinal repete-se, de formato menor, nontros documentos.

³ Blutean, Vocab. Port.-Lat., s. v. «sino-çamão, ou sino-samão» (lugar já citado supra, p. 232), parece dar a entender que conheceu o sino-saimão dobrado, pois traz á colocação uma «dobadoura de mulheres», da qual dão relmente uns ares as a figs. 6 e 7.

O tipo da fig. 7 está desenhado no frontispicio do Livro de S. Cypriano, Porto 1849, e no Verdadeiro Livro de S. Cypriano, Porto 1899. Lê-se no prologo do primeiro dos dois Livros (ao que corresponde, com leves diferenças de ortografia, igual teor no segundo): «É este o Livro do Milagroso S. Cypriano, que ensina a desfazer »toda a qualidade de feiticarias, descobrimentos encantados, trastes » de ouro e prata, e indica todos os lugares onde se podem encontrar, »os quais poderá descobrir facilmente quem tiver animo; porque no »acto de desencantamento apparecerão grandes fastasmas, estremeci-»mentos de rochedos, e grandes ruidos de ventos; porém, quem »tiver animo, depois de estar dentro dos riscos atraz, os quais serão ris-»cados no chão, não lhe succederá mal algum, porque o Santo apren-»deu com o diabo a desencatar todas as cousas etc.». Na figura a que o Livro se refere (vid. o fronstipicio que reproduzo adiante, Apendice, IV) está, como noutros casos, uma cruz, porém seis vezes, e a palavra agla, quatro vezes. Esta é cabalistica, e tem valor talismanico 1. -- A mesma figura do tipo 7.º está desenhada num jugo (modèlo ou miniatura) do Museu de Elvas: vid. O Arch. Port., XXI, 185. Tenho visto pelo país muitos jugos com ela.

O tipo da fig. 6 encontrei-o desenhado, como simples probatio pennae, na folha de guarda de um livro antigo, a qual por acaso me veio á mão; leve variante d'ele é a fig. 203, que constitue o sinal do tabelião Francisco Pereira Nunes, de Pernes, na assinatura de um documento, que possuo, de 1852.

O tipo da fig. 4 tem muitas aplicações, e toma varios aspectos: fig. 204, num pote de barro, de «1661», que está no Museu da Figueira da Foz; fig. 205, num pote do sec. xviii que serve para vinagre (Alandroal); fig. 206, numa talha para vinho, com o nome de «José Pereira», oleiro de Campo-Maior (meados do sec. xix)²; fig. 207, em uma antiga talha para azeite, que vi partida, e já sem uso, em um quintal no concelho de Obidos,—figura muito ornamentada, no que se diferença das restantes. Estes desenhos, datas e palavras foram gravados quando o barro estava fresco.

Na fig. 208 vemos um desenho que está gravado na superficie de uma corna, onde ha mais dois iguais; na fig. 209 vemos outro desenho gravado em uma corna (alentejana); e nas figs. 210 e 211 desenhos de tampas de cortiça de cornas semelhantes. Todas as cornas per-

¹ Acêrea da sua significação vid. The Jewish Encyclopedia, 1, 235.

² Esta figura foi já publicada n-O Arch. Port., xxi, 165.

tencem ao Museu Etnologico Português ¹. No mesmo Museu ha um prato de barro, vidrado por dentro, o qual tem pintado no fundo a fig. 212, e ha um cossoiro, de Alcoutim, com a fig. 212 bis.

Tambem o sino-saimão dobrado constitue um tema de tatuagem, ainda que só sei de dois exemplos: um, que vem em A. Bastos, ob. cit., est. IV; outro, que observei em Pragança (Cadaval). Ambos eles reproduzem o 4.º tipo.

A fig. 213 dá-nos um sinal diverso dos antecedentes, mas a que ouvi chamar sanselimão dobrado: encontrei-o em 1890 na Póvoa de Varzim, como marca de cortiça de barqueiro (cf. supra, p. 248)².

O que atèqui tenho dito do sino-saimão dobrado refere-se ao continente português. Mas tambem o encontramos nos Açores. Na estampa III da sua Etnografia Artistica traz o D.º Leite d'Athaide um desenho que reproduzo na fig. 217, o qual representa um sino-saimão dobrado, com um suástica flamejante dentro d'ele 3. O mesmo sino-saimão dobrado o poderemos reconhecer na fig. 218, que constitue um tema ornamental de tecidos micaelenses (colchas) 4.

Do sino-saimão dobrado não conheço paralelos fóra de Portugal, senão na Hespanha, e ainda assim unicamente dois: um d'eles cons-

¹ A corna a que pertence a tampa que tem a fig. 210 é artistica, e foi comprada em Lisboa. Provavelmente veio do Alentejo. Aqui o sino-saimão tem inclusa uma cruz; ef. a fig. 206.

² Numa canga de bois de Montemór-o-Velho observei em 1896 o desenho da fig. 214, a que ouvi dar o nome de sino-saimão. Sem dúvida o entalhador fez desenho de fantasia (embora casualmente um tanto analogo a uma tatuagem que vi em Alexandria, na mão direita de um Arabe, em 1909, tatuagem comparavel ao quadro magico de que fala Doutté, Magie & relig. dans l'Afrique du N., Argel 1908, p. 162), mas talvez tivesse em mente um sino-saimão dobrado, que ampliou assim.—Noutra canga da Figueira da Foz vi a fig. 215, que se assemelha á fig. 216 de uma cangalha de fruta, de Lisboa: estas duas figuras, se á imaginação de quem as gravou apareceram como representações do sino-saimão dobrado, é que porém estão demasiado distantes d'ele.

³ O suastica flamejante é um tema corrente na arte açorica, segundo mostra o D. ^{or} Leite d'Athaide no citado livro, pp. 23 sgs. Do seu uso antigo no continente falei nas *Religiões da Lusitania*, vol. III, em varios lugares: vid. índice, p. 633; na arte moderna também aparece por vezes: em sepulturas (cf. obr. cit., III, 607), e noutras circunstancias (espelho de candeia, cangas de bois, etc.).

⁴ Leite d'Athaide, Etnogr. Artist., est. IV, pp. 52 e 53.

titue uma firma ou assinatura do rei Garcia III, de Navarra (sec. x), fig. 219⁴; o outro, se, como creio, o é, encontra-se nas Cantigas de Afonso o Sabio, de Lião & Castela (sec. XIII), na mesma iluminura magica em que se encontra o pentalfa de que falei a p. 220: vid. fig. 220 (levemente ampliada), que é bem semelhante á marca de canteiro do mosteiro de Belem (fig. 201). Como ha outras firmas de reis navarros com o pentalfa (vid. supra, p. 220), vemos claramente que em ambos estes paralelos o sino-saimão dobrado tem seu quê de superstição, o que combina com os factos portugueses.

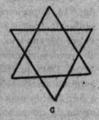
Conclusão

O pentalfa, na origem, deve ser uma estrela. O povo considera-o instintivamente «estrela de cinco pontas», os autores de livros magicos chamam-lhe «étoile de Mercure», os matematicos «pentagono regular estrelado». Esta estrela, nascida/de antigas concepções cosmogonicas, — animismo dos astros, influência d'eles no curso da vida dos homens —, recebeu na arte fórma estilizada, como o sol girante a recebeu, ao que parece, no suástica, e a lua no semi-circulo chanfrado a que se dá o nome de «crescente», ou na cara com que a costumam representar os amuletos do nosso povo, e os repertorios. O pentagono regular estrelado, que não é mais que um pentagono regular or-

dinario, cujos lados se prolongaram, dois a dois, até se encontrarem entre si, a, tornou-se ainda mais simetrico, tomando, pela combinação de dois triangulos, a fórma de hexalfa: em vez de cinco angulos, b, ficaram seis, c, e nessa fórma nos aparece já na idade do bronze (fig. 8).







Não ficou por aqui o aumento dos angulos: a p. 225, n. 2, mencionei, segundo Wuttke, o heptalfa austriaco, ainda que d'ele não possuo cópia grafica; as figs. 221 e 222 mostram-nos desenhos de uma moeda

¹ Muñoz y Rivero, Colección de firmas, Madrid 1887, «cuaderno 1.º».

arábica de cobre do Museu de Berlim¹, e de uma de prata do Museu Etnologico², desenhos formados pela combinação de dois quadrados, o que nos dá um octalfa; o mesmo octalfa o vemos num mantra (fórmula, oração) indostanico, fig. 2233, e bem assim num dos ornatos da Biblia Hebraica da nossa Biblioteca Nacional (cf. supra, p. 208)4, e nuns brincos desenhados em um manuscrito de Paris, fig. 2245. Do octalfa se aproximam em certo modo os tipos 4.º e 5.º do sino saimão dobrado, que constam fundamentalmente de uma cruz, mais clara ainda nas figs. 201 e 220 (sigla arquitectonica do mosteiro dos Jeronimos de Belem, e enfeite do codice das Cantigas de Afonso o Sabio); o tipo 5.º póde considerar-se variante do 4.º O nosso povo chamou a qualquer d'estes tipos sino-saimão dobrado, já porque realmente viu neles, embora sem rigor, a adjunção de dois pentalfas, já pela tendencia que tem para chamar sino-saimão a qualquer figura, de linhas mais ou menos complicadas, que lhe póde dar a ideia do seu tão conhecido e amado sino-saimão; pelo segundo motivo impõe essa denominação tambem á esfera armilar (p. 204), e á fig. 214 (canga de Montemór). Identico processo imaginativo levou outros povos a bàtizarem de diversas maneiras o pentalfa e o hexalfa: como Drudenfuss os Alemães, escudo de David e selo (ou sino) de Salomão os povos semiticos, inspirando-se aqueles na sua mitologia, e estes na sua historia e lendas religiosas.

A forma de cruz, que se revela em alguns dos aspectos do sinosaimão dobrado, revela-se melhor no pentalfa, visto na fig. 1. Parece
que já pelo espirito de Valle de Moura passou tal comparação, quando,
ao falar da radix Ṣalomonis (cf. supra, p. 207), disse que ela poderia
gozar de virtude, porque crucem Dominicam figurabat. Como a cruz
é eminentemente activa contra o Demonio, e contra o mal em geral,
compreende-se que essa força aumentasse a já ingenita do pentalfa,
o qual adquiria pois maior estimação aos olhos do vulgo. Não obs-

¹ Vid. Katalog der orientalischen Münzen dos Museus reais de Berlim, 1898 n.º 2042.

² Não sei onde ela apareceu; apenas posso dizer que me foi cedida para o Museu pelo S.[∞] João Manuel da Costa, de Mertola, a quem a havia oferecido o D.[∞] Teixeira de Aragão.

³ Tuchmann in *Mélusine*, x, 11. Cf. o que a pp. 212-213 transcrevo a respeito dos Indios.

⁴ Talvez com os mesmos desenhos se deva enfileirar este de um caco algarvio da epoca arabica: vid. fig. 225, d-O Arch. Port., xxxx, 128.

⁵ Vem a par do que copiei na fig. 84 (cf. p. 224).

⁶ De Ensalmis, p. 195, col. 2.*

tante, ainda o povo por vezes reforça o sino-saimão com uma cruz genuina: vid. figs. 126, 128, 129, 139, 164, etc. É fenomeno muito observado em toda a parte o reforço da magia de amuletos por acumulação de muitos: cf. supra, p. 236, ao que posso juntar o que eu disse nas Religiões, III, 353-356, e na Etnografia Artistica, III, 151.

Da importancia que o pentalfa e o hexalfa têm tido na vida dos povos, por causa da sua significação astrologico-magica, desenvolvida e modificada no decurso dos evos,—simbolos de bom agouro e de profilaxia, protectores de vivos e de mortos,—passaram em certos casos a valer só pela fórma geometrica ou simetrica: e assim os vimos, ora como ornatos, ora como marcas, ora como sinonimos das palavras «Salomão», «David», e outras; e vimos um dos seus nomes empregado como metafora da lingoagem corrente.

Em seguida ao que fica dito da origem e evolução ideologico-morfologica do signum Salomonis, considerado em geral, importará de modo especial a nós Portugueses saber d'onde é que ele directamente nos veio.

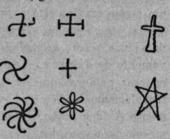
Quando um simbolo aparece numa terra, como a nossa, pisada por tantos e tão variados povos que o possuiram, tais como Romanos, Judeus e Arabes, não se torna cousa facil determinar com precisão a proveniencia imediata do mesmo simbolo: todavia creio que no caso presente havemos de encostar-nos principalmente, e mais uma vez, aos Judeus, admitindo que d'eles o tomámos, embora seja crivel que do contacto d'estes e dos Portugueses com os Arabes não podia vir ao signum Salomonis senão fôrça para a sua fixação no solo nacional.-Deixo de parte os Romanos, porque o pentalfa que achámos neles, fóra das moedas, o julgo, no geral, tambem de origem judaica ou cristă: efectivamente ele, como vimos, aparece quasi sempre em conexão com ideias do judaismo ou do cristianismo. - O hexalfa não adquiriu entre nós, como já notei, cunho verdadeiramente popular, e desenvolveu-se aqui de modo secundario ou esporadico (vid. supra, pp. 230 e 250-252), ainda que não é de estranhar que possam encontrar-se documentos que próvem que na vigencia d'ele em Portugal se manifestasse tambem acção judaica, visto que os Judeus o acatam ha longos seculos. Mas eu só quero circunscrever-me nos factos positivos que conheço.

¹ Acêrca da acumulação de objectos magicos, escreveu em especial Karl Helm um artigo (em alemão) nas Archives Suisses des trad. pop., xx, 177 5gs.

Os Judeus estabeleceram-se na Peninsula em epoca muito antiga, e por certo anterior á dos Romanos⁴, mas é do sec. III p. C. que, como parece, temos testemunho escrito da existencia d'eles cá². Aos fins do sec. vi é, no parecer dos especialistas (vid. supra, p. 219), uma inscrição trilingue em que já figura o pentalfa, e temos aqui sem dúvida um facto não só muito valioso, mas decisivo, para a historia do simbolo que nos ocupa, pois nos patenteia que este existia na Iberia anteriormente á invasão arabica, que só foi por 711.

Á semelhança de outros povos antigos, os Lusitanos esmaltavam de simbolos o quadro das suas crenças sobrenaturais, segundo mostrei nas Religiões da Lusitania,—simbolos que datam de remotas eras. Entre eles contava-se o suástica, de muitas fórmas (flamejante, etc.), e a par estrelas de certo número de raios, geralmente seis. Estes

ultimos simbolos, isto é, o suástica e as estrelas, chegaram, como tais, ao que parece, pelo menos á epoca dos Barbaros³; depois continuam ainda a aparecer, mas com caracter apagado, ou meramente como decorações artisticas ou marcas industriais⁴. Ora, o suástica simples (vid. a 1.ª das figu-



ras adjuntas) está muito proximo de uma cruz, d'onde lhe veio tambem o nome de «cruz gamada», isto é, feita de gamas; por outro lado o pentalfa é uma estrela, e parece-se igualmente com uma cruz (vid. supra, p. 259), a qual por vezes ele acompanha.

O terreno estava pois muito bem preparado para que o signum Salomonis cá se implantasse sem dificuldade: era um simbolo que

¹ Mendes dos Remedios, Os Judeus em Portugal, Lisboa 1895, p. 67.

² Corpus inscript. Lat., ii 1982: inscrição funeraria de Ábdera. Cf. também Mendes dos Remedios, ut supra, p. 67.—Com quanto mutilada, conhece-se que a inscrição se refere a uma menina judia, falecida na idade de um ano, 4 meses e 1 dia, e de apelido Salomonula ou Salomoniula. Eis o texto: . . NIA → SALO || ..NVLA → AN → I || MENS → IIII → DIE → I || IVDAEA || . As primeiras letras são complemento de um nomen gentilicium, tal como Iunia, Annia, vel simile. Vid. o que diz o editor do vol. II do Corpus (Hübner), loc. citato.

³ Religiões, m, 586.

⁴ Vid: Religiões, III, 607; Possidonio, Signes qu'on voit gravés, est. VII; Revista Arqueologica (Borges de Figueiredo), I 25, II 64; Historia do Museu Etnologico, p. 396. O suástica flamejante figura tambem em espelhos de candeias de lata (por exemplo, no Museu Etnologico); acêrca d'ele na arte açorica vid. supra p. 257, not. 3.

vinha substituir outro (suástica) e coexistir com simbolos parecidos (estrela, cruz)⁴.

Com o aparecimento do pentalfa em um monumento arqueologico da Peninsula na epoca da transição da antiguidade para a idade-média coincide a cronologia fonetica do primeiro elemento da palavra que o designa em português, vistoque sino é, como disse acima, fórma semi-popular. Se a palavra signum entrasse, com a sua especial significação, no uso corrente da lingoagem dos Lusitano-Romanos na epoca em que o latim vulgar começava a transformar-se claramente em romanço, ela tomaria outro aspecto na boca do povo, como se vê de lignum, que deu lenho, e melhor ainda se vê de signa (propriamente plural de signum, tornado feminino), que deu senha. A palavra sino, em sino-saimão, denota por tanto uma epoca um pouco tardia; está no mesmo caso que a sua homonima sino (de igreja), tambem de signum, noutro sentido; que sina, provinda de signa, como a citada senha; que dino, benino, malina, respectivamente de dignus, benignus, maligna. As lingoas tem suas epocas: palavras que em uma epoca se transformam de um modo, transformam-se de outro em uma epoca seguinte. Signa, no momento A, deu senha; no momento B deu sina, como signum, no mesmo momento deu sino. Estes exemplos são bem curiosos e elucidativos. Quanto ao segundo elemento da palavra, ela é multipla (vid. pp. 232-233), porque multiplas são tambem as bôcas que a têm conservado; e entre as fórmas ha umas, como salamão, selimão, mais modernas que outras, o que explico pela acção constante da pronúncia judaica, que se esforçaria por manter puras as veneraveis palavras Salamão e *Salimão.

Traçar ou tentar traçar, sumariamente que fosse, para cada um dos restantes paises de que me ocupei a origem do signum Salomonis, como fiz para Portugal, constituiria tarefa superior ás minhas forças, pois me falta competencia, tempo e livros², ainda que, com relação a

¹ Esta ideia de que o signum Salomonis substituiria entre nós o suastica já a emiti em 1892 no meu opusculo Sur les amulettes portugaises, p. 12; á equivalencia que se nota entre o mesmo signum e a cruz me referi ibidem, p. 11.

² Assim, por exemplo, vi citadas as seguintes obras, que eu desejaria consultar, mas que não encontrei nas bibliotecas públicas de Lisboa, nem eu possuo (algumas d'elas tê-las-hia mandado vir da Alemanha, senão fosse a guerra): Seyfarth, Sachsen; Lammert, Volksmedizin; John, Westböhmen; Schramek, Böhmerwaldbauer; Zs. f. österr. Wolksk., t. vı (possuo alguns tomos d'esta revista, porém não o citado); Longpérier, Œuvres, t. 1; Elephas Levy, L'anneau de Salomon, Paris; Grimm, Deutsches Wörterbuch.

alguns paises, me pareça dever tambem invocar-se o nome dos Judeus, ou directamente, ou por intermedio do cristianismo. Na Grecia moderna a origem d'esse signum ascenderá, sem interrupção, á antiguidade classica. Muitas vezes o simbolo não se ligará a crenças vivas: nasceria da moda, do gôsto, por exemplo, em certas marcas industriais e em ornatos.

Proveniente de ideias muito enraizadas na alma humana, o signum Salomonis, nas suas duas fórmas principais, desempenhou papel multiplo, através dos tempos, na magia, na arte, na literatura, na vida prática, até que modernamente os seus principais campos de acção cuido estarem, depois de Portugal, na Alemanha, na Finlandia, na Grecia e no Norte da Africa. É notavel que na nossa vizinha Hespanha, apesar de tão judaizada e arabizada, e de em epocas antigas o ter tido, ele hoje mal apareça, e só junto de Portugal: razão nos assiste para suspeitar que Torquemada, vendo aí uma manifestação demoniaca, o varreu de lá com o seu halito de fogo!

APENDICE

on mon let I share out a series capable over

Nomina contra endemoninhados (vid. supra, p. 239)

«Para tirar o Demonio de qualquer homem, ou molher que for tentado, com tanto que nom seja bebedo, nem mudo:

Primeiramente seu padre, e madre, ou parentes, ou amiguo hao de jejuar por el a honrra da Trindade tres dias, se el nom poder jejuar.

Tomem 12. candeas [re]dondas e longas, e escrevă em cada huă dellas o nome dos doze Apostolos, os quaes fizerom o Credo in Deum: S. Pedro, Andre, Thomas, Bertholameu, Matheos, Judas, Thadeu, Joã, Santiago mayor, Santiago menor, Phelipe, Simō.

Despois que assi fizerem, escrittos nas candeias, lancênas ante aquelque for demoninhado, que tome hua dellas, a que quiser, e cujo for o nome do Apostollo escritto na candea a sua honrra digão Missa ante o seu orago na Igreja onde estiver.

O demoninhado tenha aquella candea, que tomou, na mão em quanto disserem a ditta missa, ate que vaô a² oferta, e entaô a offereça com huã obrada, e as outras onse sejaô sempre acesas com ella

SERVED A STREET OF THE PARTY OF

¹ Aqui α é preposição.

² Pronuncie-se à.

e mais tres candeas em que sejañ escrittos os nomes dos tres Reys Magos, S. Gaspar, Belchior, Baltesar.

E acabada a missa, o clerigo lance a estola sobre o doente, e diga o Evangelho de Recumbentibus undecim discipulis sobre el, estando em giolhos, e [l]eguelhe i [em] o collo esta nomina que este 2 no altar em quanto disserem a missa:

=In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen. Rex qui regnas in Trinitate, nom tradas corpus meum in potestatem

inimicorum meorum # . Ecce crucem Domini, fugite partes

Vincit leo de tribu Juda, Radix David Alleluia.

Domini, quam semper adoro, sit mecum Crux pia sit mihi refugium et salus. Amen. Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis, et vidimus gloriam ejus quasi Vnigeniti à Patre, plenum gratize et veritatis. In nomine Domini nostri IESU Christi, diabole, vade retro, non tentabis de cætero servum Christi.

Amen. Amarus es antrax tua et secum es de seculura



pelis epilicule peliocre & F. Gaspar, Belchior, Balthasar ...

Se for hum espirito, com a primeira missa sairá; se forem mais, digão tres missas sempre com 12. candeas escrittas como da prim[eira: e] daquel Ap[ostolo] cuja for a candea que tom[a]r o enfermo diga a misssa».

Do Livro manuscrito da Cartuxa de Evora, codice da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 3390, cópia de um texto do sec. xv: fis. 188-189 v (= 176-177 v). -As folhas estão rôtas no alto, e por isso pus entre colchetes as letras que suponho faltam. -- Esta nomina pertence a uma classe de fórmulas mágicas que entre nós se chamam tambem escritos e cedulas (sedulas), e que os Judeus chamavam

¹ Ainda se vê parte do l. A forma legar «ligar» é arcaica.

² Pronuncie-se estê «esteja».

³ Palavras de fórma e sentido ininteligiveis, como nos textos magicos é vulgar.

φυλακτήρια. Acêrca de nomina e escrito vid. O Arch. Port., xxII, 34, n. 2. Cedulas conheço duas impressas, que vi em 1916: uma no Fundão, contra incendios, outra na Covilhã, contra más tentações, e ambas elas conservadas devotissimamente pelos possuidores. Acerca dos φυλακτήρια vid. Elworthy, The evil eye, p. 389 sgs.

H

Nó de Salomão

Vimos a pp. 220 e 258 que numa iluminura das Cantigas galegas de Afonso X de Leão & Castela ha um pentalfa e um sino-saimão dobrado; a par com eles figura, entre outros, o desenho que ponho ao lado e que terá pois tambem significação mágica. Estão no mesmo caso os sinais representados nas figs. 226 a 229, de assinaturas de reis de Navarra e Aragão, dos secs. XI e XII, com os quais, como vimos a p. 220 e 257-258, concorre o pentalfa, o hexalfa e o sino-saimão dobrado, em assinaturas analogas 1. Podem igualmente comparar-se-lhes as figs. 230 a 232, que representam sinais de tabeliães nossos do sec. XIII2. Todos estes sinais são um tanto parecidos com a fig. 233, que se vê como emblema de rocas artisticas que os namorados oferecem na Umbria (Italia) às suas namoradas, emblema que se chama nodo di Salomone. O Prof. G. Bellucci, que é quem ministra esta informação, acrescenta: «Nelle tradizioni popolari, non solo italiane, ma di tutta l'Europa meridionale, Salomone dà il nome anche ad altri nodi o segni»3. Ligar-se ha acaso com isto um desenho que enfeita duas cornas artisticas do Alentejo, existentes no Museu Etnologico: fig. 2344; todavia não lhe ouvi dar nome, nem sei que nas nossas tradições exista a expressão no de Salomão.

Do nó de Salomão italiano conheço outros paralelos, que aqui reproduzo de um artigo de W. von Schulenburg⁵: fig. 235 e 236, os quais são tambem de Italia: o nó representado na fig. 236 vê-se desenhado em paredes de casas e de igrejas, em bancos, etc., e é usado na costa ligurica, principalmente entre maritimos, que, além do nome de nodo di Salomone, lhe dão o de gruppo di Salomone; a

¹ Da Colección de firmas (já citada) de Muñoz y Rivero, cuaderno 1.º

² Em pergaminhos da Torre do Tombo; caixa 85, maço 1.º, doc. n.º 12, n.º 46, e maço 2.º, dc. n.º 50.

³ Usi nuziali dell' Umbria, p. 6.

⁴ N.º de entrada 6:089 e 6:104.

⁵ "Der Salomonsknoten" nas Mittheilungen der anthropolog. Gesellschaft in Wien, vol. xix, pp. 41-42.

fig. 235 representa um nó verdadeiro, usado igualmente pela gente do mar, o qual serve, com os referidos nomes, para, por exemplo, se atar um mastro danificado por tempestade. O autor do artigo não sabe ao certo se a estes ou semelhantes nós se atribuem superstições, ainda que suspeita que sim, e por isso cita a Deutsche Mythologie de J. Grimm, onde se fala de nós magicos que desencadeiam ventos; ao mesmo tempo pergunta se o nó Gordio dos antigos poderá equiparar-se aos factos citados.

Nem Schulenburg, nem Belluci se lembraram de comparar o nodo di Salomone com o nodus Herculaneus — Ἡράκλεως δέσμος, Ἡ. ἄμμα dos Gregos e Romanos; por outro lado E. Saglio, que escreveu um instrutivo artigo acêrca d'este nodus ou δέσμος no Dict. des antiquités grecques et rom., não o compara tambem com o nodo italiano: e não obstante, a comparação impõe-se, pois tudo isto são nós magicos: o nome de Hercules, famoso semi-deus da antiguidade, foi substituido pelo de outro vulto célebre, qual era Salomão, nas crenças judaico-cristãs ¹.

Já nas Religiões da Lusitania, I, 118, nota 2, citei alguma bibliografia sobre nós magicos, e para lá remeto o leitor. Depois da publicação do meu volume tive conhecimento de uma obra de Frazer, muito notavel, Le rameau d'or (tradução do inglês): no vol. I (1903), p. 319 sgs., estuda o A. desenvolvidamente os nós magicos, citando numerosos factos colhidos na etnografia universal, e referindo-se tambem ao nó Gordio. Mais uma obra importante apareceu depois do volume I das Religiões: a Magie & Religion dans l'Afrique du Nord, de E. Doutté, Argel 1908, onde, a p. 87 sgs., se trata igualmente da magia dos nós. Tambem no sugestivo livro de Ch.-V. Langlois, La connaissance de la nature au moyen age, Paris 1911, se cita, a p. 163, um trecho literario do sec. XIII, em que se fala de uma superstição finlandesa, respectiva ao nó dos ventos. Vid. além d'isso: Mélusine, II, 184 sgs.; Curra de Vaux, La doctrine de l'Islam, 1909, p. 70.

Embora nos costumes de Portugal nada exista, que eu saiba, a respeito do nó de Salomão, ha porém alguma cousa a respeito do nó magico, considerado em geral. Assim, quando uma pessoa não acha um objecto que perdeu, dá um nó na ponta do lenço de assoar,

¹ Pergunto se haverá acaso alguma relação entre as supracitadas figuras e as que têm os n.ºº 237 e 238, que se vêem várias vezes ornando a Biblia hebraiça da Biblioteca Nacional (acêrca d'esta Biblia, vid. supra, p. 208). Algum hebraista poderá responder.

e vai com este na mão á procura do objecto. Se continúa a não o achar, mais aperta o nó. Diz-se, por eufemismo, que se aperta a cauda do Diabo, mas a ideia é que se apertam os testiculos d'ele⁴. Segundo outra versão, ata-se um lenço á perna de uma cadeira, e recita-se uma fórmula². Os nós magicos tem fundamentalmente por fim prender os espiritos, ou os bons ou os maus. Assim como o Diabo leva consigo as almas perdidas, assim se supõe que tem em seu poder qualquer cousa que se perde³, e por isso prendem-no para evitarem que ele faça maior mal. Contudo a boa logica mandaria que o prendessem antes de ele o ter feito ⁴!

\mathbf{III}

Moeda com o pentalfa

No vol. I das Moedas de Portugal, p. 143, publica Teixeira de Aragão uma moeda de bolhão, que represento na fig. 239, e em cujo anverso se vê um pentalfa,—moeda que ele diz aparecêra em Coimbra com outras, de que lhe fôra ás mãos um exemplar por dadiva do D.º Serra de Mirabeau, hoje falecido. Este exemplar passou depois para o gabinete de numismatica do Paço Real da Ajuda. Aragão atribue a moeda a D. Afonso Henriques, e junta a proposito do sino-saimão algumas notas comparativas, a pp. 146—147.—Por curiosidade, reproduzi, como simbolo numismatico-etno-

⁴ Ouvi esta superstição a várias pessoas do distrito de Evora (Reguengos, etc.).

² Vid. as minhas Trad. pop. de Portugal, p. 313. — Voga uma superstição quasi igual na Russia, e outras analogas, mas atenuadas, na Alemanha e na Italia: vid. Mélusine, vi, 258. — Acêrca das relações da cadeira com o Diabo cf. Trad. pop. de Port., § 361, onde o Trasgo, que em certos casos é uma especie de Lar familiaris, por vezes equiparado ao Diabo, toma a fórma de banquinho.

³ Muitas vezes ouvi dizer em pequeno que quando se perde uma cousa, ela se deve dar ao Diabo por amor de Deus. Claro está que dando uma cousa ao Diabo, por vontade, e além d'isso invocando o nome de Deus, ele a poderá largar facilmente.

⁴ Já depois de escrito este apendice, eu soube que nos Açores, quando não se acha uma cousa que se procura, se diz: O Diabo esteja de joelhos em frente d'uma cruz, em quanto tal cousa não aparece. E a breve trecho, aparece a cousa! (Informação do S.º D.º A. Bensaude). Com quanto aqui não figure o nó magico, entendi poder citar a crença, a titulo de comparação.—Querer que o Diabo esteja diante de uma cruz, e de mais a mais de joelhos, é exigir um acto que ele evitaria por todos os modos: é pois natural que procure evita-lo, largando aquilo que retiver em seu poder.

grafico, a moeda no frontispicio de um opusculo que publiquei em 1888 com o titulo de *Numismatica Nacional*, lição inaugural de um curso professado por mim na Biblioteca Pública de Lisboa.

Como, apesar da notoria autoridade do Mestre da Numismatica portuguesa, a moeda tem o seu quê de estranho¹, escrevi ao D.ºº Mirabeau pedindo-lhe informações circunstanciadas do achado, e ele mandou-me as seguintes, que extraio de uma carta sua, de 15 de Fevereiro de 1889:

«A moeda desenhada no rosto da sua prelecção inaugural foi encontrada na demolição de parte da antiga muralha de Coimbra, junto á Estrella. Muito ao sopé da muralha preparava-se o terreno para se edificar um predio. Foi necessario brocar algumas saliencias e desfazel-as por meio da polvora, afim de se nivellar o terreno. A muralha, que sustentava um pequeno quintal e talvez os alicerces da casa pertencente então ao D.ºr Neiva, resentiu-se do abalo, causado pela explosão da polvora. Entenderam os peritos que era indispensavel apear a muralha e fazer de raiz um grosso paredão para sus-tentar o pequeno quintal e talvez tambem a casa. Não posso indicar a V. em que altura da demolição appareceram as moedas; sei que os operarios despresaram inteiramente o achado, e que apenas foram ter à mão d'um sujeito de edade quatro exemplares para que elle dissesse se aquillo tinha valor. O homem respondeu que servia para o seu neto brincar; e levou as moedas ao neto. Passado tempo um amigo, a quem eu já devia a fineza d'uma offerta, vio o pequeno a brincar com as moedas e pediu-lh'as para m'as offerecer. Recebi-as passados quatro mezes talvéz depois que foram encontradas. Duas estavam muito bem conservadas, uma defeituosa e outra tão carcomida que era inaproveitavel. Confesso que não consegui classificar aquellas moedas. Apareceu pouco depois em Coimbra o nosso collega Aragão; mostrei-lhas, e foi elle quem classificou os exemplares como pertencentes ao 1.º Affonso. Nos escriptores portugueses não achava eu esclarecimentos alguns. A numismatica de Hespanha devia dar-me alguma luz. Infelizmente na segunda biblioteca do reino não ha livros de numismatica daquella nação. Aceitei pois a classificação do amigo Aragão, voto autorisado pelo que conhecia das moedas hespanholas. Não consegui ainda consultar nenhuma das obras classicas, que conheço de nome, sobre as moedas hispano-christas & &. Depois das ultimas edições da historia do Lafuente, onde se acham os desenhos das moedas dos diferentes reinados, somente encontrei o desenho d'uma moeda de D. Affonso 1.º d'Aragão, quando casado com D. Urraca, e ainda contemporaneo do nosso 1.º rei, que se assemelha ás do achado em Coimbra. Na mesma obra vem outro desenho muito

¹ O S. Ferreira Braga, sem mais, considera-a grosseira falsificação: vid. O Arch. Port., xxxx, 213.

mais semelhante ao n.º 5, da obra de Aragão. Escuso dizer a V. que empreguei todos os esforços para alçançar maior numero das moedas encontradas na muralha. Certificaram-me que haviam apparecido muitas, com a infelicidade de serem despresadas pelos operarios. Aqui tem pois a informação exacta do que se passou».

Depois que recebi a carta, estive em Coimbra, e tornei a falar na moeda ao D.ºr Mirabeau: ele confirmou naturalmente o que escrevêra na carta, e acrescentou que, se havia alguma moeda autentica, era esta.

Apesar de tudo, sería bom que uma junta de numismaticos examinasse de novo a moeda, e discutindo a sua autenticidade, visse se nela realmente se lê «Port», inicial de Portugalis ou Portugaliae. O exemplar que existia no Gabinete Real do Paço da Ajuda constame que está guardado com o restante monetario, e não póde hoje facilmente ser visto; mas os exemplares com que ficou o D.ºº Mirabeau existirão talvez ainda em poder de quem lhe herdou os bens.

IV

Frontispicio do «Livro de S. Cypriano»

Para melhor inteligencia do que se diz a cima, p. 256, reproduzse na fig. 240, de tamanho natural, o frontispicio da primeira das obras lá citadas, a qual faz parte da secção etnografica da minha livraria particular.

O Livro de S. Cypriano pertence á literatura magica: vid. supra, p. 223, nota 5.

¹ Adquiri-a num alfarrabista do Porto, ha muitos anos.

errad A probecera de maria de estada de estada de estada de estada de estada de estada en estada en estada en e Poba estada en estada de estada en estada en estada en estada en estada en el estada en

ESTA METORES DE CARATTARA LA CARATTARA LA CARATTARA EL DECIMIENTO DE ASSESSADA LA CARATTARA LA C

Structural field of a relief soft of large structure of the second of th

Street Profession William States and Company and Street St

ESTAMPAS

E

RESPECTIVAS EXPLICAÇÕES

Estampa I

- 1-2. Pentalfa ou «estrela de cinco pontas». A 2.ª figura é apenas a 1.ª invertida. Vid. supra, pp. 203-204.
 - 3. Hexalfa ou «estrela de seis pontas», pp. 203-204.
- 4 a 7. Fórmas do sino-saimão dobrado, p. 204.
 - 8. Hexalfa que decora objectos da Britania e da Irlanda na idade de bronze, p. 204.
 - 9. Moeda de Pitane, p. 205.
 - 10. Moeda de Nuceria, p. 205.
 - 11. Moeda de Teanum, p. 206.
 - 12. Moeda de Velia, p. 206.
 - 13. Pentalfa de um vaso de Caere, p. 206.
 - 14. Pentalfa de um tumulo de Marissa, p. 206.
- 15-16. Ornatos de uma Biblia hebraica, p. 208.
- 17 a 19. Selos judaicos, p. 208.

Estampa I

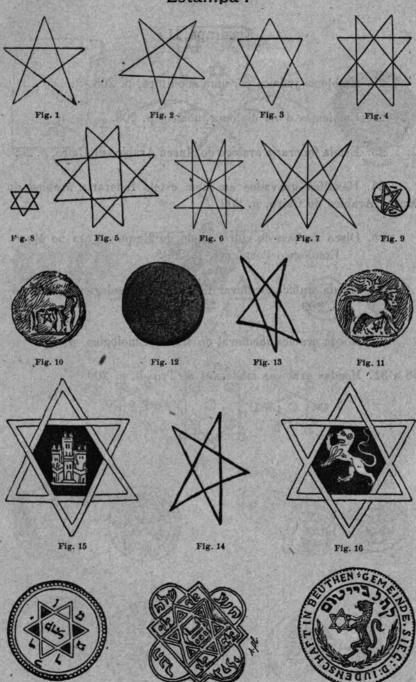


Fig. 17

Fig. 19

Fig. 18

Estampa II

- 20. Emblema judaico em uma sepultura, p. 208.
- 21-22. Emblemas d'um diploma judaico, p. 208.
 - 23. Estela funeraria arabica do Museu Arabico do Cairo, p. 209.
- 24. Hexalfas gravados em uma estela funeraria arabica do Museu Arabico do Cairo, p. 209.
 - 25. Disco arabico de vidro, vindo do Egipto, e ora no Museu Etnologico Português, p. 209.
 - Moeda arabica medieval do Museu Arqueologico de Madrid,
 p. 209.
 - 27. Moeda arabica medieval do Museu Etnologico, p. 209.
- 28 a 31. Moedas arabicas modernas de Tripoli, p. 209.

Estampa II

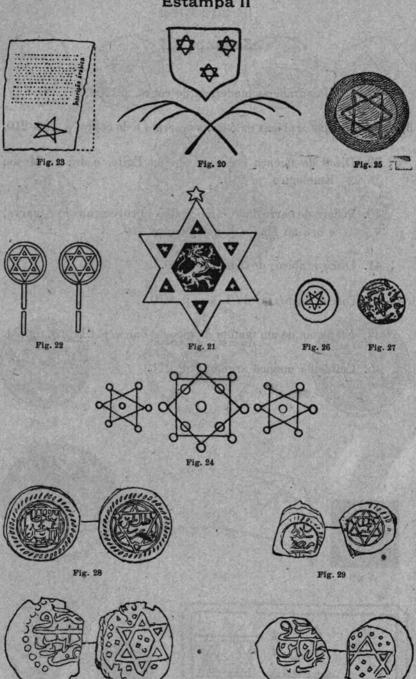


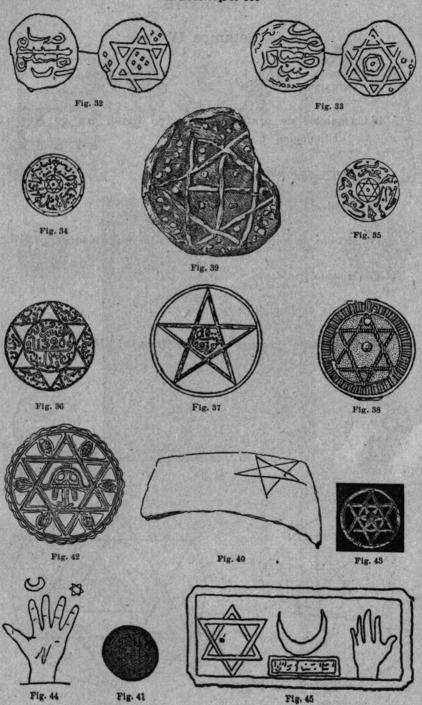
Fig. 31

Fig. 30

Estampa III

- 32-33. Moedas arabicas modernas de cobre, p. 209.
- 34 a 38. Moedas arabicas modernas de prata e de cobre, p. 209-210.
 - 39. Disco de faiança antiga vindo do Egito, e ora no Museu Etnologico, p. 210.
 - Pedaço de barro dado como arabico, proveniente do Algarve, e ora no Museu Etnologico, p. 210.
 - 41. Disco arabico, de Tunis, p. 210.
 - 42-43. Discos de prata, da Libia, p. 210.
 - 44. Emblema de um tambor magico de Tunis, p. 211. Cf. fig. 79.
 - 45. Emblema magico argelino, p. 211.

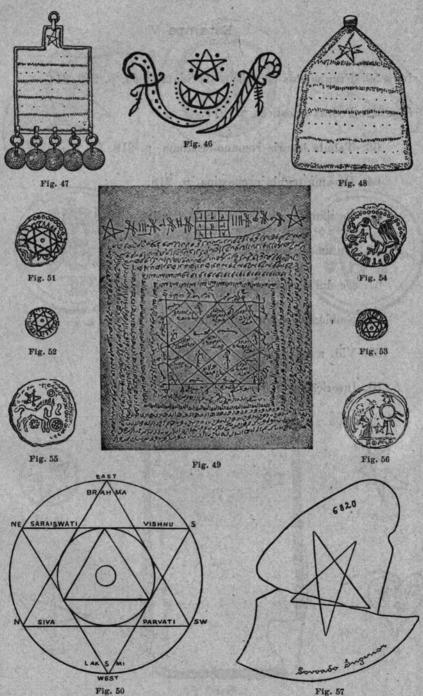
Estampa III



Estampa IV

- 46. Tatuagem de Tunis, p. 211.
- 47-48. Amuletos de prata modernos do Egito, ora no Museu Etnologico, p. 211.
 - 49. Charm da Nubia, p. 212.
 - 50. Emblema indiano, p. 212.
- 51 a 53. Moedas de cobre, que suponho serem de Travancor, p. 213.
 - 54-55. Moedas gaulesas, p. 213.
 - 56. Moeda da Republica romana, p. 213.
 - 57. Fragmento ceramico de Santa Olaia, p. 213.

Estampa IV



Estampa V

- 58 e 59. Fragmentos ceramicos de Santa Olaia, p. 213-214.
- 60 e 62. Pedras gnosticas, p. 217.
 - 63. Tabula lusoria romano-cristiana, p. 218.
 - 64. De uma tegula prenestina, p. 218.
 - 65. De uma tegula de Valmonte (Italia), p. 218.
 - 66. De um caco romano de Fiesole, p. 218.
 - 67. De um caco arretino de Numancia, p. 218.
 - 68. Emblema de uma sepultura cristã, p. 219.
 - (69. Vid. a estampa VI).
 - 70. Inscrição trilingue de Tortosa, p. 219.

Estampa V

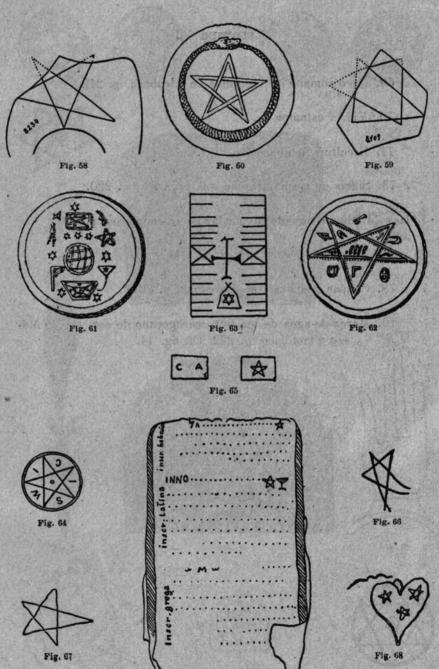


Fig. 70

Estampa VI

- 69. Caco romano ou visigotico de Alcobaça, p. 219.
- (70. Vid. a estampa V).
- 71. Escultura lombarda, p. 219.
- 72-73. Sinais de assinaturas de reis navarros, p. 220.
- · 73 bis e 74. Sinais de notarios medievais estrangeiros, p. 220.
 - 75 e 76. Moedas de Déols, p. 221.
 - 77 e 78. Chapas medievais de Hespanha, p. 221.
 - 79. Marca-de-agoa de um livro caragoçano do sec. xv, do Museu Etnologico, p. 222. Cf. fig. 44.

Estampa VI

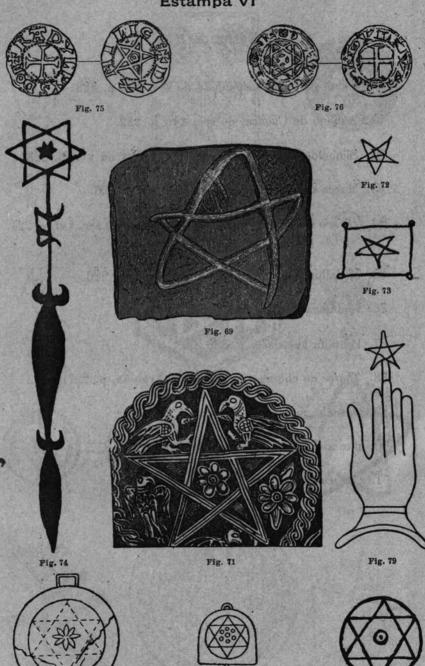


Fig. 77

Fig. 78

Fig. 73-bis

Estampa VII

- 80. Carta de jogar hespanhola do sec. xvi, p. 222.
- 81. Azulejo de Cuenca, do sec. xvi, p. 222.
- 82. Simbolos magicos cretenses, do sec. xv ou xvi, p. 223.
- 83. Marca de um impressor do sec. xvi, p. 223.
- 84. Brinco desenhado em um ms. parisiense do sec. xvi, p. 224.
- 85. Medalhinha ou senha alemã do Brasil, p. 226.
- 86. Emblema de uma revista médica, p. 226.
- 87. Pentalfa austriaco, p. 226.
- 88. Thaler de chumbo do cantão de Argovia, p. 227.
- 89. Desenho magico de Wattenwil, p. 227.
- 90. Marca industrial dinamarquesa, p. 227.
- 91. Cimaruta, amuleto (Italia), pp. 228-229.

Estampa VII

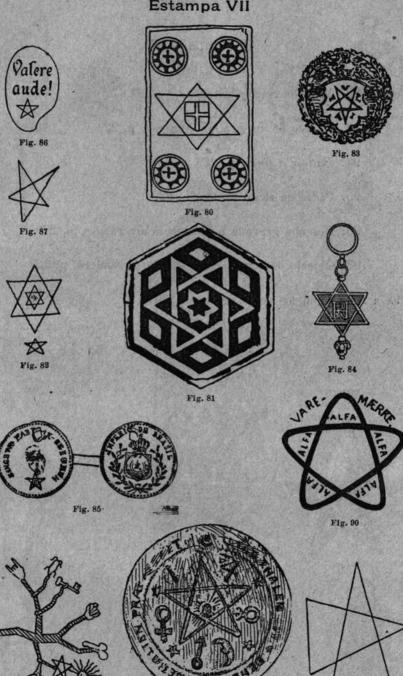


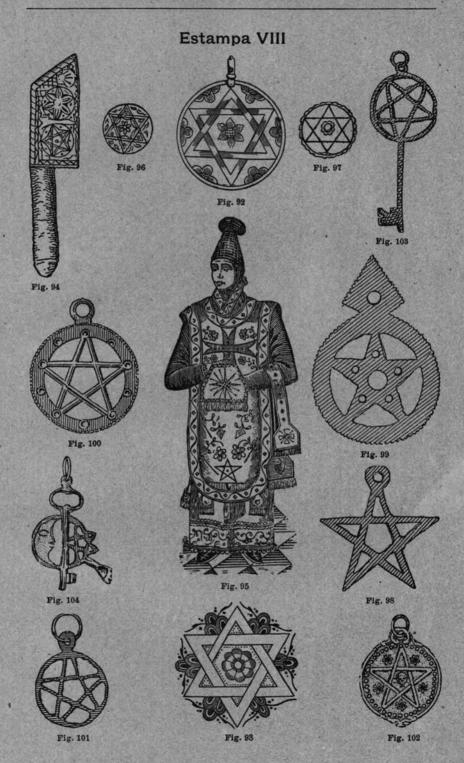
Fig. 88

Fig. 89

Fig. 91

Estampa VIII

- 92. Médalha religiosa italiana, p. 229.
- 93. Ornato de um pratinho italiano, p. 229.
- 94. Battoir à linge, p. 229.
- 95. Padre ou santo bretão, p. 229.
- 96. Desenho gravado num objecto alvernense, p. 229.
- 97. Objecto de atavio, do Museu do Trocadero, p. 229.
- 98 a 104. Amuletos portugueses, p. 236.



Estampa IX

105 a 116. Amuletos portugueses, p. 236.

Estampa IX



Fig. 108



Fig. 105



Fig. 109



Fig. 106



Fig. 113



Fig. 107



Fig. 113



Fig. 114



Fig. 111



Fig. 116



Fig. 115



Fig. 110

Ki dominitali

Estampa X

- 117. Cruz gravada num forno do concelho de Obidos, p. 238, nota 2.
- 118 a 123. Sinais magicos do Comentario de Apocalipse de Lorvão, p. 238.
 - 124. Canga portuense, p. 239.
 - 125. Cangalha de vendedor ambulante de Lisboa, p. 240.
- 126 a 128. Lados de cangalhas de vendedores ambulantes de Lisboa, p. 240.

Estampa X

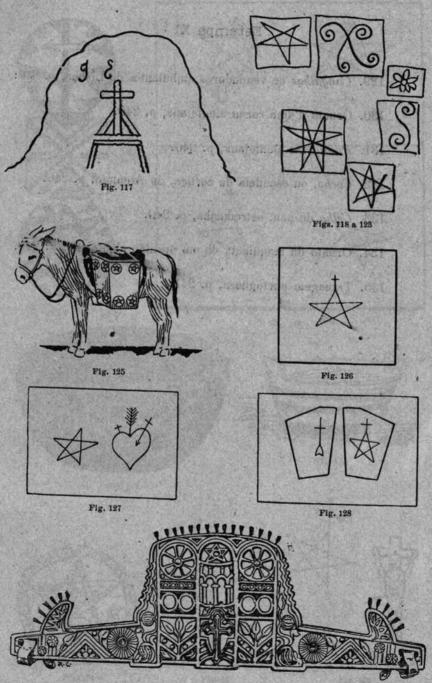


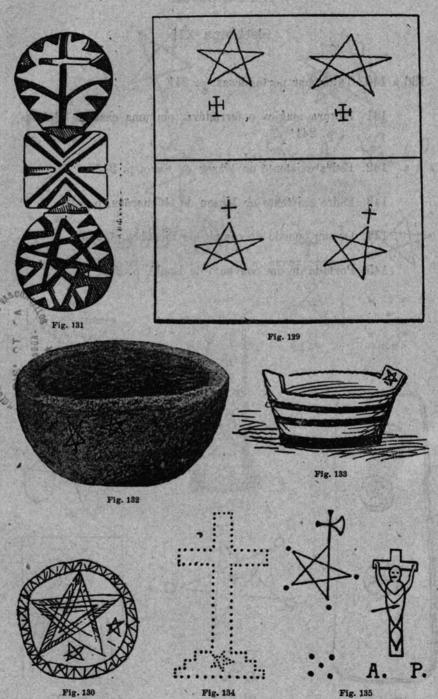
Fig. 124

Estampa XI

o Manharet

- 129. Cangalhas de vendedores ambulantes de Lisboa, p. 240.
- 130. Ornato d'uma corna alentejana, p. 240.
- 131. Pintadeira alentejana, p. 240.
- 132. Cocho, ou escudela de cortiça, do Alentejo, p. 240.
- 133. Celha de pau, estremenha, p. 240.
- 134. Ornato da maquineta de um ermitão alentejano, p. 240.
- 135. Tatuagem portuguesa, p. 241.

Estampa XI



DE SHEETING WA

Estampa XII

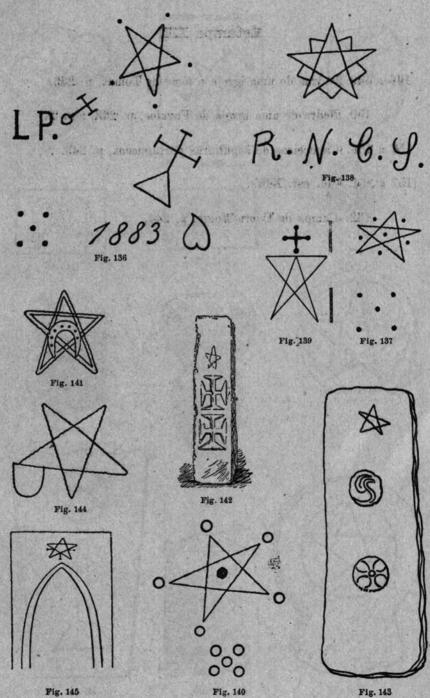
136 a 140. Tatuagens portuguesas, p. 241.

Pintura magica e ferradura, em uma casa de Guiñes,
 p. 241.

50 401

- 142. Pedra existente no Museu de Faro, p. 242.
- 143. Pedra existente no Museu de Guimarães, p. 242.
- 144. De um penedo do castelo de Piconha, p. 242.
- 145. Portada de um convento de Loulé, p. 243:

Estampa XII



" X neumana il

Estampa XIII

146 a 149. Pedras de uma igreja e torre de Tomar, p. 243.

150. Pedra de uma igreja de Favaios, p. 243, nota 2.

151 a 156. Cabeceiras de sepulturas portuguesas, p. 243.

(157 a 161. Vid. est. XIV).

162. Campa de Evora-Monte, p. 244.

Estampa XIII Fig. 148 Fig. 146 Fig. 154 Fig. 150 Fig. 149 Fig. 153 Fig. 151 Fig. 152 Fig. 156 Fig. 155 Fig. 162

Estampa XIV

CHIL SOME SHOW!

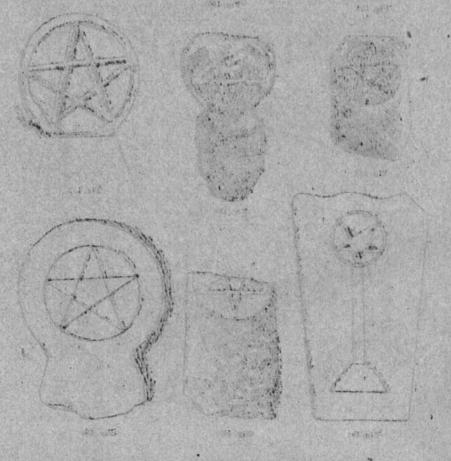
157 a 159. Campa e seus emblemas: Santarem, p. 243.

160. Inscrição e emblema de uma sepultura de Canidelo, p. 234-244.

161. Campa do concelho de Penalva do Castelo, p. 244.

(162. Vid. est. XIII).

163. Ornato de uma página do Cancioneiro da Ajuda, p. 244.



Estampa XIV



Fig. 157

Fig. 161



Fig. 158



Fig. 159



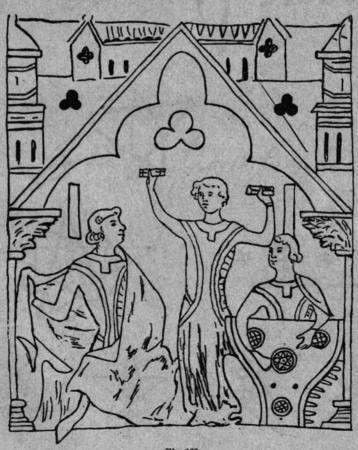


Fig. 163

Estampa XV

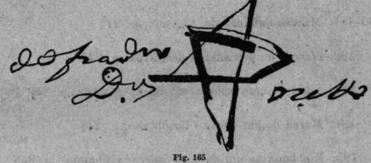
AND MORRARE

164 a 168. De assinaturas portuguesas dos secs. xvi a xviii, p. 245.

169 a 176. Sinais publicos de tabeliães portugueses medievais, pp. 245-246.

Estampa XV











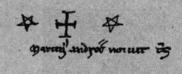


Fig. 169



Fig. 171





EXPERIENCES NAMED

Estampa XVI

177 à 179. Sinais publicos de tabellaes portugueses medievais, p. 246.

179 bis. Sinal de um tabelião português do sec. xvi, p. 246.

180-181. Marcas figulinas do Alentejo, p. 247.

THE THE WORLD PROPERTY OF THE PARTY OF

182. Marcas de pescadores da Póvoa, p. 247.

183. Sinal de uma rede piscatoria de Almada, p. 248.

184. Marca de um doceiro lisbonense, p. 248.

185. Emblema de um ferro de marcar (Ribatejo), p. 248.

186. Brasão d'armas de Viana do Alentejo, p. 249.

Estampa XVI





Fig. 181





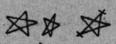




Fig. 178





Fig. 179-bis



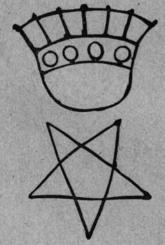


Fig. 185



Fig. 186

as Hi Water

Estampa XVII

NEW CARLEY KIND DEST

- 187. Jogo antigo (Beira), p. 249.
- 188. Escultura do mosteiro de Alcobaça, pp. 250-251.
- 189. Pinturas de uma parede da matriz de Duas Igrejas, p. 251.
- 190. Cornicho (amuleto meridional), p. 251.
- 191. De uma cangalha lisbonense, p. 251.
- 192. Tatuagem portuguesa, p. 251.
- 193. De uma corna alentejana, p. 252.
- 194-195. Pintadeira (Lisboa), p. 252.
 - 196. Marca de barco pòveiro, p. 252.
 - 197. Sinal de um notario apostólico de Lisboa, p. 252.

Estampa XVII

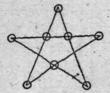


Fig. 187







Fig. 193

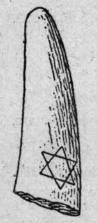


Fig. 190





Fig. 188



Fig. 195



Fig. 191





Fig. 196

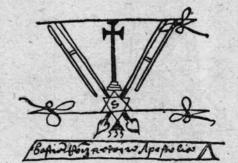


Fig. 197

Estampa XVIII

- 198. De umas luminarias (Lisboa), p. 252.
- 199. De uma assinatura portuguesa do sec. ix, p 255.
- 200. Sinal publico de tabelião português do sec. XIII, p. 255.
- 201. Marca de cantaria do mosteiro de Belem, p. 255.
- 202. Complemento teorico da fig. 201.
- 203. Sinal publico de um tabelião português do sec. XIX, p. 256.
- 204 a 207. Marcas figulinas do Alentejo e da Estremadura, p. 256.
 - 208. De uma corna, p. 256.
 - 209-210. De tampas de cornas, p. 256.

Estampa XVIII

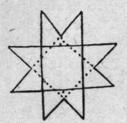


Fig. 202



Fig. 200

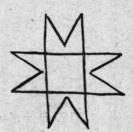




Fig. 203

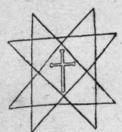


Fig. 206

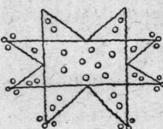


Fig. 207

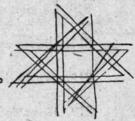


Fig. 2 9





Fig. 199



Fig. 198

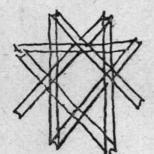
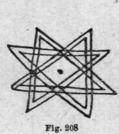


Fig. 204



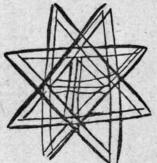


Fig. 210

Estampa XIX

- 211. De uma tampa de corna, p. 256.
- 212. Desenho num prato moderno, p. 257.
- 212 bis. Cossoiro alentejano, p. 257.
 - 213. Marca de um barqueiro da Póvoa, p. 257.
 - 214. De uma canga de Montemór-o-Velho, p. 257, nota 2.
 - 215. De uma canga da Figueira da Foz, p. 257, nota 2.
 - 216. De uma cangalha (Lisboa), p. 257, nota 2.
 - 217. Ornato açorico, p. 257.
 - 218. Ornato de uma colcha micaelense, p. 257.
 - 219. Firma de um rei navarro, p. 258.
 - 220. Emblema magico das Cantigas de Afonso o Sábio, p. 258.
 - 221. Moeda arabiga com o octalfa, p. 258-259.

Estampa XIX

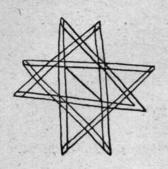




Fig. 212] .

Fig. 211





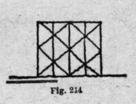
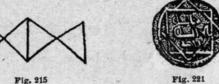


Fig. 212-bis















Estampa XX

- 222. Moeda arabiga com o pentalfa, p. 258-259.
- 223. Octalfa magico indostanico, p. 259.
- 224. Brinco desenhado num ms. parisiense, p. 259. Cf. fig. 84.
- 225. Caco algarvio da epoca arabica, p. 259, nota 4.
- 226 a 229. Assinaturas de reis de Navarra e Aragão, p. 265.
- 230 a 232. Sinais publicos de tabeliães portugueses do sec. XIII, p. 265.
 - 233. Nodo di Salomone (Italia) p. 265.
 - 234. De uma corna alentejana, p. 265.

Estampa XX



Fig. 223





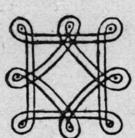
Fig. 224





Fig. 225









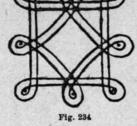


Fig. 232



Fig. 231

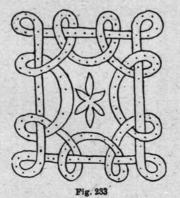


Fig. 229

Estampa XXI

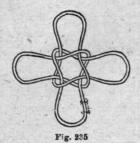
hereted.

235-236. Nodi (ou gruppi) di Salomone (Italia), p. 265.

237-238. Ornatos da Biblia hebraica da Biblioteca Nacional, p. 266, nota 1.

239. Moeda atribuida a D. Afonso Henriques, p. 267 e sgs.

Estampa XXI











Estampa XXII

240. Frontispicio do Livro de S. Cypriano, p. 269.

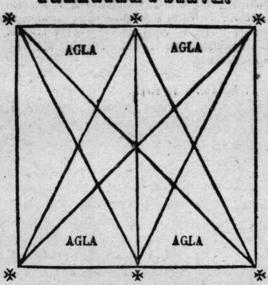
Estampa XXII

failed a proper party of the

LIVRO DE S. CYPRIANO TIRADO D'UM MANUSCRIPTO

Feito pelo mesmo SANTO, que ensina a desencantar todos os encantos feitos pelos Mouros meste Reino de Portugal, e tambem indicando o luyar onde so encontrão.

MANDADO PUBLICAR POR
PERREZIRA & SEEVA.



PORTO: TYPOGRAPHIA DE D. ANTONIO MOLDES, Largo da Batalha N.º 41.-1849.

Origem das gravuras

As gravuras n.ºº 28 a 33, 42, 43, 49, 95, 233, 235, 236 e 240 foram feitas das proprias obras a que se referem, enviadas para a Imprensa Nacional.

A gravura n.º 83 foi feita d'um decalque.

A gravura 41 foi feita do proprio bilhete; as gravuras n.º 86, 90, 113, 184 foram feitas dos proprios anuncios; a gravura n.º 93 foi feita do proprio prato; a gravura n.º 203 foi feita do proprio documento: tudo isto enviado tambem para a Imprensa Nacional.

As gravuras n.º* 114, 132 & 190, 163 e 188 assentam em desenhos feitos respectivamente pelo S.ºee D.ºr Alfredo Bensaude, Gabriel Pereira (hoje

falecido), Carlos Augusto Ferreira, e Maximiano Apolinario.

A gravura n.º 124 foi-me emprestada pelo S.ºr Julio Aillaud; e as gravuras n.ºº 69, 161 e 179-bis pertencem ao Archeologo.

A gravura n.º 239 é tirada do meu opusculo intitulado Numismatica Nacio-

nal, enviado para a Imprensa.

Todas as restantes gravuras, salvo êrro, assentam em desenhos de Saavedra Machado, Desenhador do Museu Etnologico, feitos directamente dos proprios objectos (por exemplo: 34 a 36, 39, 47, 48, 85, 98 a 112, 115, 116, 125, 194-195, 212, 212-bis), de pergaminhos (por ex.: 164 a 179, 197, 200), de gravuras já impressas, ou de apontamentos.

the set sautes

Campolide, 7 de Julho de 1918.

J. L. DE V.